

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS**  
**CENTRO DE EDUCAÇÃO E CIÊNCIAS HUMANAS**  
**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA**

Efeito da violência intrafamiliar sobre o pensamento contrafactual de mulheres

Florença Lucia Coelho Justino

Orientadora: Patrícia Waltz Schelini

São Carlos – SP

Fevereiro, 2014

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS**  
**CENTRO DE EDUCAÇÃO E CIÊNCIAS HUMANAS**  
**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA**

Efeito da violência intrafamiliar sobre o pensamento contrafactual de mulheres

Florença Lucia Coelho Justino

Orientadora: Patrícia Waltz Schelini

Dissertação apresentada ao  
Programa de Pós-Graduação em  
Psicologia do Centro de Educação e  
Ciências Humanas da Universidade  
Federal de São Carlos, como parte dos  
requisitos para obtenção do título de  
Mestre em Psicologia.

São Carlos – SP

Fevereiro, 2014

**Ficha catalográfica elaborada pelo DePT da  
Biblioteca Comunitária da UFSCar**

J96ev

Justino, Florença Lucia Coelho.

Efeito da violência intrafamiliar sobre o pensamento  
contrafactual de mulheres / Florença Lucia Coelho Justino. -  
- São Carlos : UFSCar, 2014.  
216 f.

Dissertação (Mestrado) -- Universidade Federal de São  
Carlos, 2014.

1. Imaginação. 2. Modificação da realidade. 3. Violência. I.  
Título.

CDD: 153.3 (20<sup>a</sup>)



PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA

COMISSÃO JULGADORA DA DISSERTAÇÃO DE MESTRADO

Florença Lucia Coelho Justino

São Carlos, 28/02/2014

*Patricia Waltz Schelini*

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Patrícia Waltz Schelini (Orientadora e Presidente)  
Universidade Federal de São Carlos/UFSCar

*Sara Del Prete Pancieira*

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Sara Del Prete Pancieira  
Universidade Federal de São Paulo/UNIFESP

*Rachel de Faria Brino*

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Rachel de Faria Brino  
Universidade Federal de São Carlos/UFSCar

Submetida à defesa em sessão pública  
realizada às 14h no dia 28/02/2014.

Comissão Julgadora:

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Patrícia Waltz Schelini  
Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Sara Del Prete Pancieira  
Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Rachel de Faria Brino

Homologada pela CPG-PPGpsi na

\_\_\_\_\_ .Reunião no dia \_\_\_\_ / \_\_\_\_ / \_\_\_\_

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Deisy das Graças de Souza  
Coordenadora do PPGpsi

## Sumário

RESUMO .....	xiv
ABSTRACT .....	xv
Apresentação E Justificativa .....	1
Capítulo 1: Imaginação E Pensamento Contrafactual .....	4
A imaginação .....	4
Os estudos acerca da imaginação e do pensamento contrafactual .....	8
O pensamento contrafactual .....	12
As teorias acerca do pensamento contrafactual .....	15
Linhas de falha na realidade: a base para elaboração do pensamento contrafactual .....	26
Tipos de pensamento contrafactual .....	35
a) <i>Quanto à direção da comparação</i> .....	35
b) <i>Quanto à estrutura</i> .....	37
c) <i>Quanto ao alvo da modificação</i> .....	38
c) <i>Quanto à função</i> .....	39
Capítulo 2: A Violência Doméstica E O Pensamento Contrafactual Em Grupos Específicos....	51
A violência doméstica .....	51
O pensamento contrafactual em grupos específicos.....	54
Capítulo 3 – Estudo 1: Elaboração De Técnica Para Acessar O Pensamento Contrafactual .....	61
Método .....	61
<i>Participantes.</i> .....	61
<i>Local.</i> .....	62
<i>Materiais e procedimentos.</i> .....	62
Resultados E Discussão Do Estudo 1 .....	66
Capítulo 4: Estudo 2 - Comparação Do Pensamento Contrafactual Em Mulheres Vítimas De Violência E Em Mulheres Não Vítimas De Violência.....	85
Método .....	85
<i>Participantes.</i> .....	85
<i>Local.</i> .....	89
<i>Materiais e procedimentos.</i> .....	89
Resultados do Estudo 2 .....	92
<i>Resultados referentes à questão “Enquanto você lia a estória ocorreu algum pensamento sobre o que você estava lendo?”</i> .....	96

<i>Resultados referentes à segunda questão do material</i> .....	126
<i>Resultados referentes à escolha de alternativas de modificação para as histórias apresentadas</i> .....	145
Capítulo 5: Discussão Do Estudo 2.....	159
Capítulo 6: Considerações Finais.....	172
Referências Bibliográficas .....	177
ANEXO 1.....	185
CARTA ENTREGUE AOS JUÍZES .....	185
ANEXO 2_ATIVIDADE DE TREINO REALIZADA NA CAPACITAÇÃO .....	187
ANEXO 3: MATERIAL ENTREGUE PARA A PRIMEIRA AVALIAÇÃO.....	189
ANEXO 4: PRIMEIRA VERSÃO DOS CENÁRIOS DE ESTUDOS ADAPTADOS DA LITERATURA.....	201
ANEXO 5: MATERIAL PARA QUARTA AVALIAÇÃO DOS JUÍZES .....	202
ANEXO 6 : VERSÃO FINAL DO MATERIAL.....	207

## INDÍCE DE TABELAS

Tabela 1. Distribuição das estórias em cada uma das três avaliações. ....	63
Tabela 2. Avaliação das alternativas quanto à ascendência e descendência. ....	67
Tabela 3. Primeira avaliação das alternativas com relação aos aspectos da realidade... 68	
Tabela 4. Alternativas readequadas após a primeira avaliação – Estória 1: Dilema da Montanha.....	70
Tabela 5. Alternativas readequadas após a primeira avaliação – Estória 2: Renascido para viver.....	71
Tabela 6. Alternativas readequadas após a primeira avaliação – Estória 3: O encantador de platéias. ....	72
Tabela 7. Alternativas readequadas após a primeira avaliação – Estória 4: Celular e elevador salvaram ajudante de obras de desabamento no Rio.....	73
Tabela 8. Segunda avaliação das alternativas com relação aos aspectos da realidade... 74	
Tabela 9. Alternativas readequadas após a segunda avaliação – Estória 2: Renascido para viver. ....	75
Tabela 10. Alternativas readequadas após a segunda avaliação – Estória 3: O encantador de plateias. ....	76
Tabela 11. Alternativas readequadas após a primeira avaliação – Estória 4: Celular e elevador salvaram ajudante de obras de desabamento no Rio.....	77
Tabela 12. Avaliação das alternativas dos cenários quanto à ascendência e descendência.....	78
Tabela 13. Avaliação das alternativas propostas para os cenários adaptados de McCloy e Byrne (2000) e Juhos et al. (2003). ....	79
Tabela 14. Alternativas do cenário “A tentação” readequadas. ....	80
Tabela 15. Alternativas do cenário “No caminho de casa” readequadas. ....	80
Tabela 16. Índice de concordância das alternativas analisadas pelos juízes nas três avaliações.....	83
Tabela 17. Estado civil das mulheres que compuseram a amostra de participantes .....	85
Tabela 18. Nível de escolaridade das mulheres que compuseram a amostra de participantes.....	87
Tabela 19. Tipo(s) de violência sofrido por cada uma das mulheres que compuseram o grupo de vítimas de violência.....	88

Tabela 20. Escores máximo, mínimo e média dos escores obtidos por ambos os grupos nos Inventários Beck de Ansiedade e Depressão .....	92
Tabela 21. Comparação das médias obtidas pelos grupos nos Inventários Beck de Ansiedade (BAI) e depressão (BDI).....	93
Tabela 22. Exemplos de falas representativas das categorias pensamento livre e pensamento contrafactual espontâneo elaborados a partir da Estória 1 – A tentação ....	97
Tabela 23. Classificação dos pensamentos contrafactuais espontâneos elaborados espontaneamente a partir da Estória 1 – A Tentação.....	98
Tabela 24. Média, desvio-padrão e erro padrão da média para as categorias obtidas mediante a apresentação da Estória 1 – A Tentação. ....	99
Tabela 25. Comparação entre as médias das frequências por categorias dos pensamentos evocados a partir da Estória 1 – A tentação.....	102
Tabela 26. Exemplos de falas representativas das categorias pensamento livre e pensamento contrafactual elaborados a partir da Estória 2 – No Caminho de Casa ....	104
Tabela 27. Classificação dos pensamentos contrafactuais elaborados espontaneamente a partir da Estória 2 – No Caminho de Casa .....	105
Tabela 28. Média, desvio-padrão e erro padrão da média para as categorias obtidas mediante a apresentação da Estória 2 – No caminho de casa.....	106
Tabela 29. Comparação entre as médias das frequências por categorias dos pensamentos evocados a partir da Estória 2 – No Caminho de Casa.....	108
Tabela 30. Exemplos de falas representativas das categorias pensamento livre e pensamento contrafactual elaborados a partir da Estória 3 – Dilema da Montanha.....	110
Tabela 31. Classificação dos pensamentos contrafactuais elaborados espontaneamente a partir da Estória 3 – Dilema da Montanha.....	111
Tabela 32. Média, desvio-padrão e erro padrão da média para as categorias obtidas mediante a apresentação da Estória 3 – Dilema da Montanha. ....	112
Tabela 33. Comparação entre as médias das frequências por categorias dos pensamentos evocados a partir da Estória 3 – Dilema da Montanha .....	113
Tabela 34. Exemplos de falas representativas das categorias pensamento livre e pensamento contrafactual elaborados a partir da Estória 4 – Renascido para viver.....	115
Tabela 35. Classificação dos pensamentos contrafactuais elaborados espontaneamente a partir da Estória 4 – Renascido para Viver.....	116



Tabela 36. Média, desvio-padrão e erro padrão da média para as categorias obtidas mediante a apresentação da Estória 4 – Renascido para Viver. ....	117
Tabela 37. Comparação entre as médias das frequências por categorias dos pensamentos evocados a partir da Estória 4 – Renascido para viver .....	118
Tabela 38. Exemplos de falas representativas das categorias pensamento livre e pensamento contrafactual espontâneo elaborados a partir da Estória 5 – Celular e elevador salvam ajudantes de obra no Rio. ....	120
Tabela 39. Classificação dos pensamentos contrafactuals elaborados espontaneamente a partir da Estória 5 – Celular e elevador salvam ajudante de obras no Rio.....	121
Tabela 40. Média, desvios-padrão e erros- padrão da média para as categorias obtidas mediante a apresentação da Estória 5– Celular e elevador salvam ajudante de obras no Rio. ....	122
Tabela 41. Comparação entre as médias das frequências por categorias dos pensamentos evocados a partir da Estória 5 – Celular e elevador salvam ajudante de obras no Rio. ....	123
Tabela 42. Número total de PCs espontâneos elaborados a partir da primeira questão do material para cada uma das estórias. ....	125
Tabela 43. Frequência de PCs direcionados por categoria para cada um dos grupos de comparação referentes à Estória 1- A Tentação .....	127
Tabela 44. Médias, desvios-padrão e erros- padrão da média para as categorias obtidas mediante a apresentação da Estória 1– A Tentação. ....	128
Tabela 45. Comparação entre as médias das frequências por categorias dos pensamentos evocados a partir da Estória 1 – A tentação.....	129
Tabela 46. Frequência de PCs direcionados por categoria para cada um dos grupos de comparação referentes à Estória 2- No Caminho de Casa.....	131
Tabela 47. Médias, desvios-padrão e erros- padrão da média para as categorias obtidas mediante a apresentação da Estória 2– No Caminho de Casa. ....	132
Tabela 48. Comparação entre as médias das frequências por categorias dos PCS direcionados elaborados a partir da Estória 2 – No Caminho de Casa.....	133
Tabela 49. Frequência de PCs direcionados por categoria para cada um dos grupos de comparação elaborados a partir da Estória 3- Dilema da Montanha.....	134
Tabela 50. Médias, desvios-padrão e erros- padrão da média para as categorias obtidas mediante a apresentação da Estória 3 – Dilema da Montanha .....	135

Tabela 51. Comparação entre as médias das frequências por categorias dos PCS direcionados elaborados a partir da Estória 3 – Dilema da Montanha .....	136
Tabela 52. Frequência de PCs direcionados por categoria para cada um dos grupos de comparação elaborados a partir da Estória 4 – Renascido para Viver .....	137
Tabela 53. Médias, desvios-padrão e erros- padrão da média para as categorias obtidas mediante a apresentação da Estória 4 – Renascido para Viver .....	138
Tabela 54. Comparação entre as médias das frequências por categorias dos PCS direcionados elaborados a partir da Estória 4 – Renascido para viver .....	139
Tabela 55. Frequência de PCs direcionados por categoria para cada um dos grupos de comparação elaborados a partir da Estória 5 – Celular e elevador salvam ajudante de obras no Rio.....	140
Tabela 56. Médias, desvios-padrão e erros- padrão da média para as categorias obtidas mediante a apresentação da Estória 5 – Celular e elevador salvam ajudante de obras no Rio. ....	141
Tabela 57. Comparação entre as médias das frequências por categorias dos PCs direcionados elaborados a partir da Estória 5 – Celular e elevador salvam ajudante de obras no Rio.....	142
Tabela 58. Número total de PCs espontâneos elaborados a partir da segunda questão do material para cada uma das estórias. ....	144
Tabela 59. Frequência de respostas por categoria para ambos os grupos de comparação referentes à Estória 1 (“A Tentação”).....	146
Tabela 60. Médias, desvios-padrão e erros- padrão da média para as categorias obtidas mediante a apresentação da Estória 1 – A tentação.....	147
Tabela 61. Comparação entre as médias das frequências por categorias dos PCS direcionados elaborados a partir da Estória 1- A tentação .....	148
Tabela 62. Frequência de respostas por categoria para ambos os grupos de comparação referentes à Estória 2 (“No caminho de casa”).....	148
Tabela 63. Médias, desvios-padrão e erros- padrão da média para as categorias obtidas mediante a apresentação da Estória 2 – No caminho de casa.....	149
Tabela 64. Comparação entre as médias das frequências por categorias dos PCS direcionados elaborados a partir da Estória 2 – No caminho de casa.....	150
Tabela 65. Frequência de respostas por categoria para ambos os grupos de comparação referentes à Estória 3 (“Dilema da Montanha”) .....	151

Tabela 66. Médias, desvios-padrão e erros- padrão da média para as categorias obtidas mediante a apresentação da Estória 3 – Dilema da Montanha. ....	152
Tabela 67. Comparação entre as médias das frequências por categorias dos PCS direcionados elaborados a partir da Estória 3 – Dilema da Montanha .....	153
Tabela 68. Frequência de respostas por categoria para ambos os grupos de comparação referentes à Estória 4 (“Renascido para Viver”) .....	154
Tabela 69. Médias, desvios-padrão e erros- padrão da média para as categorias obtidas mediante a apresentação da Estória 4 – Renascido para Viver .....	154
Tabela 70. Comparação entre as médias das frequências por categorias dos PCS direcionados elaborados a partir da Estória 4– Renascido para Viver .....	155
Tabela 71. Frequência de respostas por categoria para ambos os grupos de comparação referentes à Estória 5 - Celular e elevador salvam ajudante de obras no Rio.....	156
Tabela 72. Médias, desvios-padrão e erros- padrão da média para as categorias obtidas mediante a apresentação da Estória 5 – Celular e elevador salvam ajudante de obras no Rio .....	156
Tabela 73. Comparação entre as médias das frequências por categorias das alternativas de modificação da Estória 5 – Celular e elevador salvam ajudante de obras no Rio... ..	157
Tabela 74. Categorias escolhidas com mais frequência por estória para ambos os grupos .....	158

## ÍNDICE DE FIGURAS

<i>Figura 1.</i> Modelo da via especificada pelo conteúdo ( <i>content specific pathway</i> ) pela qual os contrafatos influenciam o comportamento. Fonte: Epstude e Roese (2008) adaptado de Roese e Olson (1997) e Segura e Morris (2005). .....	17
<i>Figura 2.</i> Via de ação especificada pelo conteúdo <i>versus</i> via de conteúdo neutro do pensamento contrafactual. Fonte: Epstude e Roese (2008). .....	20
<i>Figura 3.</i> Frequência de pensamentos evocados pela primeira questão da Estória 1 – Tentação. ....	96
<i>Figura 4.</i> Frequência de pensamentos evocados pela primeira questão da Estória 2 – No Caminho de Casa. ....	103
<i>Figura 5.</i> Frequência de pensamentos evocados pela primeira questão da Estória 3 – Dilema da Montanha. ....	109
<i>Figura 6.</i> Frequência de pensamentos evocados pela primeira questão da Estória 5 – Celular e elevador salvam ajudantes de obra no Rio. ....	119
<i>Figura 7.</i> Frequência de respostas na categoria “pensamento contrafactual espontâneo” referentes à primeira questão das cinco estórias. ....	124
<i>Figura 8.</i> Frequência de PCs direcionados referentes à segunda questão das cinco estórias. ....	143

## ÍNDICE DE QUADROS

<i>Quadro 1.</i> Exemplo do material que compõe a técnica para avaliação do pensamento contrafactual em adultos, com suas respectivas questões e alternativas de múltipla escolha. ....	90
---	----

Dedico este trabalho ao meu querido avô Edson Coelho, que muito se orgulhava dos meus estudos.

## **Agradecimentos**

Muitas foram as pessoas que colaboraram para que a realização desse trabalho fosse possível:

Agradeço primeiramente aos meus pais, Luiz e Marizett, pelos incentivos constantes e incondicionais e pelos esforços desmedidos em prol da minha formação pessoal e profissional; pelo colo que sempre me acolheu em momentos de maiores dificuldades e pelas inúmeras palavras que me inspiraram e motivaram a dar continuidade ao mestrado e à minha irmã Maraísa pela presença constante e o ouvido amigo;

À Professora Patrícia Schelini, pela disposição em topar estudar um tema que precisava ainda ser descoberto e desbravado, pela orientação, compreensão, carinho e atenção dispensados a mim mesmo em momentos externos às nossas reuniões de orientação, pelos doces cafés e chocolates compartilhados, pela amizade e os “Que a força esteja com você” que muito colaboraram para o meu amadurecimento pessoal e profissional enquanto pesquisadora;

À psicóloga Anaísa Mazari do Centro de Referência da Mulher, pela colaboração na coleta de dados e pela amizade desenvolvida durante os meses que frequentei o serviço para a realização da coleta de dados;

À Paula Selhi, chefe do CEAMO-Campinas e às técnicas de sua equipe, pela receptividade, acolhida e esforços para que eu conseguisse o contato de algumas participantes;

À todas as mulheres que toparam realizar a entrevista e contribuíram com a minha coleta de dados;

Às minhas queridas amigas de república Giovanna, Isadora e Carolina e nossa agregada Mariana, pelos momentos de descontração proporcionados e pela convivência reforçadora e harmoniosa e à Bia Prado, pelas acolhidas em sua casa;

À minha amiga Jussara, agradeço especialmente pela força e assistência na execução desta pesquisa, pela companhia nas viagens aos congressos e pela amizade linda e doce que fortalecemos ao longo do período do mestrado; à Juliana, pelo companheirismo para desbravar o tema deste trabalho; à Marília Zampieri, pelos momentos reforçadores e as palavras de carinho e conforto nos momentos apropriados e pelas ajudas com a revisão do texto; à Thaize, pelos incentivos e conselhos, à Tati Lance e Ana Denipote, pelos abraços aconchegantes e o apoio; à Camilinha, pelas caronas nas idas à São Carlos e pelo compartilhamento das experiências acadêmicas;

À Najara Almeida, pelos puxões de orelha e suporte nos momentos mais difíceis e pelo melhor abraço para me acalmar;

Ao Programa de Pós Graduação em Psicologia e seus docentes pela oportunidade de realizar o mestrado e pela dedicação à nossa formação de pesquisadores;

À CAPES e à FAPESP (Processo 2012/02231-7), pelo apoio financeiro para a realização deste trabalho;

Às professoras Rachel Brino e Sara Pancieira Del Prete pelas valiosas contribuições e leitura cuidadosa do meu material;

E a todos que de alguma forma contribuíram para que este trabalho pudesse ser realizado com sucesso, meus sinceros agradecimentos!





Justino, F.L.C. *Efeito da violência intrafamiliar sobre o pensamento contrafactual de mulheres*. Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, SP. 216p.

## RESUMO

Os pensamentos sobre o que não aconteceu, ou pensamentos contrafactuais, são um tipo importante de pensamento imaginativo, podendo ser definidos como pensamentos sobre alternativas a um fato já experienciado, visando alterar a sequência de acontecimentos ou modificar o ocorrido com o objetivo de chegar a um desfecho diferente do que realmente ocorreu. Considerando que o pensamento contrafactual está inserido na função imaginativa e reconhecendo a importância do processo imaginativo como uma forma significativa de adaptação à realidade, adaptação esta que pode se dar por meio da modificação de elementos, o presente trabalho terá como objetivos: elaborar e avaliar uma proposta de técnica para a avaliação do pensamento contrafactual em adultos (Estudo 1) e avaliar em que medida o fator vitimização, ou seja, a experiência da violência enquanto evento traumático influencia na elaboração de tipos específicos de contrafato, verificando se haverá diferenças no estilo do pensamento contrafactual de mulheres vítimas de violência e mulheres não vitimizadas (Estudo 2). O material elaborado foi constituído por cinco histórias adaptadas de jornais e revistas, seguidas de quatro alternativas de modificação. Foram necessárias quatro avaliações até que todas as alternativas atingissem o nível de concordância satisfatório. Considerando a elevada concordância entre os juízes ao final das quatro avaliações, julgou-se que o material elaborado encontra-se adequado para avaliar o pensamento contrafactual em adultos. O material elaborado foi apresentado a 16 mulheres vítimas de violência e a 20 mulheres não vitimizadas. Foi realizada análise de conteúdo dos pensamentos contrafactuais espontâneos e direcionados. Os pensamentos foram categorizados e a frequência contabilizada. Em relação às alternativas foi contabilizada a frequência de respostas por grupo e as médias foram calculadas. O teste *t* de *Student* foi conduzida com o intuito de verificar o significado estatístico das diferenças entre as médias. A maioria dos pensamentos encontrados foram categorizados como ascendentes, subtrativos, autorreferentes e modificaram o aspecto referente à ação/inação. De modo geral, o padrão de pensamentos elaborados pelos grupos foi similar. A História 1 foi discriminativa, uma vez que foi a história a partir da qual diferenças entre os grupos foram reveladas.

**Palavras-chave:** imaginação; modificação da realidade, violência.

## ABSTRACT

Thinking about what have happened or thinking counterfactually is an important type of imagination thinking and may be defined as thoughts about alternatives to something that have been experienced in order to change the sequence of events or modify what happened with the purpose of reaching a different outcome. Considering that counterfactual thinking is insert in the imaginative function and recognizing the importance of imaginative thinking as a significant form of adaptation to reality, which can be achieve through the modification of elements, the aims of this work are: elaborate and evaluate a technique for evaluation of counterfactual thinking in adults (Study 1) and assess the extent to which victimization as a traumatic experience influences the generation of specific types of counterfactual thinking, ensuring if there will be differences in counterfactual thinking generated by women victims of violence and women which do not (Study 2). The material was composed by five stories adapted from newspapers and magazines articles followed by questions and four modification alternatives. Considering the high concordance among judges at the end of the fourth evaluation, the material produced is adequate to assess counterfactual thinking in adults. The material developed was presented to 16 women victims of violent and to 20 not victimized. Content analysis and frequency of categories were conducted to analyze the free and direct report modification responses. Regarding the modification alternatives, the frequency of responses and the means were calculated for both groups. The Student's t-test was conducted to verify the statistics meaning of the mean's differences. Most of the thoughts were classified as upward, subtractive, self referent and referring to the action aspect. Altogether, the pattern of thoughts were similar in both groups. The first story was discriminative once it was the one from which the differences between groups were revealed.

**Key-words:** imagination, modification of reality, violence against women.

## **Apresentação E Justificativa**

A imaginação enquanto objeto de estudo tem ficado a margem das investigações em Psicologia, com exceção feita aos estudos sobre os amigos imaginários e sobre a formação de imagens. O pensamento contrafactual, que pode ser definido como representações mentais de alternativas para eventos, ações ou estados passados, está inserido na função imaginativa e pode auxiliar na vivência e reelaboração de sentimentos, permitindo maneiras diferentes de lidar com as mais diversas situações sendo uma importante forma de adaptação à realidade.

O estudo do pensamento contrafactual em grupos específicos parte do pressuposto de que variáveis individuais estão relacionadas com a geração de tipos específicos de contrafatos e influenciam na função adaptativa ou disfuncionalidade de tal pensamento. A análise desse tipo de cognição nesses grupos pode dar indícios da função e ainda das diferentes formas que os grupos têm em perceber e modificar seus pensamentos em relação à realidade vivida.

Considerando a grande incidência mundial da violência doméstica e os impactos que esse fenômeno tem sobre a integridade física e mental das mulheres, o estudo dessa população faz-se relevante na medida em que a violência passa a ter uma dimensão problemática para a saúde pública e necessita-se entender os efeitos causados pela exposição a esse trauma de forma que se possa pensar em medidas protetivas, preventivas e remediativas. A relevância do estudo do pensamento contrafactual se dá devido à escassez de estudos sobre o tema no contexto brasileiro bem como à relação desse tipo de pensamento com a capacidade de enfrentamento e adaptabilidade do indivíduo.

Desta forma, os objetivos desse trabalho foram elaborar e avaliar uma proposta de técnica para a avaliação do pensamento contrafactual em adultos e analisar em que medida o fator vitimização, ou seja, a experiência da violência enquanto evento traumático influencia na elaboração de tipos específicos de contrafato, verificando se haverá diferenças no estilo do pensamento contrafactual de mulheres vítimas de violência e mulheres não vitimizadas considerando a direção da comparação (ascendente ou descendente), estrutura (aditivo, subtrativo ou substitutivo), alvo da modificação (autorreferente ou heterorreferente) e os aspectos frequentemente modificados de acordo com a literatura (ação/inação, obrigação, tempo e evento não usual).

O Capítulo 1 abordará algumas perspectivas teóricas acerca do pensamento contrafactual, bem como a descrição do estágio de ativação que está relacionado aos aspectos que determinam a ativação desse tipo de cognição e do estágio de elaboração com foco nas linhas de falha na realidade, que podem ser considerados tipos específicos de contrafatos. Ainda serão descritos os tipos de pensamentos contrafactuais considerando algumas dimensões propostas por diferentes autores, tais como direção da comparação, estrutura, alvo da modificação e função.

O Capítulo 2 tratará do fenômeno da violência doméstica, descrevendo definições, dados e os impactos da violência na saúde física e psicológica das mulheres. Neste capítulo ainda serão descritos aspectos do pensamento contrafactual em grupos populacionais específicos, que vivenciam o afeto negativo por meio de diferentes experiências. No Capítulo 3 será descrito o processo de elaboração e avaliação da proposta de técnica para avaliar o pensamento contrafactual em adultos com foco no processo de escolha e composição do material. O Capítulo 4 apresentará a descrição dos resultados da comparação dos pensamentos contrafactuais dos grupos de mulheres

vitimizadas e não vitimizadas. O Capítulo 5 apresentará a discussão dos dados obtidos a partir do Estudo 2, que comparou os pensamentos contrafactuais de mulheres vitimizadas e não vitimizadas por meio da técnica de avaliação do pensamento contrafactual em adultos e por fim, o Capítulo 6 tratará das considerações finais referentes à presente pesquisa.

## Capítulo 1: Imaginação E Pensamento Contrafactual

*“Quem escreverá a história do que poderia ter sido o irreparável do meu passado;*

*Este é o cadáver.*

*Se a certa altura eu tivesse me voltado para a esquerda, ao invés que para direita;*

*Se em certo momento eu tivesse dito não, ao invés que sim;*

*Se em certas conversas eu tivesse dito as frases que só hoje elaboro; Seria outro hoje, e talvez o universo*

*inteiro seria insensivelmente levado a ser outro também.”*

*Fernando Pessoa*

### A imaginação

A imaginação é uma forma de pensamento que possibilita aos indivíduos a reprodução de experiências derivadas dos sentidos básicos da percepção que passam a se refletir na mente na forma de memórias, fantasias, imagens, devaneios ou sonhos (Singer & Singer, 2007). Como vários construtos da Psicologia, a imaginação é concebida de diferentes formas por aqueles que se propuseram a estudá-la. A própria definição de imaginação encontrada nos dicionários não científicos demonstra quão multifacetado é o conceito podendo referir-se à formação de imagens; sonhos diurnos, fantasia e fluxo espontâneo do pensamento de uma ideia para outra; atividade mental de consideração ou planejamento de ações possíveis ou impossíveis e ainda imaginação criativa que se refere à capacidade de conceber ideias novas que levem à criação de produtos novos e originais. A diversidade de definições dá margem a um tratamento fragmentado e diferenciado à imaginação (Roth, 2007).

O conceito de imaginação foi estudado por filósofos de diferentes épocas e sua conceitualização foi feita de formas distintas por cada um deles. Aristóteles foi o primeiro a vislumbrar a imaginação como uma faculdade distinta, que operaria em uma

diversidade de processos cognitivos (O'Connor & Aardema, 2005). Para o filósofo, a imaginação fazia referência ao processo de apresentação de uma imagem à mente por meio da percepção, sendo que essa imagem passaria a fazer parte da faculdade mental que teria por função combinar as experiências sensoriais a fim de estabelecer representações mentais coerentes. Essas representações, segundo Roth (2007), seriam representações verídicas do “aqui e agora” baseadas em *inputs* sensoriais ou em lembranças de experiências prévias. Haveria, portanto, uma conexão entre percepção, formação de imagens e imaginação.

Durante a Idade Média, as ideias sobre imaginação eram baseadas na especulação acerca dos substratos anatômicos que seriam responsáveis por esse tipo de pensamento. O dualismo cartesiano parte do pressuposto de que partes do cérebro atuam de formas distintas nas operações mentais e a imaginação não seria uma exceção. Para Descartes, a imaginação estaria localizada junto ao *sensus communis* na glândula pineal, que para ele seria o ponto de conexão entre mente e corpo. Os filósofos mecanicistas associaram a imaginação com impressões sensoriais. Para Hume, a imaginação faria referência a traços duradouros das experiências perceptuais transitórias que estabeleceriam nossa crença em objetos existentes no mundo exterior bem como sua categorização em classes conceituais representadas por palavras. Kant reformula o conceito e transforma-o em uma força ativa que tornaria possível a construção de uma realidade mental pelos humanos.

Com o advento na teoria psicológica do Cognitivismo, que tem como ponto chave a mente humana, os tópicos referentes ao pensamento imaginativo são retomados e a imaginação passa a ser entendida não apenas como o ato de representar uma imagem, indo além çda percepção sensorial (Byrne, 2005; Roth, 2007).



Vygotsky (1996) foi um dos autores que estudou o processo imaginativo com um viés cognitivo. Segundo ele, o impulso imaginativo constitui um dos impulsos básicos do homem e é caracterizado por uma atividade que combina e cria fazendo do homem um ser que modifica seu presente projetando-se para o futuro. Portanto, para o autor, o processo imaginativo não se restringe à reprodução de acontecimentos experienciados no passado, e sim tem esses acontecimentos como ponto de partida para criar novas combinações e realidades.

A função imaginativa do pensamento depende da experiência, segundo Vygostky (1996) das necessidades e dos interesses do indivíduo em constante adaptação ao ambiente. Haveria, portanto, um vínculo entre imaginação e realidade que ilustra a função adaptativa do processo imaginativo.

Um dos fatores psicológicos importantes para o início do processo imaginativo seria justamente a constante necessidade de adaptação. Nesse sentido, o ser que se encontra totalmente adaptado nada poderia desejar, experimentar ou criar (Vygostky, 1996). Na base de todo o processo está, por conseguinte, a necessidade de adaptação resultante de desejos, necessidades e anseios do ser inadaptado. Para o autor, haveria quatro formas básicas de conexão entre imaginação e realidade. A primeira delas compreende o fato de que toda elaboração imaginativa constitui-se de uma nova combinação de elementos da experiência recuperados da memória que são modificados. A edificação da imaginação depende da memória e o processo imaginativo não é simplesmente reprodutivo como esta, consistindo em novas combinações de elementos já existentes. Assim sendo, a atividade imaginativa relaciona-se diretamente com a riqueza e variedade da experiência acumulada pelo indivíduo. A exploração e a manipulação diretas do ambiente físico e social da criança que ocorrem por meio das brincadeiras de faz-de-conta são pontos críticos (Singer & Singer, 2007) e fazem-se

totalmente necessárias, pois proporcionam o desenvolvimento da imaginação diante da diversidade de experiências.

A imaginação possibilita ainda a ampliação do conhecimento e da experiência do indivíduo por meio da concepção do que não foi diretamente vivenciado por ele, e sim, a partir, de relatos e descrições de outros. O processo imaginativo não se encerra, pois, no círculo da própria experiência. Neste caso, o produto da imaginação será algo irreal, mas que apresenta verossimilhança com o fenômeno ao qual se refere, sendo esta a segunda forma de vinculação entre a imaginação e a realidade (Vygotsky, 1996).

A terceira forma de vinculação entre imaginação e realidade citada por Vygotsky (1996) é a relação entre sentimentos e processo imaginativo. Essa relação se dá de duas maneiras: toda emoção é manifestada em determinadas imagens concordantes com ela, ou seja, os sentimentos têm a capacidade de eleger impressões que serviriam de expressão interna para eles mesmos. Quando a imaginação é que influencia nos sentimentos fala-se na Lei da Representação Emocional da Realidade elaborada por Ribaud (1901 citado por Vygotsky, 1996) e cuja essência reside no fato de que todas as formas de representação imaginativa são compostas de elementos afetivos. Significa dizer que mesmo que o produto da imaginação não concorde com a realidade, todos os sentimentos provocados por ele são reais, ou seja, são efetivamente experienciados pelo homem.

A última forma de vínculo entre imaginação e realidade apresentada por Vygotsky reside na representação de algo completamente novo não existente até então na experiência do indivíduo. Segundo o autor, a imagem cristalizada, convertida em objeto passa a existir na realidade e a influenciá-la. Esta última forma de conexão entre a realidade e a imaginação pode ser ilustrada pelos progressos científicos e tecnológicos e pelas invenções que marcaram a história da humanidade tais como a invenção da

escrita, da eletricidade, do motor a vapor, do motor a explosão, do telégrafo que foi a primeira invenção a permitir a comunicação entre pessoas separadas por longas distâncias (Vygotsky, 1996).

### **Os estudos acerca da imaginação e do pensamento contrafactual**

Apesar das tentativas de estudo do fenômeno da imaginação, esta continua fora do escopo dos objetos de pesquisa, dado o pouco aparecimento do termo como descritor, inclusive em livros texto. Recentemente, com a publicação do *Handbook of imagination and mental simulation* organizado por Markman, Klein e Suhr (2009) e do *The Oxford Handbook of the Development of Imagination*, organizado por Marjorie Taylor (2013), tem-se uma compilação de ensaios sobre a capacidade imaginativa e de geração de realidades alternativas, bem como uma exploração abrangente do campo da imaginação colocando essa capacidade cognitiva no centro dos esforços para o entendimento do pensamento humano. Markman, Klein e Suhr (2009) acreditam que a integração dos trabalhos multidisciplinares que vêm sendo produzidos sobre a imaginação possibilitará uma troca de conhecimentos importante que beneficiará a Psicologia, além de demonstrar que a simulação mental está associada com uma multiplicidade de facetas bem integradas de processos biológicos, neurológicos, psicológicos e sociais.

Os três capítulos do *Handbook of imagination and mental simulation* que abordam o tema do pensamento contrafactual são “*Cognitive Processes in Counterfactual Thinking*”, “*The counterfactual mind-set*”, “*Counterfactual thinking: function and dysfunction*”. O primeiro capítulo descreve estudos de Roese (1997), Byrne (2002, 2005), Johnson-Laird e Byrne (1991, 2002) acerca dos processos

cognitivos subjacentes à elaboração de pensamentos contrafactuais e discute que o contexto influencia os tipos de possibilidades contrafactuais que as pessoas pensam. Byrne e Girotto (2009) discutem, portanto, os princípios que regem a elaboração das alternativas contrafactuais (que será abordado mais adiante no subtópico “Linhas de falha na realidade: a base para elaboração do pensamento contrafactual” deste texto). O Estudo de Frosch (Byrne & Frosch, 2007 citado por Byrne & Girotto, 2009) buscou investigar se há diferenças nas inferências contrafactuais produzidas a partir de fatos conhecidos (acessados diretamente pelo indivíduo) ou fatos pressupostos (relatados por um falante que os divulga). Mesmo quando não se tem acesso direto aos fatos por meio da própria experiência, há uma tendência a assumir que certos fatos são pressupostos por alguém que os divulga e os resultados sugerem que o conhecimento sobre os fatos afeta as inferências que as pessoas estão propensas a fazer quando raciocinam sobre possibilidades contrafactuais. Girotto, Legrenzi e Rizzo (1991), por sua vez, concebem que as pessoas modificam os mesmos aspectos quando as alternativas contrafactuais são comparadas a partir de fatos acontecidos com outras pessoas, sendo que a maioria dos estudos enfatizam como as pessoas pensam o que poderia ter sido a partir de histórias fictícias. Os pesquisadores supõem que pode haver generalização para a forma como se pensa sobre as próprias experiências pessoais. Ao final do capítulo, Byrne e Girotto (2009) concluem que o modo como os indivíduos adquirem informação (estando ou não presente no contexto do evento) afeta o raciocínio contrafactual, no entanto, esse achado não implica que alternativas contrafactuais imaginadas a partir dessas condições distintas serão sempre diferentes. A observação da ação leva o indivíduo passivo a construir representações mentais semelhantes àquelas alternativas à realidade criadas pelos indivíduos que executam ou participam da ação, o que confirma a capacidade

humanada de simular e atribuir estados mentais a outros indivíduos conhecida como teoria da mente.

No capítulo “*The counterfactual mind-set*”, Wong, Galinsky e Kray (2009) abordam o *mind-set* particular do pensamento contrafactual, que também foi descrito por Epstein e Roese (2008) e faz referência ao processo de ativação das cognições sobre eventos passados. Os autores discutem, baseados nas primeiras abordagens acerca do pensamento contrafactual (Kahneman & Miller, 1986; Kahneman e Tversky, 1982; Roese, 1994; Roese & Olson, 1993, 1997), o papel crítico dessas cognições para o processo de resolução de problemas e o funcionamento social dos indivíduos. Além disso, Wong et. al (2009) descrevem algumas classificações dos pensamentos contrafactuais em subtipos tais como direção das comparações e estrutura e relacionam essas dimensões a aspectos funcionais, citando o processo de tomada de decisão e a *performance* criativa. Os autores encerram o capítulo sugerindo que pesquisas futuras investiguem a relação entre traços de personalidade e a geração de tipos específicos de contrafatos, tais como aditivos *versus* subtrativos.

O capítulo “*Counterfactual thinking: function and dysfunction*” escrito por Markman, Karadogan, Lindberg e Zell (2009), aborda as implicações funcionais e disfuncionais das elaborações contrafactuais. Os autores discutem que a geração de inferências do tipo “e se...” é um esforço para entender como uma experiência negativa pode ser prevenida e a partir desse raciocínio, um indivíduo pode identificar múltiplas instâncias contrafactuais que dão dicas de comportamentos diferentes que poderiam ser emitidos em uma mesma situação futura. Markman et.al (2009) salientam ainda que há circunstâncias sob as quais o balanço entre custos e benefícios pode se arranjar de tal forma que a preocupação com o que poderia ter acontecido pode contribuir para a manutenção de reações de estresse pós-traumático e respostas ruminativas para o humor

deprimido (Lyubomirsky & Hoeksema, 1993 citado por Markman et. al, 2009). Ao finalizar o capítulo, os autores afirmam que um desafio para a literatura que versa sobre pensamento contrafactual será identificar em que condições esse tipo de pensamento serve a uma função adaptativa em oposição à perpetuação de um estado de humor negativo.

No livro *The Oxford Handbook of the Development of Imagination*, organizado por Taylor (2013), o raciocínio contrafactual é tema do capítulo “*Counterfactuals and Causality*” elaborado por Sarah Beck e Kevin Riggs. Os autores realizam uma revisão da literatura acerca do desenvolvimento do pensamento contrafactual focalizando no modo como os pensamentos sobre o mundo real influenciam os pensamentos sobre o mundo contrafactual e vice-versa e no entendimento e interpretação da realidade. Afirma-se que a partir dos dois anos de idade, as crianças já começam a apresentar a capacidade de apreciar mundos contrafactuais, no entanto, o desenvolvimento desse tipo de cognição se intensifica e se dá durante os anos pré-escolares se estendendo até a metade da infância. Neste período, a capacidade de pensar contrafactualmente já se aproxima da capacidade adulta, uma vez que ocorre o aumento da habilidade de coordenar alternativas contrafactuais com a realidade e predizer consequências emocionais decorrentes desse tipo de cognição, tais como culpa e alívio.

O estudo da imaginação justifica-se, pois esta é uma propriedade fundamental da cognição humana e é uma das características que confere peculiaridade ao aparato mental. A necessidade do estudo da imaginação é pontuada pela importância que as capacidades inventivas da mente humana e sua flexibilidade assumem em um mundo tecnológico e científico.

## **O pensamento contrafactual**

Thomas (1999) afirma que existem diferentes tipos de pensamentos imaginativos e o termo imaginação foi utilizado para designar diferentes processos cognitivos. Os filósofos, por exemplo, usavam o termo para se referir ao pensamento em si e outros pesquisadores o utilizaram para cunhar a formação de imagens mentais (*imagery*) relacionadas a percepções visuais. Byrne (2005) salienta que ao usarmos o termo “pensamento imaginativo” estamos nos referindo ao pensamento criativo ou ao pensamento contrafactual. Esse último se associa a pensamentos sobre coisas que não ocorreram e foi considerado por Thomas (1999) como um importante tipo de pensamento imaginativo que ocorre de forma recorrente no dia-a-dia das pessoas.

A capacidade de considerar e raciocinar sobre experiências à medida que são lembradas e entendidas e a capacidade de refletir sobre possibilidades hipotéticas são algumas das extraordinárias realizações da cognição humana. A habilidade de pensar hipoteticamente é fundamental para o raciocínio e a tomada de decisão. As pessoas tendem a considerar possibilidades de alternativas hipotéticas quando pensam sobre o futuro e esses pensamentos sobre alternativas futuras auxiliam no planejamento e na predição. No entanto, alternativas hipotéticas também são criadas quando se pensa no passado, essa é a característica das alternativas contrafactuais (Byrne & Giroto, 2009). Pensar em alternativas contrafactuais também auxilia no preparo para o futuro por meio de pistas (informações) sobre como prevenir consequências negativas (McMullen & Markman, 2002; Roese, 1997). Segundo Byrne (2002), tanto a habilidade de imaginar alternativas contrafactuais quanto a habilidade de representar possibilidades mentalmente, têm os mesmos processos cognitivos subjacentes, o que indica uma ligação estrita entre o pensamento contrafactual e o pensamento racional.

O pensamento contrafactual (PC) pode ser definido, portanto, como representações mentais de alternativas para eventos, ações ou estados passados (Byrne, 2005; Roese, 1994, 1997; Epstein & Roese, 2008). São cognições sobre eventos passados que visam alterar a sequência de acontecimentos ou modificar o acontecido com o objetivo de chegar a um desfecho diferente do que realmente ocorreu. Este tipo de pensamento refere-se, portanto, a possibilidades que poderiam ter ocorrido e que, no entanto, não são mais possíveis ou ainda a impossibilidades que nunca poderiam ter acontecido. Geralmente, PCs são expressos sob a forma de proposições condicionais iniciadas por “E se...” ou “O que poderia ter acontecido se...”<sup>1</sup>, que são compostas por um antecedente (que normalmente corresponde a uma ação) e um conseqüente, que corresponde a um resultado, como por exemplo “Se eu tivesse estudado, teria passado no exame final.” O antecedente “Se eu tivesse estudado” corresponde à ação de estudar e o conseqüente “teria passado no exame final” ao resultado que se esperava caso a ação tivesse sido realizada. Percebe-se dessa forma, que pensar contrafactualmente envolve a negação de um antecedente causal, sendo que esse tipo de pensamento é avaliativo na medida em que especifica alternativas que em certa medida são tangíveis de um modo melhor ou pior do que a realidade atual.

Roese (1994) pontua que o PC baseia-se na contradição com os fatos. Parte-se de uma conseqüência factual para que se elabore a suposição contrafactual. Nessa elaboração, um antecedente factual pode ser modificado e o resultado dessa alteração acessado. Os contrafatos são construídos pela reconstituição de um antecedente para o seu *status* “normal”. Para que essa definição possa ser melhor compreendida, pode-se partir de um exemplo que ilustre as etapas de elaboração. Consideremos que um executivo estava acostumado a seguir uma certa rota quando voltava do trabalho para

---

<sup>1</sup> Tradução do inglês *Even if*, *What if* e *What might have been*. Os pensamentos contrafactuais são expressos por meio de frases condicionais e em inglês também são chamados de *What if thoughts*.



casa. Excepcionalmente, em uma sexta-feira, ele resolve seguir por uma rota alternativa e sofre um terrível acidente que o deixa em uma cama de hospital. Sua esposa, muito preocupada com seu estado de saúde passa a ruminar “se apenas meu marido tivesse seguido sua rota usual...” Essa elaboração é um exemplo típico de pensamento contrafactual. A esposa elabora uma proposição condicional que contradiz a realidade. Partindo de uma consequência factual (ou antecedente factual, ou seja, aquilo que aconteceu na realidade), o acidente sofrido pelo marido, a esposa elabora uma suposição contrafactual: seguir a rota usual do trabalho para casa. O resultado disso, não ter sofrido o acidente e não estar em uma cama de hospital, é consequentemente acessado por ela. Sendo assim o contrafato elaborado, “se apenas meu marido tivesse seguido sua rota usual...”, envolveu um antecedente, acidente sofrido pelo marido e um consequente, o marido estar em uma cama de hospital. Roese (1997) restringe o uso do termo para elaborações alternativas ao passado, ou seja, contrafatos não fazem referência a perspectivas futuras apenas à negação de fatos estabelecidos.

O pensamento contrafactual ainda se caracteriza por ser um atributo comum do panorama mental humano e é elaborado de forma involuntária e recorrente sem que haja demanda de qualquer tipo de esforço cognitivo. A capacidade de considerar possibilidades contrafactuais emerge por volta dos dois anos de idade e se evidencia na medida em que as crianças tenham dominado habilidades lexicais que expressam ideias subjuntivas de “e se” (Beck, Robinson, Carrol & Apperly, 2006). Além disso, o raciocínio contrafactual é comum entre culturas e nações (Au, 1983, 1992; Gilovich, Wang, Regan, & Nishina, 2003; Liu, 1985), mesmo que o foco específico dos contrafatos reflita diferentes prioridades herdadas de cada um dos diferentes grupos culturais. Hofstadter (1979 citado por Epstein & Roese, 2008) afirma que o pensamento contrafactual também seria uma propriedade essencial para a inteligência.

## **As teorias acerca do pensamento contrafactual**

Para Mandel, Hilton e Catellani (2005), o capítulo *Simulation Heuristic*, de Kahneman e Tversky, em 1982, foi o precursor para os estudos acerca do pensamento contrafactual, uma vez que os autores descreveram a forma como as pessoas realizavam simulações mentais sobre situações a partir da memória de trabalho. Segundo Epstein e Roesch (2008), as primeiras explicações para o pensamento contrafactual foram derivadas da perspectiva da Teoria da Norma, proposta por Kahneman e Miller em 1986. A geração de pensamentos contrafactuais foi descrita em termos de ativações momentâneas da memória de exemplares similares de experiências passadas, sendo que experiências não usuais resultariam em pensamentos do tipo “e se...” que recapitulariam o estado normal das coisas. A simulação mental foi postulada como sendo um componente chave do pensamento contrafactual. A teoria da norma propunha que o pensamento contrafactual, enquadrado como um heurístico de simulação, seria uma forma de julgamento tendencioso e tomada de decisão.

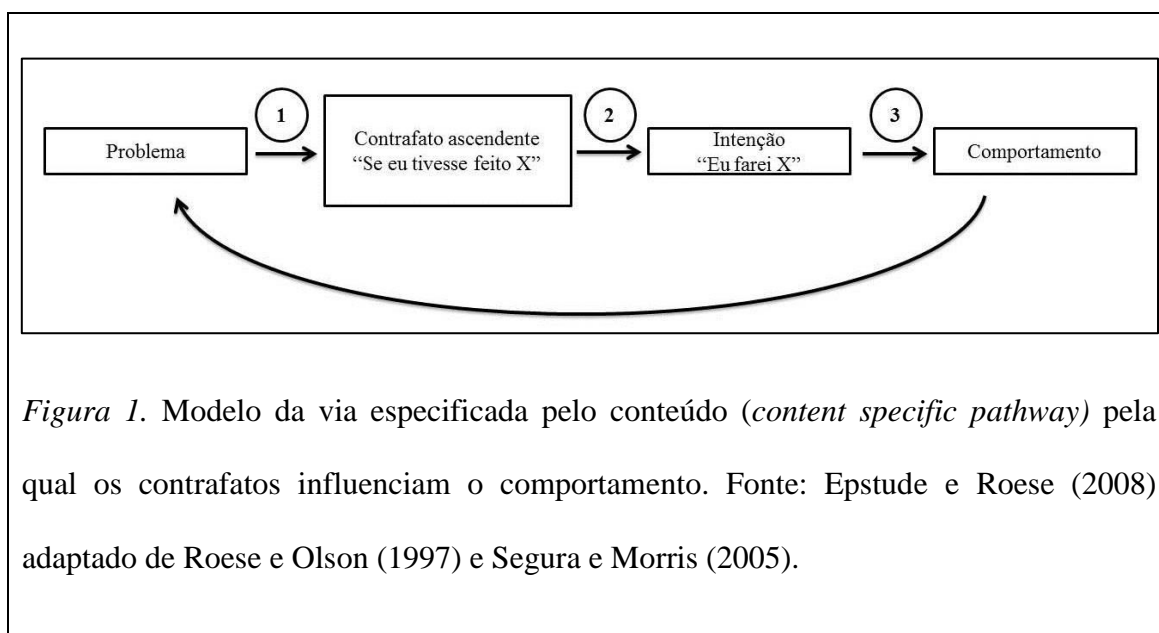
As teorias subsequentes passaram a analisar e estudar o pensamento contrafactual a partir de uma perspectiva de modelos mentais, na qual são estudados os processos cognitivos subjacentes à elaboração de pensamentos contrafactuais (Byrne, 1997, 2002, 2005; Byrne & McEleney, 2000). Essa perspectiva aborda o pensamento contrafactual em termos de construção de blocos de raciocínio focando na forma como fragmentos particulares de informação são encadeados para formar inferências. Além disso, busca-se compreender os mecanismos cognitivos por meio dos quais o ser humano interpreta as frases condicionais componentes do raciocínio contrafactual (Byrne & Quelhas, 1999). Byrne (1997) afirma que o pensamento sobre possibilidades e impossibilidades se baseia em tipos de representações mentais e processos cognitivos

similares e raramente são construídos todos os modelos alternativos de modo explícito devido às limitações da memória de trabalho.

A relevância do pensamento contrafactual tem sido analisada em diferentes domínios e algumas dimensões desse tipo de pensamento são consideradas centrais tais como a função. Epstude e Roese (2008) propõe o estudo do pensamento contrafactual a partir de uma perspectiva funcional, uma vez que o pensamento contrafactual é entendido como sendo útil, benéfico e um componente absolutamente necessário para a regulação do comportamento do indivíduo. Roese (1994) sugeriu que o pensamento contrafactual serviria a dois propósitos: uma função afetiva que estaria relacionada ao sentir-se melhor diante de uma situação e uma função preparatória relacionada com progresso no futuro, que se relaciona a regulação do comportamento, como proposto por Epstude e Roese (2008). Os autores ainda afirmam que os pensamentos contrafactuais são tipicamente ativados por objetivos não alcançados e especificam o que poderia ser feito para que o objetivo seja atingido futuramente.

A partir da proposição da perspectiva funcional, Epstude e Roese (2008) sistematizaram uma teoria funcional sobre o pensamento contrafactual. Duas características definidoras da interpretação funcional de um processo psicológico são (a) o processo é ativado por um déficit ou uma necessidade em particular e (b) o processo produz mudanças que cessam com o déficit ou completam a necessidade. No que se refere ao pensamento contrafactual, se for considerado que sua função primária é a resolução de problemas, então esse tipo de pensamento seria ativado por problemas (que podem ser entendidos como situações que fogem da expectativa ou eventos negativos) e o seu efeito seria evocar comportamentos que corrijam esses problemas. Essa proposição leva os autores a propor um modelo regulatório que governa o comportamento. Este modelo está representado na Figura 1 e é um exemplo de um

modelo de *feedback* negativo, que opera para preservar o equilíbrio quando uma discrepância é detectada entre o estado atual e um estado referência ideal.



Segundo Epstude e Roese (2008), o processo começa com um problema, que pode ser melhor entendido como uma experiência negativa e o reconhecimento desse problema ativa o pensamento contrafactual (Passo 1 na Figura 1), que é constituído por um antecedente (ação) e um conseqüente (objetivo), como exemplo “Se eu tivesse estudado mais, teria passado”. Os pensamentos contrafactuais por si mesmos tem uma propriedade que é a implicação causal, que estimula a ativação de uma intenção comportamental correspondente (Passo 2 na Figura 1), no caso do exemplo essa intenção seria “Pretendo estudar mais da próxima vez”. A intenção de emissão de um comportamento, por sua vez, desencadeia o comportamento corretivo correspondente, o estudante de fato estuda mais da próxima vez (Passo 3 na Figura 1).

Em sua revisão sobre os mecanismos funcionais do pensamento contrafactual, Roese (1997) propôs a existência de dois mecanismos subjacentes às conseqüências desse tipo de pensamento, quais sejam efeitos de contraste e efeitos de inferências

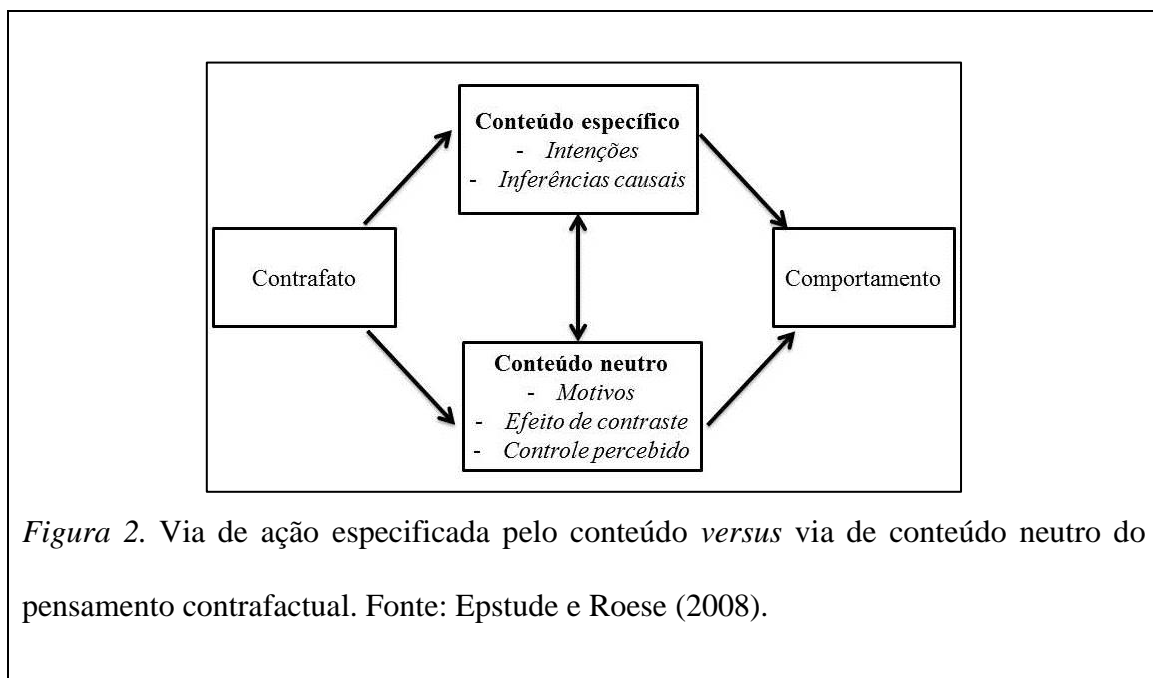
causais. Segundo o autor, os efeitos de contraste ocorrem quando um julgamento é feito por meio da justaposição a um padrão e geralmente geram conseqüências afetivas aversivas. As inferências causais derivam da ligação de um antecedente com a sua conseqüência por meio de contrafatos condicionais. Na situação, “Ana está convencida de que se seu pai nunca tivesse fumado, ele poderia estar vivo”, a condição contrafactual sugere que fumar causa morte prematura.

O efeito de contraste é a via pela qual o pensamento contrafactual influencia as experiências afetivas, independentemente se a alternativa contrafactual é melhor ou pior que a situação atual. Um exemplo do efeito de contraste se origina da observação de atletas olímpicos. Segundo Medvec, Madey e Gilovich (1995 citado por Roese, 1997), o medalhista de prata experiencia menos satisfação com a sua conquista do que o medalhista de bronze. O pensamento contrafactual ascendente “eu poderia ter chegado em primeiro” é proeminente no medalhista de prata enquanto o pensamento contrafactual descendente “ eu poderia ter chegado em quarto lugar e ter perdido a chance de ganhar uma medalha” é proeminente no medalhista de bronze. A proximidade com uma categoria de fronteira elicia pensamentos contrafactuais que se centram na transição para uma nova categoria mais próxima. Para o medalhista de ouro esta categoria é “ser o melhor” e para o medalhista de bronze esta categoria é “não medalhista”. A proximidade da situação atual com aquele que se deseja, mas que não pôde ser obtida ativa uma representação contrafactual centrada na situação ou conseqüência desejada. Os contrafatos atuam como âncoras de julgamentos que representam estados melhores ou piores de afetos. Essas âncoras por sua vez, gerarão afetos e julgamentos subseqüentes na forma de respostas mais extremas. O efeito de contraste estaria relacionado, pois, a função afetiva do pensamento contrafactual.

Os efeitos das inferências causais, o segundo mecanismo subjacente às consequências do pensamento contrafactual, ocorrem devido à ênfase que a condição contrafactual coloca na ligação causal entre o comportamento antecedente e o resultado indesejado. No exemplo supracitado, ao dizer que se o pai não tivesse fumado ele estaria vivo, a relação causal entre o uso do cigarro e a morte prematura é enfatizada. As comparações contrafactuais têm como efeito a ênfase no antecedente causal em particular em termos da sua suficiência para produzir o resultado indesejado (Epstude & Roese, 2008).

Epstude e Roese (2008) salientam que estes dois mecanismos subjacentes às consequências do pensamento contrafactual foram previamente úteis no papel explicativo dos mecanismos desse tipo de pensamento, no entanto, evidências recentes têm sugerido que a baixa efetividade desses mecanismos explicativos. Os autores citam que os efeitos de assimilação afetiva, assim como os efeitos de contraste, acompanham os pensamentos contrafactuais (Epstude & Roese, 2008). Na medida em que os indivíduos fazem uma reflexão mental e experienciam os detalhes do cenário contrafactual, eles podem assimilar as emoções contidas nele, por exemplo, a ansiedade ao se dar conta que o voo perdido, caiu, oposta à eliciação de contraste entre a situação factual de estar vivo e a possibilidade contrafactual de ter morrido. O impacto do pensamento contrafactual na execução de determinados comportamentos, em algumas vezes, ocorre por meio da ativação de *mind-sets* ao invés de inferências causais (Galinsky & Moskowitz, 2000; Galinsky, Moskowitz, & Skurnik, 2000 citados Epstude & Roese, 2008). Por essas razões, Epstude e Roese (2008) propuseram um novo modelo explicativo para as consequências comportamentais do pensamento contrafactual que não se baseia apenas na distinção entre efeitos de contraste e inferências causais.

O modelo sugere uma distinção entre vias de ação especificada pelo conteúdo da elaboração contrafactual e vias de conteúdo neutro. A via de ação especificada pelo conteúdo envolve a transferência de informação de uma inferência contrafactual para intenções de comportamentos, que por sua vez influenciam a execução do comportamento correspondente (Epstude & Roese, 2008). A via de ação especificada pelo conteúdo foi apresentada na Figura 1. Fala-se que a ação é especificada pelo conteúdo, na medida em que a informação específica contida no contrafato relaciona-se a intenção para a execução de um comportamento e como consequência com o próprio comportamento em si. Por outro lado, a via de conteúdo neutro (Figura 2) é ativada por um processamento de informação mais geral ou por uma motivação em realizar um esforço que resultará em uma mudança de comportamento. Os efeitos de contraste, os efeitos de assimilação e as motivações operam de modo independente da informação específica contida no contrafato original.



Na via de ação especificada pelo conteúdo, a sequência regulatória começa com a ocorrência e o reconhecimento de uma experiência negativa. Por exemplo, um estudante recebe uma nota baixa na prova. Há uma discrepância entre o desempenho real do estudante e a referência de um bom desempenho, que seria tirar uma nota boa na prova. O reconhecimento dessa discrepância ativa o pensamento contrafactual, sendo que o estudante poderia pensar “Se eu tivesse estudado mais, eu teria obtido uma nota melhor”. Este contrafato é uma afirmação da relação causal que conecta a ação de estudar ao objetivo de atingir uma nota satisfatória. A partir desse exemplo, pode-se constatar que eventos negativos, inesperados ou surpreendentes ativam e aumentam a produção de pensamentos contrafactuais (Roese & Olson, 1997). Os contrafatos são ferramentas cognitivas prontamente disponíveis para lidar com o meio incerto e inquietante no qual o indivíduo está inserido. Pode-se afirmar que diante da necessidade de compreender e modificar o mundo no qual se está inserido, a elaboração de contrafatos pode vir a ser um indício da capacidade de adaptabilidade do indivíduo. Roese (1997) afirmou que o afeto, parece ser o determinante da ativação do processamento contrafactual, uma vez que o fator desencadeante deste, em grande parte, é a experiência de emoções negativas. Em geral, a emoção negativa é um sinal para o organismo de que há algum problema ou ameaça e em consequência e em resposta a esse sinal, as respostas cognitivas são acionadas. A partir do modelo da via de ação especificada pelo conteúdo, Epstein e Roese (2008) complementam as proposições de Roese (1997) e sugerem que os dois determinantes chave da ativação do pensamento contrafactual seriam o reconhecimento de um problema (que bloqueia o acesso a um objetivo) e as emoções negativas que acompanham esse reconhecimento. Vale ressaltar que essas proposições de um conjunto de determinantes, descritas até o momento, referem-se ao processo de ativação do pensamento contrafactual, um conjunto diferente



de determinantes tais como violação da norma e o controle percebido em uma dada situação irão determinar o conteúdo do pensamento contrafactual. Aspectos da elaboração, que deve ser entendida como o conteúdo das alternativas contrafactuais, serão abordados na seção seguinte. Portanto, o passo 1 (Figura 1) da via especificada pelo conteúdo é ativação do pensamento contrafactual por problemas ou afetos negativos.

O Passo 2 (Figura 1) da via de ação especificada pelo conteúdo envolve um *insight*, contido no próprio contrafato, acerca da utilidade de uma ação que se transferira para a intenção de execução de um comportamento. Considerando o exemplo que estava sendo analisado (o estudante que recebe uma nota baixa na prova), a intenção relacionada ao contrafato “Se eu tivesse estudado mais, eu teria uma nota boa na prova”, o *insight* contido no contrafato, estudar mais, fornece a base para a formação da intenção para a execução do comportamento. O Passo 3 (Figura 1) se relaciona a forma como a intenção de execução de um comportamento se conecta com o comportamento em si. Para a perspectiva funcional do pensamento contrafactual proposta por Epstein e Roese (2008), os tipos de intenções de interesse seria as intenções de implementação.

As intenções de implementação se caracterizam por serem mais específicas, concretas e mais relacionadas a um momento de oportunidade do que as intenções voltadas para objetivos e intenções comportamentais (Gollwitzer, 1993,1999; Gollwitzer & Sheeran, 2006 citados por Epstein & Roese, 2008). Esse tipo de intenção envolve uma ligação estrita com a memória de representações específicas de ação e oportunidades específicas para que a ação seja executada. Desta forma, as intenções de implementação eliciam ações quando as oportunidades adequadas são encontradas. Epstein e Roese (2008) preveem que quanto mais específica for a intenção resultante de um pensamento contrafactual, mais provável o comportamento. A probabilidade de

executar um comportamento (por exemplo, estudar mais) é relativamente maior para os indivíduos que elaboram intenções de implementação. Vandewart, Stewart e Malley (1995 citados por Epstude & Roese, 2008) relataram que pensamentos contrafactuais ascendentes em uma amostra de mulheres de meia idade estavam associados com previsões de mudanças futuras na carreira, no estilo de vida e nas relações interpessoais. Outras evidências que convergem com a proposição de que o pensamento contrafactual influencia o comportamento foram encontradas em um estudo anterior de Roese (1994), cujo objetivo foi demonstrar que tipos específicos de contrafatos influenciam a melhora de desempenho dos indivíduos. No experimento, buscaram-se evidências que confirmassem a ligação entre contrafatos e comportamento. Os participantes deveriam executar duas tarefas computadorizadas contendo 10 anagramas. Os pensamentos contrafactuais deveriam ser gerados entre as duas tarefas. Melhoras no desempenho da primeira para a segunda tarefa representariam indicadores comportamentais dos efeitos preparatórios dos contrafatos gerados. Após completar o primeiro conjunto de 10 anagramas, os participantes recebiam um *feedback* de insucesso na tarefa e em seguida deveriam produzir alternativas contrafactuais para suas performances. Aqueles que geraram mais pensamentos ascendentes apresentaram uma melhora no seu desempenho. O mesmo ocorreu para aqueles que geraram contrafatos aditivos. A frequência de uso de pistas e de anagramas saltados, que era automaticamente registrada pelo computador, representava comportamentos específicos que poderiam contribuir potencialmente para a melhora no desempenho na solução dos anagramas. Quando os participantes geravam contrafatos que focavam na adição de novas ações que poderiam facilitar a sua *performance* futura na solução dos anagramas, era mais provável que agissem de acordo com eles. O uso de pistas para a solução dos anagramas representa um caminho pelo qual os contrafatos influenciaram o desempenho dos participantes.

A via de conteúdo neutro representa o modo como a informação é utilizada, em oposição às suas particularidades em si, o que significa independente do significado do conteúdo expresso pelo pensamento contrafactual, o contrafato irá ativar algum processo atencional, cognitivo ou motivacional que irá alterar o comportamento. Epstude e Roese (2008) fazem a distinção entre três efeitos da via de conteúdo neutro: *mind-sets*, motivação e auto-inferências. O termo *mind-set* é originário do domínio da resolução de problemas (Külpe, 1904 citado por Epstude & Roese, 2008) e quando se fala em *mind-set* contrafactual o termo faz referência ao conjunto de operações cognitivas, que incluem deslocamento da atenção para classes específicas de informação e o uso de estratégias inferenciais específicas. Segundo Markman, Lindberg, Kray & Galinsky (2007 citados por Epstude & Roese, 2008), dois tipos de *mind-sets* contrafactuais evocam diferentes consequências. O *mind-set* subtrativo melhora a performance em tarefas analíticas e de resolução de problemas e o aditivo nas tarefas de geração de idéias criativas.

Os efeitos motivacionais resultantes dessa via de conteúdo neutro são desencadeados a partir do afeto negativo (resultante das comparações contrafactuais), que funciona como operação motivacional para a mudança de comportamento. O pensamento contrafactual influencia o modo como a informação é processada, uma vez que o foco na promoção ou prevenção de comportamentos influencia a atenção, a interpretação e a memória. Contrafatos aditivos tendem a ativar o foco de promoção, que elicia um processamento mais global, enquanto os contrafatos subtrativos ativam o foco de prevenção, que se associa a um processamento mais pontual. No que se refere ao terceiro exemplo de efeito da via de conteúdo neutro, auto inferências, ao indicar ações específicas sobre como um problema pode ser evitado ou prevenido, os pensamentos contrafactuais tem como resultado auto-inferências de eficácia, controle e

confiança (Roese, 1999). De uma forma geral, a via contrafactual de conteúdo neutro influencia os comportamentos de forma independente de qualquer conteúdo semântico do respectivo contrafato.

A teoria funcional do pensamento contrafactual desenvolvida inicialmente por Roese (1994) e aprimorada por Epstein e Roese (2008) baseia-se na proposição de que esse tipo de pensamento serve a uma função regulatória do comportamento humano. Contrafatos auxiliam a corrigir e melhorar comportamentos que foram disfuncionais no passado e há a necessidade de um ponto de referência no passado a partir do qual o passado possa ser comparado.

Percebe-se que a primeira geração de estudos da perspectiva explicativa do pensamento contrafactual entendia esse tipo de pensamento como disfuncional e como fontes de erros e de dificuldades de enfrentamento - *coping* (Kahneman & Tversky, 1982). A segunda geração teórica, a qual pertencem Epstein e Roese (2008) aponta para uma perspectiva funcional na qual o pensamento contrafactual é visto como servindo a uma ampla função regulatória do comportamento humano. É importante mencionar, que além da função preparatória, que se refere à regulação do comportamento futuro, Roese (1994, 1997) assim como Epstein e Roese (2008) reconhecem que o pensamento contrafactual também serve a uma função regulatória afetiva, que se relaciona aos sentimentos positivos produzidos diante de uma dada situação. A distinção classificatória em termos de funções do pensamento contrafactual será retomada de forma mais específica em seção posterior.

Construir um pensamento contrafactual envolve o arranjo de eventos em uma cadeia causal de acordo com uma sequência de ações e envolve, ainda, a modificação de alguns eventos no processo de construir alternativas para a realidade. De acordo com Byrne e Girotto (2009), fazer uma simulação contrafactual é o equivalente mental de

conduzir um experimento. Como o processo experimental, o pensamento contrafactual envolve a consideração lógica de relações e associações causais entre eventos e segundo Roese (1997) as alternativas contrafactuais seriam como testes a partir dos quais essas relações poderiam ser inferidas. De maneira geral, o contrafato é elaborado com base na alteração de alguns aspectos da representação mental da realidade que tendem a atrair a atenção das pessoas.

Nesta seção, as explicações realizadas centraram-se ao estágio de ativação do pensamento contrafactual, que se relaciona aos aspectos que detreminam o acionamento desse tipo de cognição sobre eventos passados. A seção seguinte tratará do estágio de elaboração do pensamento contrafactual, que está inter-relacionada ao estágio de ativação, e se refere aos determinantes do conteúdo da elaboração contrafactual, que pode se estender a uma infinidade de antecedentes.

### **Linhas de falha na realidade: a base para elaboração do pensamento contrafactual**

Uma vez que as cognições sobre eventos passados foram ativadas, o estágio de elaboração do conteúdo do pensamento contrafactual é determinado por algumas variáveis e regido por alguns princípios. Indivíduos criam alternativas contrafactuais à realidade por meio da alteração de alguns aspectos dos fatos presentes na representação mental da realidade (Kahneman & Tversky, 1982). Apesar da habilidade para desfazer eventos e construir mundos possíveis ser teoricamente ilimitada, na realidade, a maneira e as situações nas quais os contrafatos são construídos tendem a ser previsíveis. A elaboração de um pensamento contrafactual é frequentemente iniciada por um evento que quase ocorreu, como por exemplo, a perda de um vôo por 5 minutos tende a evocar mais contrafatos que a perda do avião por uma hora (Kahneman & Miller, 1986 *apud* Wong, Galinsky & Kray, 2009). Byrne (2005) afirma que essas regularidades entre as

modificações feitas por diferentes indivíduos parecem indicar pontos da realidade que atraem a atenção das pessoas. Esses pontos são denominados linhas falha da realidade e constituem os aspectos dos fatos reais que parecem mais mutáveis do que outros e determinam o conteúdo das elaborações contrafactuais.

Alguns princípios-chave parecem nortear a maneira pela qual são criadas inferências racionais sobre possibilidades contrafactuais e também as alternativas imaginadas (Byrne, 2005; Byrne & Girotto, 2009). O primeiro desses princípios, segundo Byrne e Girotto (2009), seria o princípio da verdade, que estabelece que as pessoas pensam em possibilidades verdadeiras em detrimento das falsas. O segundo princípio que norteia a consideração de possibilidades é o princípio da parcimônia, que postula que devido às limitações da memória de trabalho, poucas possibilidades são consideradas quando se pensa em alternativas à realidade. Muitas pessoas focam-se em eventos excepcionais, que saem da normalidade ao invés de eventos rotineiros (Kahneman & Miller, 1986; Kahneman & Tversky, 1982b citados por Byrne & Girotto, 2009) e essas exceções à normalidade parecem ser uma importante linha de falha na realidade. Wong et al. (2009) utilizam a metáfora do esqui, indicada pela primeira vez por Kahneman e Tversky (1982), para explicar a linha de falha da realidade que se refere à eventos não usuais, que se caracterizam por serem exceções à normalidade. Os autores afirmam que assim como é mais fácil esquiar montanha baixo do que montanha acima, é mais fácil modificar eventos que violam a rotina de volta à normalidade do que ir da normalidade para a excepcionalidade, transformando-os em eventos não usuais. Faccioli (2013) propõe o uso da expressão “remando contra a correnteza” para que essa metáfora seja entendida dentro do contexto brasileiro. Considerando o nosso contexto, assim como é mais fácil descer o rio do que remar contra a correnteza, é mais fácil modificar eventos que violem a rotina do que eventos que não a violam.

Quando uma linha falha da realidade é identificada, as mudanças podem incluir pensar que o evento não ocorreu ou pensar como ele poderia ter ocorrido de forma diferente. Frequentemente, as modificações se constituem pela adição de um aspecto novo à realidade ou a remoção de um aspecto já conhecido da realidade. Exemplos desses dois tipos de modificações seriam “Se eu tivesse levado o guarda-chuva, não teria molhado e “Se não tivesse chovido hoje, eu não teria me molhado”, respectivamente. No livro *The Rational imagination: how people create alternatives to reality*, Byrne (2005) fez uma compilação de diversos estudos sobre a temática das linhas falhas da realidade e constatou que alternativas à realidade são criadas a partir de quatro aspectos da representação mental, quais sejam ação/inação, obrigação, causas e tempo.

Byrne (2005) afirma que as ações são facilmente modificadas em uma representação mental da realidade quando se pensa no que poderia ter sido, uma vez que apagar uma ação dessa representação mental requer menos esforço cognitivo do que adicionar uma selecionada a partir de uma infinidade de possibilidades. Quando as pessoas compreendem uma ação, elas mantêm em mente não apenas a ação, mas também a negação dessa ação ou complemento, por isso diz-se que uma ação leva a possibilidades duais. Diferentemente, ao pensar em uma inação, está é representada de uma maneira mais “econômica” (Byrne, 1997; Byrne & McEleney, 2000) sob a forma de uma possibilidade única e as pessoas tendem a imaginar alternativas contrafactuais mais facilmente quando pensam sobre duas possibilidades e não em uma única. Assim, um empresário que vende as suas ações de uma empresa B para comprar as ações de outra empresa A, que ao final do ano acaba tendo rendimentos menores, gerará mais pensamentos contrafactuais do que um empresário que possui ações na empresa A e decide não trocar suas ações de empresa.

Alternativas também são imaginadas com mais frequência para eventos que estão sob o controle dos indivíduos do que para eventos que estão fora do controle (Giroto, Legrenzi & Rizzo, 1991). Byrne (2005) afirma que os eventos que estão sob o controle dos indivíduos diferem de muitas formas e uma delas seria quando os eventos controláveis são socialmente aceitos dentro de uma cultura ou grupo. Por exemplo, beber em um bar, um evento controlável, se adequa às normas sociais no que se refere a celebração do aniversário de um amigo, mas é considerado inadequado no contexto no qual a esposa está doente em casa. Segundo McCloy e Byrne (2000), as pessoas tendem a focar o seu pensamento sobre o que poderia ter acontecido em eventos controláveis que são proibidos ou desaprovados quando se considera princípios e práticas morais, mais do que os eventos socialmente aceitáveis. As autoras demonstraram esses efeitos em um estudo no qual apresentaram a 66 participantes um pequeno enredo no qual Steven, demorou mais para chegar em casa devido a uma série de eventos e acabou chegando atrasado para salvar a sua esposa de um ataque cardíaco. Dentre os eventos que causaram o atraso de Steven estavam: uma visita feita aos seus pais, uma parada na lanchonete para comer um hambúrguer, a compra de um jornal na banca e um engarrafamento no trânsito. Apenas um dos eventos não estava sob o controle de Steven, o engarrafamento no trânsito. Um grupo separado de participantes avaliou os eventos no contexto de atraso como sendo socialmente apropriados (visitar os pais), socialmente inapropriado (parar para comer um hambúrguer) e neutro (comprar um jornal). Quando se solicitou que os participantes imaginassem os pensamentos de Steven após a morte da esposa, verificou-se que 54% dos participantes modificou um dos quatro eventos e 36% desejou que o atraso não tivesse ocorrido. Houve ainda enfoque na decisão dele de parar para um hambúrguer, o único evento socialmente inapropriado dentro do contexto do atraso. Alternativas foram imaginadas com uma



frequência de 22% para o evento socialmente inapropriado, 12% para o evento socialmente apropriado, 11% para o evento neutro e 9% para o evento não controlável. McCloy e Byrne (2000) afirmam que os resultados sugerem que as pessoas pensam em alternativas mais facilmente para alguns tipos de eventos controláveis do que para outros, sendo capazes de imaginar alternativas para outros tipos de eventos controláveis em outras circunstâncias dado que a natureza do resultado guia a tendência para pensar contrafactualmente sobre eventos socialmente inapropriados.

Quando alternativas para possibilidades proibidas são imaginadas em diferentes situações, nota-se que os PCs são restringidos não apenas pelas leis naturais, mas também por leis sociais, tais como convenções sociais e regulações culturais. As obrigações, que podem ser entendidas como o que é permitido ou o que é proibido de acordo com as normas sociais de um determinado grupo ou cultura, são um dos aspectos da realidade definidos por Byrne (2005). Elas (obrigações) proporcionam boas razões para justificar ações e a falha para seguir obrigações é geralmente desaprovada. Quando uma obrigação é violada, tende-se a pensar não apenas no que foi feito, mas também no que deveria ter sido feito. Algumas obrigações são derivadas de convenções sociais e culturais, por exemplo, adultos deveriam cuidar de seus pais idosos; outras derivam de precedentes legais e históricos, tais como filhos herdam as propriedades dos pais; outras consistem em princípios econômicos, como trabalhadores devem pagar taxas e as últimas pertencem à classe de medidas de segurança e saúde, tais como espaços sociais devem dispor de saídas de emergência (Byrne, 2005).

As obrigações são entendidas pelas pessoas por meio do pensamento sobre possibilidades e quando se raciocina sobre elas, pensa-se sobre o que é permitido e o que é proibido, portanto, duas possibilidades são consideradas e são o contexto e o conteúdo que auxiliam as pessoas a considerarem o que é e o que não é permissível. A

possibilidade proibida corresponderia à possibilidade considerada falsa, quando se fala de raciocínio condicional. Byrne (2005) ainda ressalta que pensar sobre obrigações ilustra uma segunda rota de inferência facilitada pela representação mental do que é proibido. Para a condicional, “Se Paulo for andar de moto, ele deve usar capacete”, as pessoas tendem a pensar em duas possibilidades: “Paulo anda de moto e usa capacete” e “Paulo anda de moto e não usa capacete” (possibilidade proibida). Quando se diz que Paulo não usou capacete, as pessoas fazem a correspondência direta dessa informação com a possibilidade proibida e inferem que é proibido a ele que ande de moto. Quando uma alternativa é considerada dentro do contexto e conteúdo das obrigações, há a alteração da possibilidade proibida para que se iguale a possibilidade permitida, como em “Se ao menos ele tivesse usado capacete”. Nota-se, portanto, que possibilidades proibidas são modificáveis ao passo que as obrigações não o são, modifica-se com o intuito de reestabelecer o cumprimento da obrigação.

Byrne (2005) também aponta a relação entre pensamentos contrafactuais e as relações causais como um importante aspecto da consideração de alternativas à realidade. Segundo a autora, pensamentos causais e pensamentos contrafactuais diferem no que se refere aos tipos de possibilidades que os indivíduos pensam a partir de cada um, ou seja, a representação mental de uma assertiva causal e uma contrafactual são baseadas em diferentes possibilidades. Ambas as assertivas diferem ainda na sua forma sintática, mas o seu significado é o mesmo, como por exemplo, “Aquecer a água até 100°C causa a sua ebulição” (assertiva causal) e “Se a água não for aquecida até os 100°C, não entrará em ebulição”. Uma relação causal forte é consistente com a possibilidade “a água foi aquecida até os 100°C e entrou em ebulição” e a “a água não foi aquecida até os 100°C e não entrou em ebulição” e um contrafato também é consistente com essas duas possibilidades. No entanto, quando uma relação causal forte

é entendida mantém-se em mente apenas uma possibilidade e quando entende-se um contrafato duas possibilidades são consideradas, aquela que corresponde à conjectura e aquela que corresponde aos fatos pressupostos. Como resultado, podemos inferir que contrafatos permitem que mais informação esteja disponível do que as assertivas causais. Outro fator que diferencia os pensamentos causais dos pensamentos contrafactuais é a existência de diferentes tipos de causas que levam a consideração de diferentes possibilidades. Byrne (2005) considera dois tipos principais de causas, quais sejam as relações causais fortes e as relações facilitadoras (*enabling relations*).

A autora afirma que os pensamentos contrafactuais focam nas relações facilitadoras enquanto os pensamentos causais focam nas relações causais fortes. Suponha que raios atinjam uma floresta e esta é devastada por um incêndio, uma vez que a floresta estava seca devido a um longo período de estiagem. A população local, diante dos estragos do incêndio, começa a pensar como os fatos poderiam ter sido diferentes: pode-se pensar “E se apenas não tivessem ocorrido os relâmpagos...” ou “E se as folhas secas não estivessem no solo...”. As pessoas conseguem distinguir uma relação causal (na primeira oração) de uma relação facilitadora (segunda oração), uma vez que as folhas secas tornaram possível que o fogo se alastrasse. Quando facilitadores não estão presentes, apesar da presença da causa – quando não há folhas secas, o incêndio não ocorre mesmo que haja raios – o efeito não ocorre (Byrne, 2005), dado que os facilitadores são condições necessárias que possibilitam a ocorrência do efeito. Ao considerar as relações causais fortes, podemos notar que quando entendidas as mesmas são representadas com uma única possibilidade, por exemplo, “A deficiência de vitamina C causa escorbuto” e torna-se difícil imaginar como o efeito poderia ser diferente mesmo se a causa ocorresse, como o escorbuto poderia não ocorrer mesmo havendo a deficiência de vitamina C? Percebe-se assim que relações causais fortes

parecem ser imutáveis e que as pessoas tendem a pensar em alternativas contrafactuais para relações causais facilitadoras.

Vale ressaltar que Byrne (2005) ainda afirma que apesar do conteúdo das alternativas contrafactuais se referir aos mais distintos tópicos, tais como ações, obrigações e eventos que saem da rotina, elas fazem referência prioritariamente a causas. Kahneman e Tversky (1982) e Wells e Gavanski (1989 citados por Byrne, 2005) afirmam que os pensamentos contrafactuais são parte de um complexo processo de julgamento causal ou podem ser considerados até mesmo um heurístico para a atribuição de causalidade. Uma função dos pensamentos causais e contrafactuais poderia ser a preparação do indivíduo para situações futuras (Roese, 1997), visto que pensar sobre relações de causa e efeito fortalecem a habilidade de predizer e controlar eventos. Pensar contrafactualmente é útil e funcional na medida em que pode auxiliar o indivíduo na prevenção de resultados negativos e na promoção de resultados positivos, baseando-se no que está sob controle do próprio indivíduo.

A última linha de falha proposta por Byrne (2005) faz referência ao tempo. A tendência para alterar eventos mais recentes em uma sequência temporal reflete uma propriedade geral do pensamento que seria a capacidade dos indivíduos de representar mentalmente as possibilidades de um modo que preserva a informação na ordem temporal de eventos que ocorreu no mundo. Além disso, o foco no evento mais recente de uma sequência temporal ocorre, pois um status especial é alocado para o primeiro evento da sequência. A ordem de ocorrência dos eventos no mundo é mantida na representação mental mesmo que a ordem mencionada em uma descrição seja o oposto da ordem de ocorrência. Consideremos um jogo de bolinhas de gude no qual ambos participantes devem tirar bolinhas da mesma cor para ganharem uma quantia de dinheiro, se as cores forem diferentes, ninguém ganha nada. João joga primeiro e retira

uma bolinha de gude azul. Vitor joga em seguida e tira uma bolinha branca. As pessoas tendem a pensar que os jogadores teriam ganhado o prêmio em dinheiro se Vitor tivesse tirado uma bolinha azul, portanto, uma alternativa contrafactual é pensada para o evento mais recente. Há três possibilidades de alternativas para esse exemplo jogo e as pessoas tendem a pensar em apenas uma delas, “João retirou uma bolinha azul e Vitor retirou uma azul e eles ganharam”. A possibilidade “João retirou uma bolinha branca e Vitor uma azul e eles perderam” não é considerada dado que não é uma alternativa contrafactual efetiva (Byrne, 2005). Quando se pensa em alternativas para o cenário desse jogo, a seleção de bolinha feita pelo primeiro jogador é mantida constante e funcionada como o contexto a partir do qual os demais eventos serão percebidos. Byrne (2005) afirma que o foco no ordem temporal dos eventos reflete a crença de que o resultado negativo foi precipitado por um evento que o precedeu imediatamente e pensamentos contrafactuais que focam a não ocorrência do último evento, previnem a ocorrência do resultado.

Esta seção teve como foco as linhas de falha na realidade propostas por Byrne (2005) como sendo a base para a elaboração do conteúdo do pensamento contrafactual. Pode-se considerar as linhas de falha na realidade apresentada pela autora como tipos específicos de contrafatos no que se refere ao conteúdo. A seção seguinte abordará outros tipos de classificação do pensamento contrafactual derivada de estudos de revisão de alguns autores da área.

## **Tipos de pensamento contrafactual**

Os pensamentos contrafactuais (PCs) podem ser classificados em subtipos, sendo que em algumas revisões realizadas diferentes autores (Epstude & Roese, 2008; Juhos, Quelhas & Senos, 2003; Roese & Olson, 1993; Roese, 1994) propuseram algumas dimensões para serem consideradas. Roese (1994) foi um dos primeiros a propor uma dimensão para classificação do pensamento contrafactual, qual seja, função. Em alguns de seus artigos (Roese & Olson, 1993; Roese, 1994, 1997), o autor afirma que os PCs aparecem em resposta a eventos negativos, surpreendentes e inesperados e funcionariam como um sinal para o organismo de que há algum problema, dessa forma discutiu as bases funcionais desse tipo de pensamento. Em uma revisão de seus estudos em parceria com Epstude (Epstude & Roese, 2008), Roese reelabora a teoria funcional sobre o pensamento contrafactual e afirma que a especificação de tipos de contratos é relevante na medida em que permite identificar a utilidade de determinados tipos para a regulação do comportamento. As dimensões de classificação consideradas a seguir são: direção da comparação; estrutura; alvo de modificação e função. Vale ressaltar que uma vez classificados, os pensamentos contrafactuais podem ser relacionados a uma de duas funções as quais servem, uma vez que dão dicas de comportamentos eficientes que podem ser emitidos no futuro, aumentando as estratégias de enfrentamento e o sentimento de bem-estar.

### *a) Quanto à direção da comparação*

No que se refere à direção da comparação das alternativas contrafactuais com a realidade, os PCs podem ser classificados em subtipos ascendentes e descendentes. Os pensamentos contrafactuais ascendentes podem ser definidos como aqueles que

descrevem alternativas melhores do que aquilo que realmente aconteceu e os descendentes, descrevem alternativas que são piores do que a realidade (Roese, 1994). Por exemplo, “Se eu não tivesse dito coisas tão difíceis, talvez meu namorado não tivesse ficado chateado comigo”, nessa oração a namorada tende a pensar em como a situação teria sido melhor se não tivesse dito coisas duras e difíceis ao namorado. Na oração “Pelo menos eu não fui tão cruel nas palavras ditas” é uma avaliação descendente na medida em que a alternativa considerada é pior do que aquilo que de fato ocorreu. O pensamento contrafactual ascendente é gerado espontaneamente com mais frequência que o descendente (Roese & Olson, 1997). Segundo Epstude e Roese (2008), a distinção entre comparações ascendentes e descendentes foi derivada dos primeiros escritos da teoria da comparação social (Brickman & Bulman, 1977; Wills, 1981). Essa classificação enfatiza a melhoria ou a preservação do *status quo*. Enquanto os pensamentos contrafactuais ascendentes podem dizer como ir adiante, os descendentes dizem como as coisas podem continuar piorando.

Em termos dos modelos funcionais propostos por Epstude e Roese (2008), de acordo com o modelo do caminho de elaboração específico (*content-specific pathway*), as comparações ascendentes em geral são mais úteis para a regulação do comportamento, uma vez que os *insights* específicos nesse tipo de comparações centram-se mais em novas ações e estratégias do que as comparações descendentes. No modelo do caminho neutro de elaboração (*content-neutral pathway*), os dois tipos de comparações podem ser úteis, uma vez que exercem efeitos afetivos emocionais (Markman et al., 2008; McMullen & Markman, 2000).

Apesar de serem possíveis causadores de certos desconfortos emocionais e psicológicos momentâneos, não há dúvidas de que pensamentos desse tipo podem ser caminho para consequências futuras melhores (Wong et al., 2009).

b) *Quanto à estrutura*

No que se refere à estrutura, a diferenciação se dá via construção dos contrafatos por meio da adição, subtração ou substituição de elementos antecedentes (Roese & Olson, 1993; Roese, 1994; Epstein & Roese, 2008). Nos contrafatos aditivos, elementos são adicionados àqueles que já estavam presentes na realidade e o foco está em fazer algo que de fato ainda não havia sido feito, por exemplo “Se eu tivesse um guarda-chuva, não estaria molhado”. Os contrafatos subtrativos focam na eliminação ou remoção de alguma coisa que foi feita ou aconteceu, como em “Se não tivesse chovido hoje eu não teria me molhado.” Os contrafatos substitutivos focam na troca de um antecedente por outro, como por exemplo, “Se ao menos eu tivesse estudado ao invés de assistir televisão, eu teria obtido uma nota melhor.” Evidências sugerem que as pessoas tendem a gerar contrafatos aditivos após uma situação de fracasso, contrafatos subtrativos após uma situação de sucesso ou que ocorreu repentinamente e os contrafatos substitutivos são raros em todas as circunstâncias (Roese & Olson, 1993). Roese e Olson (1993) afirmam que esse achado reflete uma propensão das pessoas a interpretar o sucesso como resultado de ações intencionais e apropriadas e o fracasso como consequência da ausência de ações adequadas.

Os contrafatos aditivos são mais específicos do que os subtrativos, uma vez que os subtrativos removem algumas escolhas possíveis de consideração e ainda envolvem mais criatividade e uma maior consideração de novas opções (Gilovich & Medvec, 1995; Markman et al., 2007; Roese & Olson, 1995 citado por Epstein & Roese, 2008). No que se refere à regulação do comportamento, a especificidade e criatividade dos contrafatos aditivos pode acarretar significativas melhoras na emissão de comportamentos pelo indivíduo no futuro (Epstein & Roese, 2008). A distinção



aditivo-subtrativo é considerada relevante e informativa na medida em que por meio dela é possível entender os benefícios funcionais do pensamento contrafactual.

c) *Quanto ao alvo da modificação*

Esta classificação leva em consideração o foco nas próprias ações ou nas ações dos outros ao pensar em modificações. Os PCs podem focar no próprio indivíduo ou nos outros, sendo que se sabe que pensamentos com o foco em si próprio são mais úteis para a melhoria própria do que pensamentos focados nos outros. Mesmo que possamos aprender com os erros dos outros, os pensamentos que são autorreferentes são por definição, mais específicos no seu foco para a melhoria pessoal. Juhos et al. (2003) definem os pensamentos autorreferentes como sendo aqueles associados às ações do próprio indivíduo e os heterorreferentes como aqueles que se referem às ações de outra pessoa ou ainda a um agente inanimado ou abstrato ou a própria situação em si. Roese (1994) afirma que os contrafatos autorreferentes são conceitualmente similares às comparações sociais, diferindo delas apenas no fato de que a comparação é feita com um *self* alternativo e não com outro indivíduo.

É importante ressaltar a partir das descrições e diferenciações realizadas acima, que os tipos de contrafatos mais úteis para a regulação do comportamento são também aqueles que aparecem como os mais frequentes na vida diária (Roese *et. al*, 2005 citado por Epstude & Roese, 2008). Pensamentos ascendentes são mais comuns que os descendentes, aditivos mais frequentes que os subtrativos e autorreferentes mais comuns que os hetero-referentes. Estudo recente de Summerville e Roese (2008 citados por Epstude & Roese, 2008) evidenciou a frequência relativa dos tipos de contrafato em diferentes circunstâncias de vida. Trinta e quatro participantes carregaram um palmtop por duas semanas durante as quais em intervalos randômicos um *bip* solicitava que os

mesmos descrevessem seus pensamentos atuais naquele momento. Foi observado que os pensamentos tenderam a ser mais ascendentes do que descendentes e o número de pensamentos autorreferentes superou em mais de dois os pensamentos heterorreferentes. Este estudo evidencia que os tipos de pensamentos contrafactuais no dia-a-dia tendem a se adequar às necessidades de regulação do comportamento.

*c) Quanto à função*

Roese (1994) classifica a função do pensamento contrafactual em duas, quais sejam afetiva e preparatória e ressalta que os subtipos específicos de pensamento contrafactual descritos anteriormente estão relacionados a cada uma dessas duas funções. A função preparatória relaciona-se a melhorias para o comportamento futuro e está relacionada aos pensamentos contrafactuais ascendentes em oposição aos descendentes. As alternativas ascendentes levam em consideração esquemas para futuras ações que salientam os aspectos necessários para que o sucesso de uma ação seja obtido no futuro. Segundo Roese (1994, 1997), a essência do argumento da funcionalidade preparatória reside no fato de que esse tipo de pensamento implica conclusões causais que por sua vez sugere disposições que podem facilitar o sucesso no futuro. A função afetiva faz referência ao se sentir melhor diante de alternativas imaginadas para eventos que já ocorreram. Roese (1994) afirma que via efeito de contraste, os pensamentos contrafactuais descendentes eliciam afeto positivo, como alívio, por exemplo, enquanto os contrafatos ascendentes podem eliciar afeto negativo, como por exemplo, decepção.

Segundo Markman, Karadogan, Lindberg e Zell (2009), o pensamento contrafactual é uma tendência humana paradoxal uma vez que os contrafatos podem ser confortantes e inspiradores e por outro lado podem ser causadores de ansiedade e

depressão (Hooker, Roese & Parker, 2000). Pensamentos descendentes podem aumentar o *coping* e o bem-estar por salientar como uma consequência poderia facilmente ter sido pior. Quanto a função preparatória, a simulação de rotas para uma realidade melhor pode auxiliar os indivíduos a melhorar as consequências de seus comportamentos no futuro. Pensamentos ascendentes preparam para o futuro na medida em que sugerem cursos específicos de ação, como por exemplo, se eu tivesse me dedicado mais ao estudo, teria recebido uma nota melhor, sendo assim, eu me dedicarei mais na próxima vez. Roese (1997) caracterizou o pensamento ascendente como parte de um processo virtual ao invés de atual, de comportamento evitativo. Esse tipo de pensamento está mais direcionado a forma como uma consequência pode ser evitada e prevenida no futuro. Apesar de os pensamentos contrafactuais ascendentes poderem desvalorizar as consequências atuais e eliciar sentimentos de frustração e arrependimento, a simulação de rotas melhores para a realidade leva o indivíduo a ter modelos de comportamentos mais adequados e efetivos para o futuro. Em contrapartida, pensamentos descendentes não sugerem rotas específicas para um desempenho melhorado e não estão envolvidos na função preparatória futura.

O pensamento contrafactual ascendente encontra suporte indireto na literatura que versa sobre comparação social. Segundo a teoria da comparação social de Festinger (1954), tendemos a nos avaliar constantemente através da comparação com uma realidade objetiva ou na falta dela, através da comparação com outras pessoas. Pesquisadores da área (Taylor & Lobel, 1989 citados por Roese, 1994, 1997) ao examinarem o enfrentamento de eventos negativos interpretaram a comparação social ascendente, aquela feita com um modelo melhor, como sendo a comparação que proporciona informação útil para uma sobrevivência potencial e um enfrentamento bem sucedido. As alternativas contrafactuais que focam o próprio *self* são similares a essas

comparações sociais, diferindo apenas no elemento de comparação sendo que este seria um *self* alternativo ao invés de outro indivíduo. Os pensamentos ascendentes eliciam sentimentos de afeto negativo tais como a decepção, uma vez que a consideração de alternativas melhores que a realidade está relacionada a sentimentos de privação e ressentimento. O pensamento de que “as coisas poderiam estar melhores” salienta o estado de privação ou de carência atuais, no entanto também pode fornecer esperança para um aperfeiçoamento no futuro (Roese, 1994).

O pensamento contrafactual descendente serve a uma função afetiva. Ao imaginar alternativas para a realidade, as pessoas podem se sentir melhor. Ao contrário do pensamento ascendente, o pensamento descendente pode eliciar afetos positivos, tais como alívio. Pacientes portadores de câncer, por exemplo, ao imaginarem alternativas para a própria realidade são tomados por sentimentos positivos ao pensar que sua doença poderia ser pior (Taylor, Wood & Lichtman, 1983 citados por Roese, 1994); vítimas de abuso sexual sentem-se confortadas quando pensam na sua condição atual uma vez que poderiam apresentar ferimentos mais graves ou até mesmo poderiam ter sido mortas pelos agressores (Burgess & Holmstrom, 1979 citados por Roese, 1994). Da mesma forma que as alternativas contrafactuais descendentes, as comparações sociais desse tipo evocam sentimentos positivos via efeito de contraste, ou seja, o contraste com a realidade gera afetos mais prazerosos.

Há ainda, segundo Roese e Olson (1993), evidências de que as estruturas aditivas servem a função preparatória do pensamento contrafactual. Duas razões são mencionadas para que as estruturas contrafactuais aditivas sejam consideradas servindo a essa função. Primeiramente, elas são mais específicas uma vez que focam em uma opção de resposta que poderia ter tido um resultado bem sucedido e poderiam ser implementadas no futuro. Em oposição, as estruturas subtrativas removem uma opção,

desconsiderando-a. A segunda razão, talvez a mais importante, é o fato de essas estruturas serem mais criativas visto que, por definição, vão além das premissas originais resultando em novas opções nunca consideradas anteriormente e à criação de antecedentes que não estavam presente nos eventos inicialmente. Segundo Markman (2007 citado por Markman, et al., 2009), os contrafatos aditivos parecem ativar um estilo de processamento expansivo que aumenta a atenção conceptual fazendo com que as pessoas gerem novas idéias e “pensem fora da caixa”.

Estudos foram conduzidos por Roese (1994) para demonstrar que os pensamentos contrafactuais ascendentes e aditivos são funcionais na medida em que eles podem melhorar o desempenho dos indivíduos em tarefas. Um dos objetivos desse estudo foi fornecer evidências da função afetiva do pensamento contrafactual. O outro objetivo foi documentar a função preparatória do pensamento contrafactual. A pesquisa foi dividida em três experimentos. No experimento 1, a função afetiva foi investigada por meio de auto-relatos retrospectivos de eventos negativos que ocorreram na vida dos participantes. Os participantes foram instruídos a descrever um evento recente de suas vidas que eles consideravam especialmente negativos. A hipótese do autor foi a de que maior afeto negativo resultaria na consideração de pensamentos contrafactuais ascendentes em oposição aos contrafatos descendentes. O segundo foco da pesquisa foi investigar o efeito da auto-estima sobre os efeitos dos contrafatos na percepção de afetos. Esperava-se que pessoas com alta auto-estima relatassem um afeto positivo maior do que pessoas com baixa auto-estima na geração de pensamentos contrafactuais. Primeiramente, os participantes deveriam registrar detalhadamente o evento no espaço de uma folha em branco. Em seguida, deveriam imaginar contrafatos com a finalidade de o que poderia ser diferente no evento relatado. Cada participante poderia registrar a quantidade de contrafatos que desejasse. Após a geração dos contrafatos, os

participantes deveriam fazer uma avaliação afetiva que consistia em descrever “que sentimentos foram desencadeados naquele momento após pensar sobre aquele evento”. Logo após a avaliação afetiva, os participantes deveriam responder a um inventário que tinha por objetivo avaliar a auto-estima.

Todos os contrafatos gerados foram classificados em ascendentes ou descendentes ou aditivos ou subtrativos. Os indivíduos que tiveram a auto-estima classificada como alta, geraram mais contrafatos aditivos do que os indivíduos que tiveram a auto-estima classificada como baixa. A hipótese de que a direção do pensamento contrafactual (ascendente ou descendente) produziria efeitos globais no estado afetivo dos participantes não foi corroborada. A consideração frequente do pensamento contrafactual ascendente covariou com estados afetivos negativos e de desapontamento.

O experimento 2 foi delineado para fornecer evidências consistentes de que os pensamentos contrafactuais ascendentes servem a uma função afetiva. Neste caso, esperava-se que mais afeto positivo seria resultado de pensamentos contrafactuais descendentes. Outra hipótese do autor é a de que o pensamento ascendente e aditivo seria facilitador de intenções para a realização de comportamentos bem sucedidos. Os acontecimentos relatados pelos participantes, neste caso, deveriam ter a mesma característica dos relatos do experimento 1, diferindo apenas quanto a sua especificidade, uma vez que deveriam focar no desempenho recente dos participantes em alguma exame que tenha sido abaixo do esperado ou decepcionante. Foi incluído um grupo controle, onde os participantes realizavam as mesmas tarefas sem a produção de pensamentos contrafactuais. As etapas que se seguiam ao relato do mau desempenho em um exame recente eram as mesma que seguiam o relato do evento negativo no experimento 1. Em seguida, os participantes deveriam listar quatro comportamentos

diferentes que poderiam contribuir para a melhora de seu desempenho acadêmico. Foi encontrada uma interação significativa entre a direção do contrafato gerado e a auto-estima. Participantes com alta auto-estima foram capazes de gerar contrafatos ascendentes com uma frequência significativamente maior do que aqueles com baixa auto-estima. A consideração de contrafatos descendentes resultou em um maior afeto positivo. A consideração de contrafatos ascendentes resultou em uma maior percepção de desapontamento. Portanto, a hipótese de que mais afeto positivo seria resultado de pensamentos contrafactuais descendentes foi corroborada. No mais, a consideração de pensamentos contrafactuais ascendentes aumentou as intenções facilitadoras para a realização de comportamentos bem sucedidos.

No experimento 3, o delineamento teve por objetivo complementar os achados do experimento 2 por meio de evidências que confirmassem a ligação entre contrafatos e comportamento. Os participantes deveriam executar duas tarefas computadorizadas de solução de 10 anagramas cada uma. Os pensamentos contrafactuais deveriam ser gerados entre as duas tarefas. Melhoras no desempenho da primeira para a segunda tarefa representariam indicadores comportamentais dos efeitos preparatórios dos contrafatos gerados. Da mesma forma que no experimento 2, esperava-se que os contrafatos ascendentes influenciassem os comportamentos dos participantes na segunda aplicação da tarefa de forma positiva, ou seja, melhorando o seu desempenho. Após completar o primeiro conjunto de 10 anagramas, os participantes recebiam um *feedback* de insucesso na tarefa e em seguida deveriam produzir alternativas contrafactuais para suas performances. Os anagramas não apresentavam repetição de letras, plural e havia apenas uma solução correta. Após completar o primeiro bloco de 10 anagramas os participantes eram informados sobre o seu desempenho incluindo o score total obtido, o número de anagramas saltados e o número de pistas utilizadas. O

experimentador entregava um questionário contendo a solicitação de produção de alternativas contrafactuais. Na última página do questionário, os sujeitos eram informados pela primeira vez de que deveriam solucionar um segundo bloco de 10 anagramas. Essa foi uma importante característica do procedimento uma vez que assegurou que os contrafatos considerados pelos sujeitos focassem explicitamente no seu relato do evento. Como esperado, aqueles que geraram mais pensamentos ascendentes apresentaram uma melhora no seu desempenho. O mesmo ocorreu para aqueles que geraram contrafatos aditivos. Os participantes com alta auto-estima também apresentaram melhora no desempenho resultado da geração de pensamentos contrafactuais ascendentes aditivos, o que indica que esses participantes têm uma capacidade de tirar vantagem dos contrafatos subtrativos que focam em alternativas melhores do que pessoas com baixa auto-estima. A frequência de uso de pistas e de anagramas saltados, que era automaticamente registrada pelo computador, representava comportamentos específicos que poderiam contribuir potencialmente para a melhora no desempenho na solução dos anagramas. As menções ao maior uso de pistas estavam relacionadas ao aumento do uso de pistas para a solução dos anagramas. Contrafatos ascendentes relacionaram-se ao decréscimo no uso de pistas, enquanto que contrafatos descendentes eliciaram o aumento do uso de pistas. Os dados sugerem que contrafatos ascendentes e aditivos tendem a contribuir para uma melhora do desempenho dos participantes e a diminuir o uso de pistas. O uso de pistas para a solução dos anagramas representa um caminho pelo qual os contrafatos influenciaram o desempenho dos participantes.

Considerados juntamente, os resultados dos três experimentos demonstram que o pensamento contrafactual serve a uma função afetiva e preparatória. A função afetiva do pensamento contrafactual foi demonstrada nos experimentos 1 e 2 . A consideração de



pensamentos contrafactuais descendentes desencadeou mais afeto positivo do que a consideração de contrafatos ascendentes. Ambos os experimentos fornecem evidências de que os contrafatos descendentes podem desencadear mais afeto positivo, o que condiz com outros achados da literatura que indicam que as pessoas usam os contrafatos estrategicamente para fazer com que elas mesmas se sintam bem. A função preparatória foi demonstrada pelos experimentos 2 e 3. Foi observado que os contrafatos descendentes são gerados após o fracasso e após resultados semelhantes para eventos distintos, nestas situações esses contrafatos são particularmente apropriados. Os resultados destes experimentos indicam que há uma relação entre contrafatos, simulações mentais sobre o futuro, intenções de ação e o comportamento. Apesar de apresentar uma função preparatória, os contrafatos ascendentes, como demonstrado pelos resultados, não carregam conseqüências afetivas negativas. O autor afirma que a decisão de focar nos resultados negativos dos eventos, neste estudo, foi meramente metodológica já que ele acredita que contrafatos mais vigorosos ocorrem espontaneamente nestes casos.

O pensamento contrafactual é consistente com princípios do comportamento de aproximação e evitação. Após a ocorrência do fato, os indivíduos tendem a evitar experiências desprazerosas e a imaginar ações que poderiam ter sido realizadas de maneira que o evento desprazeroso pudesse ter sido evitado no passado. A funcionalidade do pensamento contrafactual neste contexto relaciona-se a *insights* que levem a comportamentos mais apropriados e a ações que corrijam os problemas dos indivíduos. Apesar do passado não poder ser modificado, a reconstrução dele, abre caminho para melhorias futuras uma vez que circunstâncias similares podem ser experienciadas no futuro.

Roese (1997) cita a proximidade como sendo outro fator que determina a ativação do pensamento contrafactual. Segundo o autor, essa proximidade pode ser temporal ou em termos de distância física. A proximidade do fato com a sua consequência parece ser o fator determinante da ativação de pensamentos contrafactuais descentes, que são raramente gerados de forma espontânea. Outra condição que evoca esse subtipo de pensamento contrafactual é a tendência à evitação de uma consequência negativa. O foco em perdas próximas ao invés do foco em perdas distantes ocorre uma vez que as perdas próximas representam um loco mais eficiente para melhorias futuras.

### **A avaliação do pensamento contrafactual**

A área de estudo do pensamento contrafactual (PC) é um campo de pesquisa recentemente a ser explorado. Os pesquisadores que se interessaram pelo tema têm buscado formas distintas para avaliar esse tipo de pensamento em diferentes grupos populacionais. O pensamento contrafactual é facilmente gerado quando há a demanda de respostas a metas, intenções e indagações. Roese (1997) afirma que essas construções elaboradas e conscientes receberam pouca atenção das pesquisas devido ao seu processo de geração relativamente acessível, ou seja, devido a sua recorrência e a ausência de qualquer esforço cognitivo. A forma mais frequente que tem sido usada para avaliar o PC é o uso de cenários hipotéticos seguidos de perguntas ou frases para serem completadas.

O uso de cenários padronizados entre amostras permite que a interferência de outras variáveis no momento da elaboração do PC seja minimizada (Juhos et al., 2003). Apesar de afirmar que por meio do uso de cenários é possível avaliar os PCs decorrentes das situações apresentadas, Kasimatis e Wells (1995) apontam duas limitações acerca do uso desse método. Segundo os autores, a artificialidade dos

cenários hipotéticos pode levar os participantes a responderem de formas hipotéticas que não correspondem a modos de ação que desempenhariam em situações reais e em ambientes naturais. A segunda limitação diz respeito às questões feitas após os cenários, uma vez que no estudo em questão (Kasimatis & Wells, 1995) os participantes foram solicitados a listar um número fixo de pensamentos, o que pode levar a uma orientação forçada sobre a situação. Os autores afirmam ainda que o modo como o pensamento contrafactual é medido influencia não só a quantidade de pensamentos contrafactuais relatados, mas também como as respostas contrafactuais relatadas se relacionam a outras variáveis, tais como características de personalidade como autoestima. Seus resultados indicaram que os participantes relataram mais pensamentos contrafactuais quando as instruções incluíam uma explicação sobre os contrafatos do que quando essa explicação não estava inclusa. Entretanto, apesar das limitações do uso de cenários, Kasimatis e Wells (1995) reconhecem que eles permitem o acesso ao PC. Byrne (2002) supõe que os resultados encontrados nas pesquisas sobre a maneira como as pessoas pensam sobre o que poderia ter acontecido (*what might have been*) quando são expostas a histórias fictícias podem se generalizar para a forma como as pessoas pensam sobre suas experiências pessoais.

Estudos realizados por Faccioli e Schelini (2009) e Justino e Schelini (2010) avaliaram o PC por meio de técnicas distintas. Faccioli e Schelini (2009) realizaram um estudo com crianças em que elas deveriam relatar um dia típico de sua rotina e duas situações que evocassem sentimentos de raiva e tristeza, bem como montar um cenário alternativo (incluindo locais, pessoas, objetos e situações) a partir de uma maquete e bonecos. Por meio dessa montagem os pensamentos imaginativos alternativos à realidade seriam acessados. A maquete simulava uma cidade e protótipos de estabelecimentos comerciais, de ensino e de saúde e casas, que permitiam que a criança

montasse a sua cidade e os locais que costumava frequentar. Após a montagem do cenário alternativo, era solicitado que as crianças narrassem novamente um dia completo. Foi observado que, em relação aos elementos da maquete, não foram encontradas diferenças relevantes entre os dois cenários. As mudanças entre o dia real e o dia imaginado foram percebidas por meio da narração das crianças sobre o seu dia. Observou-se ainda que as mudanças tiveram função afetiva, ou seja, permitiram que os participantes se sentissem melhor com a situação desagradável e o PC ocorreu no sentido de subtrair a situação desagradável.

Justino e Schelini (2010) tiveram como objetivo avaliar a capacidade de modificar histórias em diferentes grupos etários (crianças, jovens adultos e idosos) em busca de possíveis diferenças no PC, verificou-se ainda se haveria relação entre experiência adquirida e o PC. A amostra foi composta por 15 participantes, de ambos os sexos divididos em três grupos de faixas etárias. Para acessar o PC, foram apresentadas quatro histórias adaptadas de contos sendo cada uma delas seguida por quatro alternativas de modificação. As três primeiras histórias deveriam ser modificadas a partir de alternativas apresentadas e na quarta história os participantes deveriam realizar modificações livres. Os resultados sugerem uma tendência à realização de modificações que envolvem ações e inações e na ordem temporal dos acontecimentos. Crianças apresentaram menos dificuldade na execução de modificações livres e o número de modificações realizadas por elas foi maior do que as realizadas por adultos e por idosos. Observou-se que a adição de aspectos foi frequente. Nos demais grupos foi observado que o aspecto modificação de ação apareceu com frequência e as modificações propostas assim como no grupo das crianças tenderam a melhorar a história. O tamanho reduzido da amostra não permitiu afirmar que houve diferenças no pensamento contrafactual entre os grupos. No entanto, constatou-se que há uma tendência à escolha

e modificação de alguns aspectos em detrimento de outros. No que se refere à relação entre experiência adquirida e a elaboração de contrafatos, houve indícios de que a perspectiva individual pode afetar a elaboração de contrafatos, no entanto, não há como afirmar a extensão da influência da experiência sobre tal elaboração.

A partir dos dois estudos brasileiros relatados, é possível constatar que o uso de enredos de histórias e a consequente modificação de situações hipotéticas mostrou-se uma metodologia que permite acessar os contrafatos produzidos, como afirmam Kasimtis e Wells (1995) e é um método que parece ser um ponto de partida para o estudo do pensamento contrafactual.

Para o presente trabalho, optou-se pelo uso de notícias adaptadas de jornais e revistas, por se considerar que os seus enredos se aproximam mais a fatos que acontecem na realidade e são narrados com uma certa riqueza de detalhes, o que poderia permitir várias possibilidades de modificação. A opção por esse método também ocorreu devido a este se mostrar amplamente utilizado na literatura para o acesso do pensamento contrafactual. Foram encontradas histórias reais sobre diferentes temáticas, o que permitiria que os participantes se colocassem no lugar do narrador e pensassem sobre os fatos que estavam sendo narrados. Além das notícias adaptadas, foram utilizados ainda dois cenários utilizados em estudos recentes sobre o pensamento contrafactual (McCloy & Byrne, 2000; Juhos et al., 2003).

## **Capítulo 2: A Violência Doméstica E O Pensamento Contrafactual Em Grupos Específicos**

### **A violência doméstica**

Na atualidade, a violência pode ser considerada um dos maiores problemas nos centros urbanos produzindo várias vítimas. A Organização Mundial da Saúde (OMS) relata que anualmente 1,6 milhões de pessoas ao redor do mundo perdem suas vidas em razão da violência além daquelas que sobrevivem e têm que conviver com as consequências em sua saúde física, reprodutiva e mental (OMS, 2013). Chauí (1985) caracteriza a violência sob dois ângulos distintos: como a conversão dos diferentes em desiguais, ou seja, usa-se da assimetria na relação para dominar, explorar e oprimir, onde um dos membros passa a ser o superior e o outro o inferior e como a ação que trata o ser humano como coisa e não como sujeito. A violência intrafamiliar, também chamada de violência doméstica, é caracterizada pelo desequilíbrio na relação hierárquica de poder e isso faz com que a mulher seja frequentemente vitimizada pelo seu parceiro (Williams, 2004). Segundo Saffioti (1997), a violência contra a mulher também pode ser chamada de violência de gênero, uma vez que “esta é uma construção social que define o ser mulher e o ser homem” (p. 41).

O fenômeno da violência contra a mulher não é recente e devido aos movimentos feministas, nas últimas décadas tem recebido atenção de diferentes profissionais de saúde (D’Affonseca & Williams, 2011). Em 1993, a Organização das Nações Unidas (ONU) reconheceu a violência contra a mulher como um obstáculo ao desenvolvimento, à paz e aos ideais de igualdade entre os seres humanos, sendo considerada uma violação aos direitos humanos (Hermann & Barsted, 2000). A violência contra a mulher caracteriza-se como um problema social e de saúde pública,

que consiste num fenômeno mundial que não respeita fronteiras de classe social, raça/etnia, religião, idade e grau de escolaridade (Ormeño & Williams, no prelo). A dimensão da problemática da violência é reconhecida pela Organização Mundial da Saúde (OMS), dados os efeitos que a violência doméstica tem na integridade física e mental das mulheres, o que é frequentemente constatado pelos profissionais da área de saúde.

Os episódios de violência ocorrem no âmbito familiar, no espaço privado e os agressores, em geral, são homens. Os parceiros tendem a ser os principais responsáveis pelas agressões e ameaças, seguidos pelos ex-maridos e ex-companheiros (Vasconcelos, 2002), ou seja, a forma de violência mais comum é aquela perpetrada por parceiros íntimos (Schraiber, D'Oliveira, França-Junior, Portella, Ludermir, Valença, & Couto, 2007). No Brasil, estudo de base populacional (Venturi, Recamán & Oliveira, 2004) avaliou a ocorrência de violência contra as mulheres, utilizando uma amostra representativa nacional de 2.502 mulheres de 15 anos ou mais. Nessa investigação 43% das brasileiras declararam ter sofrido violência praticada por um homem; um terço admitiu ter sofrido alguma forma de violência física, 13% sexual e 27% psicológica. Maridos, ex-maridos, namorados e ex-namorados foram os principais agressores, variando de 88% dos autores de tapas e empurrões a 79% dos perpetradores de relações sexuais forçadas.

Alguns fatores de risco podem funcionar como estressores ou facilitadores para o desencadeamento da violência contra o parceiro. Slep e O'Leary (2001) propõe que estes fatores estão presentes em diferentes níveis: os fatores contextuais fazem referência à experiência de estresse que podem ser desencadeadas por desemprego, falta de moradia, rotina de trabalho, padrões disfuncionais de pensamento; os fatores de risco de relacionamento estão relacionados ao histórico de agressão na família de origem,

discórdia entre os pais e pouca satisfação com o relacionamento atual e os fatores de risco pessoais compreendem características pessoais tais como impulsividade, agressividade, poucas habilidades de resolução de problemas, sintomas de depressão, abuso de substâncias, história de comportamento antissocial e a idade. Outro fator de risco, citado pela literatura devido à sua recorrência, é a intergeracionalidade, fenômeno pelo qual crianças expostas à violência doméstica se tornam adultos que submeterão crianças às mesmas experiências pelas quais passaram (Santini, Ormeño, D’Affonseca & Williams, 2013).

A violência contra a mulher no ambiente intrafamiliar é uma forma específica e muito comum de violência interpessoal (Cassado, Gallo & Williams, 2003) podendo ser manifesta sob a forma de algumas modalidades que raramente aparecem isoladas quais sejam: violência física, violência psicológica ou emocional, violência sexual e patrimonial. Saffioti (1997) afirma que a violência física é a forma de agressão mais passível de identificação, uma vez que pode deixar sequelas visíveis sob a forma de lesões. Estudo realizado por Schraiber et al. (2007) que integra a pesquisa *WHO Multi-country Study on Women’s Health and Domestic Violence* proposta pela OMS e realizada em 10 países (Brasil, Peru, Bangladesh, Japão, Tailândia, Samoa, Namíbia, Etiópia, Sérvia e Tanzânia) entre os anos de 2000 e 2003 constatou que a violência psicológica foi o evento mais frequente na vida e acompanhou em 90% das vezes os relatos sobre as formas físicas ou sexuais de violência no que se refere à população brasileira, composta por 2128 mulheres de duas regiões do país.

Apesar da dificuldade em determinar precisamente os casos de violência contra a mulher, dados de diferentes pesquisas os têm apontado como um dos delitos mais frequentes no mundo, responsável por sequelas nocivas ao seu desenvolvimento (Williams, 2001). Psicólogos e os demais profissionais da saúde consideram episódios



recorrentes de violência como eventos traumáticos, que são caracterizados pela exposição prolongada e contínua a eventos de alto impacto emocional, pouco previsíveis, reconhecidos por serem variáveis, múltiplos, crônicos e de longa duração. (Meichenbaum, 1994 citado por Cassado et al., 2003). Este autor ainda descreve quais são os impactos da vitimização nas mulheres como altos níveis de depressão, ideação e tentativas suicidas, abuso de substâncias e, mais especificamente, sintomas de transtorno de estresse pós-traumático (TEPT), tais como entorpecimento, ansiedade crônica, desamparo, baixa auto-estima, distúrbios de sono e/ou alimentação, entre outros. Além disso, Meichenbaum afirma que as mulheres vitimizadas ainda apresentam constante sensação de perigo, tornam-se, em geral, mais dependentes e sugestionáveis. Como consequência disso, seu processo de tomada de decisão fica prejudicado e diante da situação de desamparo experienciam sentimentos de culpa e dificuldades para fazer planos futuros em relação à família, filhos e carreira.

Williams, Padovani e Brino (2009) também assinalam que vítimas de violência doméstica apresentam quadros depressivos e ansiosos, apreensão, dependência química, distúrbios de sono e de alimentação, queixas somáticas como dores de cabeça ou coluna, isolamento do convívio social, sensação ou sentimento de desamparo, sentimentos de ambivalência e desesperança.

### **O pensamento contrafactual em grupos específicos**

Variáveis individuais estão relacionadas à geração de tipos específicos de contrafatos e podem influenciar na função adaptativa ou na disfuncionalidade desse tipo de pensamento. A violência doméstica na qual a mulher é agredida física, sexual ou psicologicamente é uma experiência na qual o afeto negativo é vivenciado por meio da constante sensação de perigo, desamparo e ansiedade. O pensamento que corrige ou

modifica a realidade seria benéfico nesses casos, uma vez que poderia auxiliar no enfrentamento (*coping*) e na consideração de comportamentos mais adequados e efetivos para o futuro. Alguns autores têm realizado estudos acerca do pensamento contrafactual em grupos específicos com o intuito de analisar as características das modificações dos eventos da realidade nesses grupos. Dentre os estudos que vem sendo realizados pode-se listar aqueles com esquizofrênicos (Hooker et al., 2000; Roese, Park, & Smallman, 2008), indivíduos com ansiedade social (McMahon, 2009; Monforton, Vickers & Antony, 2012), mulheres que sofreram abortos recorrentes (Callender, Brown, Tata e Regan, 2007), pessoas com depressão (Juhos et al., 2003; Quelhas, Power, Juhos & Senos, 2008; Faccioli, 2013), familiares de vítimas de tsunamis (Teigen & Jensen, 2011) e vítimas de ataques terroristas (Gilbar, Plivazky, & Gil, 2010).

Hooker et al. (2000) hipotetizaram que algumas populações clínicas, tais como os esquizofrênicos teriam um risco de apresentar déficits no pensamento contrafactual (PC). O estudo conduzido pelos pesquisadores teve por objetivo documentar o comprometimento do PC em pacientes com esquizofrenia quando comparados com pacientes sem histórico psiquiátrico. Foram selecionados 14 pacientes com diagnóstico de esquizofrenia de uma casa de cuidados para pessoas com transtornos mentais e 12 pacientes sem histórico psiquiátrico para compor o grupo controle. Todos os participantes completaram uma bateria de testes que incluía duas medidas de pensamento contrafactual, duas medidas de habilidades cognitivas e uma medida de competência social.

A primeira medida de pensamento contrafactual (PC) teve como foco a frequência desses pensamentos em resposta a um evento negativo da vida de cada participante. Os participantes eram solicitados a narrar um evento pessoal negativo ocorrido no último ano e em seguida era questionado de forma explícita se havia

ocorrido algum pensamento sobre como as coisas poderiam ter sido diferentes. A segunda medida de PC focalizou as inferências resultantes do pensamento contrafactual e foi denominada Teste de Inferência Contrafactual (*Counterfactual Inference Test - CIT*) elaborada especialmente para o estudo. O CIT foi resultado de uma adaptação de materiais de pesquisas anteriores e consistia em quatro blocos de perguntas de múltipla escolha sendo que em cada bloco, os eventos eram vivenciados por dois indivíduos que experienciavam o mesmo evento sob circunstâncias distintas e uma delas dava margem a pensamentos do tipo “e se...”.

As habilidades cognitivas gerais dos participantes foram avaliadas por meio do WAIS-R (subtestes Vocabulário e Dígitos) e pelo Teste de Fluência Verbal FAZ (*Verbal Fluency Test*) que foi usado como uma medida de produção verbal. Essas medidas de controle foram utilizadas para confirmar que o comprometimento no pensamento contrafactual não se devia apenas a uma redução das habilidades cognitivas globais ou pobreza na fala. No que se refere à competência social, foi aplicada a Escala Zigler de Competência Social (*Zigler Social Competence Scale*).

Os resultados obtidos por Hooker et al. (2000) sugerem que a esquizofrenia está associada com o comprometimento do pensamento contrafactual em relação ao grupo controle, uma vez que os pacientes diagnosticados com esquizofrenia fizeram menção a pensamentos contrafactuais em resposta à solicitação direta com menos frequência. No que se refere aos escores obtidos no CIT, foi observado que os pacientes com esquizofrenia apresentaram escores menores. Em relação às medidas de habilidades cognitivas gerais e fluência verbal, não houve diferença entre os grupos, o que sugere que o comprometimento no pensamento contrafactual não pode ser explicado por um déficit cognitivo generalizado decorrente da doença e de uma redução na fluência verbal, uma vez que não houve diferença entre os grupos em relação a essas duas

variáveis. Foi observada uma correlação entre o pensamento contrafactual e função social, medida pela Escala Zigler. Os achados corroboram a hipótese dos autores de que o pensamento contrafactual contribui em partes para um efetivo funcionamento psicossocial e o seu comprometimento pode ser associado com déficits de repertório nessa área.

Na mesma linha de investigar a associação entre o pensamento contrafactual e algumas psicopatologias, Quelhas et al. (2008) tiveram como objetivo avaliar a possível função do pensamento contrafactual (PC) na depressão. Foram realizados dois estudos com estudantes universitários. O primeiro deles teve por objetivo comparar o pensamento contrafactual bem como suas consequências afetivas e cognitivas entre um grupo de estudantes depressivos e não depressivos, testando a hipótese de que os dois grupos não apresentariam diferenças em termos do pensamento contrafactual, mas sim nas consequências de pensar contrafactualmente. Foi utilizado o Inventário Beck de Depressão (BDI) e a partir dos escores obtidos a amostra foi dividida entre depressivos e não depressivos. Foram utilizados três cenários hipotéticos a partir dos quais os participantes deveriam cumprir duas tarefas: a primeira consistia em listar pensamentos e a segunda em uma avaliação da tarefa, sendo que em ambas eram precedidas por instruções que induziam o pensamento contrafactual.

Na tarefa de listar pensamentos, os participantes deveriam escrever seus pensamentos sobre como as coisas poderiam ser diferentes caso algo do cenário tivesse acontecido de outra maneira. Na tarefa de avaliação os participantes respondiam questões sobre o controle percebido na situação, a direção do pensamento contrafactual, o afeto relacionado ao pensamento contrafactual, a percepção de preparação para uma situação similar no futuro e a percepção de valência do resultado (Quelhas *et. al*, 2008). Os resultados sugerem uma semelhança entre os grupos em termos de estilo de

pensamento contrafactual (direção, estrutura e foco de modificação). Observou-se ainda que a percepção de preparação para uma situação similar no futuro aumentou após a ativação do pensamento contrafactual e contrário à hipótese dos autores, esse efeito foi observado em ambos os grupos.

No segundo estudo, os cenários hipotéticos foram substituídos por situações reais, uma vez que a ideia dos autores era prevenir o distanciamento emocional que pode ocorrer quando as pessoas pensam sobre um cenário hipotético ou pelo distanciamento temporal que ocorre quando se pensa em algum ruim que ocorreu no passado. O objetivo foi analisar se o estado de humor deprimido alteraria os efeitos do pensamento contrafactual nas emoções cognições e comportamentos. A situação real sobre a qual os estudantes deveriam pensar contrafactualmente era obter uma nota ruim em um exame e para tal foram selecionados aqueles que haviam recebido esse tipo de nota na semana anterior. Cada participante deveria escrever cinco pensamentos espontâneos relacionados ao evento negativo e em seguida eles eram induzidos a pensar como o resultado obtido poderia ter sido diferente. Foram avaliados sentimentos e emoções e realizou-se medidas de preparação, capacidade de prevenção para eventos futuros similares e intensidade da intenção para emitir comportamentos preventivos no futuro. Após uma semana, foi avaliado se os comportamentos preventivos foram emitidos ou não (Quelhas et al., 2008).

Observou-se novamente que os participantes depressivos e não depressivos não apresentaram diferenças quanto ao estilo do pensamento contrafactual, no entanto, os participantes não depressivos apresentaram uma tendência maior para o uso do pensamento contrafactual espontâneo. Ademais, foi observado ainda que após pensar contrafactualmente os participantes não depressivos se sentiram mais preparados para situações futuras similares, o que não foi observado no grupo de participantes

depressivos. Quelhas et al. (2008) concluem que os participantes depressivos apresentaram falta de benefícios cognitivos por pensarem contrafactualmente, ou seja, após a ativação do pensamento contrafactual os participantes não se sentiram mais preparados para eventos futuros similares e tampouco capazes de evitar um resultado negativo no futuro. Além disso, foi observada uma ausência de mudanças comportamentais, ou seja, não houve intenções para mudança de comportamento ou mudanças de comportamento propriamente ditas na semana seguinte. Os autores afirmam que esses resultados vão de encontro à literatura que acredita que as pessoas deprimidas se sentem incapazes de mudar os resultados obtidos em suas vidas.

Estudo brasileiro realizado por Faccioli (2013) também buscou investigar os pensamentos contrafactuais de pessoas com e sem indicativo de depressão com o intuito de verificar possíveis diferenças na forma de modificar a realidade vivenciada. A amostra de participantes foi composta por 42 adultos, 85% do sexo feminino e com uma média de idade de 43 anos. Para acesso ao pensamento contrafactual foi utilizada técnica elaborada por Justino, Faccioli e Schelini (2013) composta por cinco histórias a partir das quais os participantes deveriam primeiramente relatar os pensamentos no momento em que a história era lida, propor modificações e em seguida escolher uma alternativa de modificação. Foi realizada uma análise de conteúdo para categorizar as respostas abertas e a frequência de pensamentos contrafactuais entre os grupos foi comparada por meio do Teste-*t* de *Student*.

Os resultados indicaram estilos similares de pensamento contrafactual nos grupos com e sem indicativos de depressão, corroborando os achados de Quelhas et al. (2008), sendo os pensamentos categorizados com mais frequência nas categorias ascendente, subtrativo, autorreferente e modificavam o aspecto referente à ação/inação. No que se refere aos pensamentos contrafactuais espontâneos, eles foram observados

em baixa frequência e foram diminuindo ao longo das apresentações das estórias em ambos os grupos.

A partir do que foi exposto, pode-se perceber que a análise do pensamento contrafactual em grupos específicos pode dar indícios da função que esse tipo de pensamento tem para cada grupo e ainda focar as diferentes formas que os grupos têm em perceber e modificar seus pensamentos em relação à realidade vivida, bem como as consequências de pensar contrafactualmente para as emoções, cognições e comportamentos de cada grupo a partir de suas características específicas. Girotto, Ferrante, Pighin e Gonzalez (2007) afirmam que a perspectiva individual assim como variáveis individuais específicas podem afetar as inferências e escolhas produzidas por cada um podendo afetar a construção de alternativas contrafactuais. O pensamento contrafactual pode auxiliar na vivência e reelaboração de sentimentos, permitindo maneiras diferentes de lidar com as mais diversas situações e parecem ser benéficos para eventos potencialmente suscetíveis de repetição porque podem impulsionar ações corretivas e reduzir a intensidade dos sentimentos de arrependimento. Pesquisas indicam que um sistema que regula as experiências de emoção negativa seria um sinal de um funcionamento cognitivo saudável (Markman, et al., 2009).

Considerando a grande incidência mundial da violência doméstica e os impactos que esse fenômeno tem sobre a integridade física e mental das mulheres, o estudo dessa população faz-se relevante na medida em que a violência passa a ter uma dimensão problemática para a saúde pública e necessita-se entender os efeitos causados pela exposição a esse trauma de forma que se possa pensar em medidas protetivas, preventivas e remediativas. Entender as tendências do pensamento contrafactual nessa população faz-se importante na medida em que este poderia ser uma importante ferramenta para intervenções clínicas.

## Capítulo 3 – Estudo 1: Elaboração De Técnica Para Acessar O Pensamento

### Contrafactual<sup>2</sup>

Considerando que o pensamento contrafactual (PC) está inserido na função imaginativa e reconhecendo a importância do processo imaginativo como uma importante forma de adaptação à realidade, adaptação esta que se dá por meio da modificação de elementos contidos na realidade, o Estudo 1 teve os seguintes objetivos:

- (1) elaborar uma proposta de técnica para a avaliação do pensamento contrafactual em adultos;
- (2) capacitar juízes para avaliação do material que constituiria a técnica de avaliação do PC;
- (3) analisar o nível de concordância entre juízes para as alternativas de modificação dos eventos propostas.

#### **Método**

##### *Participantes.*

Foram selecionados cinco alunos do Programa de Pós Graduação em Psicologia da Universidade Federal de São Carlos para participar da capacitação sobre o pensamento contrafactual e posteriormente realizar a avaliação e análise do material confeccionado.

---

<sup>2</sup> A proposta de técnica de avaliação do pensamento contrafactual em adultos foi desenvolvida em co-autoria por Justino, Faccioli e Schelini (2013) e constitui parte da dissertação de mestrado de Faccioli (2013).



### ***Local.***

A capacitação foi realizada em uma sala anexa ao Departamento de Psicologia da Universidade Federal de São Carlos, onde foram distribuídos os materiais que deveriam ser avaliados posteriormente.

### ***Materiais e procedimentos.***

Foram utilizados uma carta direcionada aos juízes, que descrevia no que consistiria a participação dos mesmos e qual deveria ser o procedimento adotado para a avaliação do material (Anexo 1); um conto adaptado seguido por quatro alternativas de modificação retirado do estudo de Justino e Schelini (2010) que foi utilizado como exercício de treino para a avaliação que posterior do material que seria realizada (Anexo 2); o material que seria avaliado que foi constituído por uma tabela que resumizava os principais aspectos da realidade, uma breve definição dos mesmos e um exemplo de cada um e as cinco estórias seguidas de quatro alternativas de modificação (Anexo 3).

A Tabela 1 apresenta a distribuição das estórias que foram apresentados para apreciação em cada uma das três avaliações realizadas. As colunas apresentam cada uma das três avaliações e as linhas as estórias que fizeram parte de cada uma delas. Os traços representam a ausência de determinada estórias na avaliação ou a exclusão da mesma após determinada avaliação. As estórias que seriam modificadas livremente pelos participantes não foram incluídas nessas avaliações.

Tabela 1

*Distribuição das estórias em cada uma das três avaliações.*

<b>Avaliação 1</b>	<b>Avaliação 2</b>	<b>Avaliação 3</b>
-	A tentação	A tentação
-	No caminho de casa	No caminho de casa
Dilema da montanha	Dilema da montanha	Dilema da montanha
A vida no corredor da morte	-	-
O encantador de plateias	O encantador de plateias	O encantador de plateias
Renascido para viver	Renascido para viver	Renascido para viver
Celular e elevador salvam vida de ajudante de obras em desabamento no Rio.	Celular e elevador salvam vida de ajudante de obras em desabamento no Rio.	Celular e elevador salvam vida de ajudante de obras em desabamento no Rio.

A partir da Tabela 1, percebe-se que na Avaliação 1, os juízes avaliaram cinco estórias adaptadas e suas respectivas alternativas de modificação que faziam referência aos aspectos da realidade. A estória “A vida no corredor da morte” foi indicada por três dos cinco juízes para ser retirada do material, uma vez que os aspectos contidos nela não representavam o contexto brasileiro. Na segunda avaliação foram incluídos duas estórias retirados do estudo de Juhos et al. (2003). Optou-se pela inclusão destas estórias, primeiramente, por já estarem descritos na literatura como materiais para avaliação do pensamento contrafactual e pela necessidade de apresentar aos participantes estórias que pudessem se aproximar ao cotidiano e do seu contexto de vida. Após a terceira avaliação, duas das quatro alternativas da estória “O encantador de platéias” não atingiram o nível de concordância satisfatório (80%) e, sendo assim, optou-se por excluir essa estória do material.

Inicialmente, foi elaborado o material a ser avaliado pelos juízes, para que a capacitação pudesse ser realizada em seguida e pudesse proporcionar uma adequada análise do material que seria apresentado aos participantes.

Buscou-se notícias que fossem narradas de forma linear, com uma descrição rica em detalhes e com as consequências dos eventos descritos. Após a seleção das notícias, perguntas que levassem o participante a pensar sobre os fatos narrados, sobre possíveis modificações e sobre seus sentimentos a respeito do que foi lido e do que foi modificado foram elaboradas. Foram formuladas quatro alternativas de modificação relativas aos acontecimentos das notícias, que correspondem a modificações de fatos baseadas nas linhas de falha na realidade descritas por Byrne (2005), quais sejam: ação/inação, tempo, obrigação e evento não usual. A categoria razão, também descrita pela autora, foi eliminada das alternativas por se considerar que todas elas continham relações causais entre eventos, ou seja, as mudanças nos eventos eram percebidas como causa de um resultado indesejado, que poderia ser modificado pelo pensamento contrafactual.

Considerando o desconhecimento da existência de especialistas no tema pensamento contrafactual no contexto brasileiro, após a elaboração do material, a pesquisadora realizou uma capacitação que teve por objetivo definir o pensamento contrafactual, sua importância e função, bem como os aspectos descritos na literatura como os mais frequentemente modificados pelas pessoas, chamados por Byrne (2005) de linhas de falha na realidade. Foram selecionados cinco alunos do Programa de Pós Graduação em Psicologia da Universidade Federal de São Carlos para participar da capacitação e posteriormente realizar a avaliação e análise do material confeccionado. Os alunos selecionados que participaram da capacitação teriam a função de juízes na avaliação do material que estava sendo elaborado.

Ao final da capacitação, os juízes realizaram um exercício de avaliação de alternativas que se assemelhava à avaliação do material que deveria ser feita. Para tal exercício foi utilizado um conto adaptado seguido por quatro alternativas de

modificação retirado do estudo de Justino e Schelini (2010). Após a capacitação e da realização do exercício, o material foi entregue aos juízes para avaliação. A avaliação dos juízes teve por objetivo verificar se as alternativas faziam referência aos aspectos da realidade propostos e ainda verificar se a sua classificação quanto à ascendência e descendência. Foi solicitado ainda que os juízes avaliassem as instruções do material quanto à clareza e objetividade e sugerissem que uma das histórias fosse retirada do conjunto final. Cada juiz, individualmente, recebeu um caderno composto por uma tabela que resumia os principais aspectos da realidade, uma breve definição dos mesmos e um exemplo de cada um e as cinco histórias seguidas de quatro alternativas de modificação.

A primeira avaliação foi realizada após a realização da capacitação. Após a primeira avaliação do material, foi realizada uma reunião da pesquisadora com os juízes com o objetivo de esclarecer dúvidas e colher observações sobre o material. Foi estabelecido o nível de concordância de 80% entre juízes para que as alternativas fossem consideradas dentro da classificação proposta. As respostas dos juízes foram comparadas e em seguida realizou-se uma análise de concordância entre as mesmas. Posteriormente, foi analisado se a classificação dos juízes estava de acordo com a classificação proposta pela bolsista.

Na segunda avaliação foi solicitado que os juízes reavaliassem as alternativas que não haviam atingido o índice de concordância satisfatório de 80% após a primeira avaliação. O material sofreu alteração na sua estrutura, uma vez que os enredos para modificações livres foram excluídos do material. Optou-se por incluir questões para modificações livres após cada um dos enredos e antes da apresentação das alternativas para modificação, com o intuito de comparar se os pensamentos gerados seriam semelhantes ao aspecto da realidade que seria escolhido para modificação. Portanto,

todas as histórias foram seguidas de perguntas abertas sobre pensamentos que ocorreram durante a leitura, sentimentos evocados e possíveis modificações no curso dos acontecimentos do enredo e ainda uma questão a qual se seguia as alternativas para modificação e outra sobre os sentimentos evocados após a escolha de uma alternativa de modificação.

Ao todo, foram realizadas três avaliações para que se pudesse atingir um nível de concordância satisfatório para todas as alternativas. Entre as avaliações, as alternativas que não haviam atingido um nível de concordância satisfatório foram sendo modificadas. Vale ressaltar que a segunda e a terceira avaliações foram realizadas de modo digital, sendo que as instruções e as alternativas que necessitavam de avaliação foram encaminhadas por e-mail.

### **Resultados E Discussão Do Estudo 1**

A Tabela 2 apresenta a avaliação dos juízes quanto à ascendência e descendência das alternativas, que se refere a uma modificação melhor do que o que realmente ocorreu ou pior do que o fato ocorrido respectivamente. A primeira coluna da tabela apresenta o nome da história, a segunda coluna as alternativas. Na terceira coluna está representada a classificação proposta pela bolsista. As duas últimas colunas apresentam o nível de concordância entre juízes e a concordância da avaliação dos mesmos com a proposta inicial.

Tabela 2

*Avaliação das alternativas quanto à ascendência e descendência.*

ESTÓRIA	ALTERNATIVA	CLASSIFICAÇÃO PROPOSTA	AVALIAÇÃO 1	
			Concordância entre juízes	Concordância com a classificação proposta
Dilema da montanha	A	Ascendente	100%	Sim
	B	Descendente	100%	Sim
	C	Descendente	100%	Sim
	D	Ascendente	100%	Sim
A vida após o corredor da morte	A	Descendente	100%	Sim
	B	Ascendente	100%	Sim
	C	Ascendente	100%	Sim
	D	Ascendente	100%	Sim
Renascido para viver	A	Ascendente	100%	Sim
	B	Descendente	100%	Sim
	C	Descendente	100%	Sim
	D	Descendente	100%	Sim
O encantador de plateias	A	Ascendente	80%	Sim
	B	Ascendente	100%	Sim
	C	Ascendente	100%	Sim
	D	Descendente	100%	Sim
Celular e elevador salvam ajudante de obras	A	Ascendente	100%	Sim
	B	Descendente	100%	Sim
	C	Descendente	80%	Sim
	D	Descendente	80%	Sim

Observa-se na Tabela 2, que houve 100% de concordância entre juízes em 17 das 20 alternativas, o que representa 85% do total. Para as demais alternativas, o nível de concordância entre juízes foi de 80%, o que é considerado satisfatório. A partir da última coluna da tabela é possível constatar que houve concordância com a classificação proposta para todas as alternativas.

Na Tabela 3 são apresentadas as avaliações dos juízes para cada uma das alternativas no que se refere aos aspectos da realidade. A legenda da tabela indica a quais aspectos da realidade cada uma das letras fazem referência. Essas letras foram usadas apenas para aquelas alternativas nas quais não houve concordância entre a proposta da autora e a avaliação feita pelos juízes e se referem à categoria resultante da

apreciação dos mesmos. Portanto, as letras indicam para qual dos aspectos da realidade a concordância entre juízes ocorreu, quando esta se diferia da classificação proposta.

Tabela 3

*Primeira avaliação das alternativas com relação aos aspectos da realidade.*

ESTÓRIA	ALTERNATIVA	CLASSIFICAÇÃO PROPOSTA	AVALIAÇÃO 1	
			Concordância entre juízes	Concordância com a classificação proposta
Dilema da montanha	A	Evento não usual	80%	Sim
	B	Ação/Inação	80%	Sim
	C	Obrigação	80%	Sim
	D	Tempo	<b>80%</b> <sup>a</sup>	Não <sup>a</sup>
A vida após o corredor da morte	A	Ação/Inação	100% <sup>e</sup>	Não <sup>e</sup>
	B	Obrigação	20%	Sim
	C	Evento não usual	80% <sup>e</sup>	Não <sup>e</sup>
	D	Tempo	60%	Sim
Renascido para viver	A	Obrigação	80% <sup>a</sup>	Não <sup>a</sup>
	B	Tempo	<b>60%</b>	Sim
	C	Ação/Inação	<b>60%</b>	Sim
	D	Evento não usual	<b>40%</b>	Sim
O encantador de plateias	A	Obrigação	<b>60%</b> <sup>a</sup>	Não <sup>a</sup>
	B	Evento não usual	<b>60%</b>	Sim
	C	Tempo	<b>60%</b> <sup>c</sup>	Não <sup>c</sup>
	D	Ação/Inação	100%	Sim
Celular e elevador salvaram ajudante de obras	A	Tempo	80%	Sim
	B	Ação/Inação	<b>20%</b>	Sim
	C	Obrigação	100% <sup>a</sup>	Não <sup>a</sup>
	D	Evento não usual	<b>20%</b>	Sim

<sup>a</sup>Ação/Inação, <sup>b</sup>Obrigação, <sup>c</sup>Evento não usual, <sup>d</sup>Tempo, <sup>e</sup>Razão

Por meio da Tabela 3, nota-se que das 20 alternativas propostas, apenas sete obtiveram índice de concordância igual a 80%. Dessas alternativas, duas apresentaram discordância com a classificação proposta pela autora (alternativa “C” da estória “Vida após o corredor da morte e alternativa “A” da estória “Renascido para viver”), que foram classificadas pelos juízes como se referindo aos aspectos razão e ação/inação, respectivamente. Três alternativas apresentaram alto índice de concordância (100%), no entanto, dentre elas havia duas que não concordavam com a classificação proposta,

sendo elas a alternativa “A” da estória “A vida após o corredor da morte” e a alternativa “C” da estória “Celular e elevador salvaram ajudante de obras”. Nesses casos em que não ocorreu a concordância com a proposta inicial da autora ou o índice de concordância obtido para a classificação proposta não foi satisfatório, dois procedimentos distintos foram adotados. Quando houvesse concordância para duas alternativas no mesmo aspecto da realidade, ou seja, a classificação proposta concordou com a avaliação dos juízes ou os juízes avaliaram uma alternativa em um aspecto já existente, a alternativa que não foi classificada de acordo com a proposta inicial seria modificada para que se adequasse a mesma. Caso a alternativa não obtivesse concordância satisfatória para o aspecto proposto, mas obtivesse a concordância satisfatória para outro aspecto, a classificação inicial seria reconsiderada de modo que se adequasse à classificação dos juízes.

Após a primeira avaliação, das sete alternativas que não apresentaram concordância com a proposta inicial, foram desconsideradas as alternativas “A” e “C” da estória “A vida após o corredor da morte”, uma vez que essa estória foi indicada pelos juízes para ser retirada do material. As alternativas “D” de “Dilema da Montanha”, a “A” e “C” de “Encantador de plateias” foram readequadas de modo que se aproximassem da classificação inicial proposta pela autora. Já as alternativas “A” de “Renascido para viver” e “C” de “Celular e elevador salvam ajudantes de obras” foram modificadas para se adequar à classificação dos juízes, uma vez que não foi obtido nível de concordância satisfatório para as demais alternativas em relação à proposta inicial. Todas as alternativas foram reescritas no pretérito imperfeito. Após a primeira avaliação e as readequações realizadas, cinco alternativas não precisaram ser reavaliadas na segunda avaliação.



As tabelas que serão apresentadas a seguir ilustram as mudanças realizadas na redação das alternativas bem como as readequações realizadas para que as mesmas fizessem referência aos aspectos da realidade propostos após a primeira avaliação. Na primeira coluna estão representadas as alternativas da forma como foram entregues para a avaliação dos juízes e na segunda coluna, as alternativas readequadas após a primeira avaliação. As linhas da tabela apresentam cada uma das quatro alternativas.

A Tabela 4 apresenta as alternativas do primeiro enredo modificadas.

Tabela 4

*Alternativas readequadas após a primeira avaliação – Estória 1: Dilema da Montanha*

- 
- A) Mesmo caindo na fenda, Luiz não quebraria a perna e chegaria mais rápido ao acampamento.
  - B) Marcos não cortaria a corda no momento em que Luiz caísse na fenda e acabaria caindo junto com o amigo.
  - C) Marcos não ficaria para salvar Luiz quando ele quebrasse a perna e, assim, Luiz não conseguiria sobreviver.
  - D) A avalanche aconteceria logo no primeiro dia e os dois amigos desistiriam de escalar o pico.
- 

Das quatro alternativas, apenas a alternativa “D” não atingiu o índice de concordância desejável para o aspecto da realidade proposto inicialmente, a concordância obtida foi para o aspecto ação. Houve concordância para o aspecto da realidade ação. No entanto, como a concordância já havia sido obtida para a alternativa que se referia ao aspecto ação, a alternativa “D” foi readequada para que continuasse representando o aspecto tempo. A partir da tabela é possível observar ainda que todas as alternativas passaram por uma reelaboração no que se refere à redação e ao tempo verbal.

A Tabela 5 apresenta as alternativas modificadas do segundo enredo.

## Tabela 5

Alternativas readequadas após a primeira avaliação – Estória 2: Renascido para viver.

- 
- A) O ex-colega de Lauro não teria feito a denúncia de doping e ele não teria que enfrentar mais esse problema na sua vida.
  - B) Logo no início de sua carreira, Lauro descobriria o câncer e não conseguiria enfrentar a doença com tanta determinação.
  - C) Os exames de doping teriam dado positivos e ele não poderia voltar a correr.
  - D) Lauro teria ficado desanimado com a acusação de doping e não teria participado de tantas corridas na França.
- 

Para a estória 2, três alternativas apresentaram índices de concordância insatisfatórios (alternativas B, C e D) para o aspecto da realidade proposto. A alternativa “A”, inicialmente classificada como fazendo referência ao aspecto da realidade obrigação, foi a única que obteve o índice de concordância satisfatório de 80% para o aspecto ação. Optou-se por readequar essa alternativa para que ela fizesse referência ao aspecto ação, uma vez que o índice não foi obtido para a alternativa que inicialmente apresentava essa classificação. Para as demais alternativas, foram realizadas pequenas modificações. A alternativa “B” sofreu uma inversão das sentenças de modo que a sequência temporal fosse enfatizada. A alternativa C foi reformulada para que pudesse fazer referência à categoria obrigação. A alternativa D também foi readequada de modo que pudesse fazer referência ao aspecto “evento não usual” inicialmente proposto.

A Tabela 6 apresenta as alternativas modificadas para o terceiro enredo.

## Tabela 6

*Alternativas readequadas após a primeira avaliação – Estória 3: O encantador de platéias.*

- 
- A) Thomas seria aceito no conservatório musical, mesmo sem poder tocar piano e seguiria a carreira de cantor normalmente.
- B) Thomas se conformaria em não poder entrar na faculdade de música e continuaria fazendo direito.
- C) Thomas nasceria um ano depois da descoberta das consequências da talidomida e não teria a deficiência.
- D) Thomas não levaria seu problema “rindo de si mesmo” e não conseguiria chegar aonde chegou.
- 

No que se refere à terceira estória, apenas a alternativa “D” obteve 100% de concordância para o aspecto proposto, qual seja ação/inação e não precisou ser alterada. A alternativa “A” foi complementada, segundo sugestão dos juízes para que fizesse referência ao aspecto obrigação, uma vez que já havia uma alternativa com índice de concordância satisfatório para o aspecto ação/inação. Na alternativa “B”, houve concordância entre a classificação proposta pela autora e a classificação dos juízes, mas como o índice de concordância obtido não foi satisfatório, pequenas alterações foram realizadas para que o índice de concordância chegasse a 80%. À alternativa “C” foram acrescentados advérbios temporais que aproximariam a alternativa à classificação no aspecto tempo.

A Tabela 7 apresenta as modificações realizadas no quarto enredo.

## Tabela 7

*Alternativas readequadas após a primeira avaliação – Estória 4: Celular e elevador salvaram ajudante de obras de desabamento no Rio.*

- 
- A) Alexandre chegaria ao prédio 10 minutos depois do desabamento e não sofreria o acidente.
  - B) Alguém teria visto, conferido e corrigido o erro na construção e o desabamento não teria ocorrido.
  - C) Os bombeiros ignorariam o chamado de Alexandre.
  - D) Alexandre não teria conseguido passar pela fenda dos cabos do elevador e os bombeiros levariam mais tempo para tirá-lo de lá.
- 

Na quarta estória, a alternativa “A” obteve índice de concordância satisfatório de 80% e a classificação dos juízes coincidiu com a classificação proposta pela autora, portanto, não houve necessidade de reformulações. A alternativa “B” não obteve índice de concordância satisfatório e foi readequada para que fizesse referência ao aspecto ação/inação. A Alternativa ”C” obteve índice de concordância de 100% para a categoria ação/inação, no entanto, foi totalmente reformulada para se enquadrar no aspecto obrigação. No que se refere à alternativa “D”, houve uma readequação de modo que o aspecto evento não usual fosse representado. Além disso, por sugestão dos juízes a palavra “gordinho” foi retirada da alternativa.

Após a primeira avaliação dos juízes, 10 das 16 alternativas foram reformuladas para que o índice de concordância satisfatório (80%) fosse obtido. Houve necessidade, portanto, de uma nova avaliação das alternativas reformuladas para que o índice de concordância pudesse ser calculado.

## Segunda avaliação

Na Tabela 8 apresentam-se os resultados da análise de concordância entre juízes na segunda avaliação quanto aos aspectos da realidade aos quais as alternativas fazem referência. A primeira coluna da tabela apresenta o nome da notícia, a segunda coluna as alternativas. Na terceira coluna está representada a classificação proposta pela autora de acordo com os aspectos da realidade aos quais cada alternativa faz referência. As duas últimas colunas apresentam o nível de concordância entre juízes e a concordância da avaliação dos mesmos com a proposta inicial da autora.

Tabela 8

*Segunda avaliação das alternativas com relação aos aspectos da realidade.*

ESTÓRIA	ALTERNATIVA	CLASSIFICAÇÃO PROPOSTA	AVALIAÇÃO 2	
			Concordância entre juízes	Concordância com a classificação proposta
Dilema da montanha	A	Evento não usual	-	-
	B	Ação/Inação	-	-
	C	Obrigação	-	-
	D	Tempo	80%	Sim
Renascido para viver	A	Ação/Inação	-	-
	B	Tempo	80%	Sim
	C	Obrigação	100% <sup>e</sup>	Não
	D	Evento não usual	20%	Sim
O encantador de plateias	A	Obrigação	60% <sup>e</sup>	Não
	B	Evento não usual	20%	Sim
	C	Tempo	100%	Sim
	D	Ação/Inação	-	-
Celular e elevador	A	Tempo	-	-
	B	Ação/Inação	60%	Sim
	C	Obrigação	40%	Sim
	D	Evento não usual	20%	Sim

<sup>a</sup>Ação/Inação, <sup>b</sup>Obrigação, <sup>c</sup>Evento não usual, <sup>d</sup>Tempo, <sup>e</sup>Razão

A partir da Tabela 8 é possível observar que das 10 alternativas reavaliadas, três apresentaram índices de concordância satisfatórios e concordância com a classificação inicial proposta pela autora (alternativa “D” – Dilema da Montanha, alternativa “B”-

Renascido para viver e alternativa “C” – O encantador de plateias). A alternativa “C” do enredo “Renascido para viver” obteve 100% de concordância para o aspecto razão, no entanto, a autora optou por retirar esse aspecto da realidade da avaliação, uma vez que na maioria das alternativas há uma relação causal entre eventos e fatores que determinam os eventos em sua sequência causal. Esta alternativa foi reformulada para fazer referência ao aspecto obrigação. O mesmo ocorreu com a alternativa “A” de “O encantador de plateias”. As demais alternativas foram readequadas de modo que a probabilidade de fazerem referência ao aspecto da realidade no qual foram classificadas fosse aumentada. As tabelas a seguir apresentam as readequações realizadas nas alternativas de cada um dos enredos.

Tabela 9

*Alternativas readequadas após a segunda avaliação – Estória 2: Renascido para viver.*

- 
- A) O ex-colega de Lauro não teria feito a denúncia de doping e ele não teria que enfrentar mais esse problema na sua vida.
  - B) Logo no início de sua carreira, Lauro descobriria o câncer e não conseguiria enfrentar a doença com tanta determinação.
  - C) Os exames de doping teriam dado positivo e, desobedecendo às ordens do comitê esportivo, Lauro continuaria a correr.
  - D) Lauro teria desistido do esporte e não teria participado de corridas na França.

Como pode ser observado a partir da tabela, apenas as alternativas “C” e “D” foram reformuladas de modo que pudessem representar de forma mais fidedigna os aspectos da realidade aos quais faziam referência.

A Tabela 10 apresenta as modificações realizadas nas alternativas do terceiro enredo “O encantador de plateias”.

Tabela 10

*Alternativas readequadas após a segunda avaliação – Estória 3: O encantador de plateias.*

- 
- A) O conservatório musical não recusaria a entrada de Thomas que, mesmo sem poder tocar piano, seguiria a carreira de cantor normalmente.
  - B) Thomas se conformaria em não poder entrar na faculdade de música e continuaria fazendo direito.
  - C) Thomas nasceria um ano depois da descoberta das consequências da talidomida e não teria a deficiência.
  - D) Thomas não levaria seu problema “rindo de si mesmo” e não conseguiria chegar aonde chegou.
- 

É possível observar que a alternativa A recebeu um complemento de modo que a classificação da alternativa se aproximasse do aspecto obrigação. A alternativa B foi mantida da mesma forma.

A Tabela 11 apresenta as modificações realizadas nas alternativas do quarto enredo.

## Tabela 11

*Alternativas readequadas após a primeira avaliação – Estória 4: Celular e elevador salvaram ajudante de obras de desabamento no Rio.*

- 
- A) Alexandre chegaria ao prédio 10 minutos depois do desabamento e não sofreria o acidente.
  - B) Alguém teria visto, conferido e corrigido o erro na construção e o desabamento não teria ocorrido.
  - C) Os bombeiros, mesmo ouvindo os gritos vindos do elevador, ignorariam o chamado de Alexandre.
  - D) O prédio não desabaria durante a reforma e tudo estaria normal.
- 

A partir da Tabela 11 é possível observar que as alternativas C e D foram readequadas para que pudessem se aproximar do aspecto da realidade para o qual foram classificadas. A alternativa B não foi modificada, no entanto, a categoria razão foi descartada acreditando-se que a partir da ausência da mesma na avaliação seria possível chegar ao índice de concordância satisfatório.

Entre a primeira e a segunda avaliação dos juízes foram acrescentados ao material dois cenários adaptados dos estudos de McCloy e Byrne (2000) e Juhos et al. (2003) com intuito de expor os participantes a situações que representam e se aproximam do dia a dia da vida cotidiana. Outro motivo pelo qual se optou pela inclusão dos cenários foi o uso anterior dos mesmos em pesquisas sobre o pensamento contrafactual. Os cenários acrescentados substituíram as duas estórias que faziam parte do material inicialmente e para as quais os participantes deveriam fazer modificações livres. Os cenários encontram-se apresentados no Anexo 4. A descrição dos cenários foi adaptada e as alternativas de modificação da realidade foram formuladas especificamente para este estudo. Os juízes fizeram avaliação dessas alternativas da



mesma forma que foi feito para as demais, ou seja, avaliaram as alternativas quanto à ascendência e descendência e quanto ao aspecto da realidade ao qual faziam referência.

A Tabela 12 apresenta o resultado da avaliação dos juízes quanto à ascendência e descendência para ambos os cenários que foram inseridos no material entre a primeira e a segunda avaliação.

Tabela 12

*Avaliação das alternativas dos cenários quanto à ascendência e descendência.*

CENÁRIO	ALTERNATIVA	CLASSIFICAÇÃO PROPOSTA	AVALIAÇÃO 1	
			Concordância entre juízes	Concordância com a classificação proposta
A tentação	A	Ascendente	80%	Sim
	B	Ascendente	100%	Sim
	C	Ascendente	80%	Sim
	D	Ascendente	80%	Sim
No caminho de casa	A	Ascendente	100%	Sim
	B	Ascendente	100%	Sim
	C	Ascendente	100%	Sim
	D	Ascendente	80%	Sim

Observa-se na Tabela 12, que houve 100% de concordância entre juízes em quatro das oito alternativas, o que representa 50% do total. Para as demais alternativas, o nível de concordância entre juízes foi de 80%, o que é considerado satisfatório. A partir da última coluna da tabela é possível constatar que houve concordância com a classificação proposta para todas as alternativas.

Na Tabela 13 estão apresentados os resultados da análise de concordância entre os juízes quanto aos aspectos da realidade aos quais as alternativas fazem referência. A primeira coluna da tabela apresenta o nome da estória, a segunda coluna as alternativas. Na terceira coluna está representada a classificação proposta pela autora de acordo com os aspectos da realidade aos quais cada alternativa faz referência. As duas últimas colunas apresentam o nível de concordância entre juízes e a concordância da avaliação dos mesmos com a proposta inicial da autora.

Tabela 13

*Avaliação das alternativas propostas para os cenários adaptados de McCloy e Byrne (2000) e Juhos et al. (2003).*

CENÁRIO	ALTERNATIVA	CLASSIFICAÇÃO PROPOSTA	AVALIAÇÃO 1	
			Concordância entre juízes	Concordância com a classificação proposta
A tentação	A	Ação/Inação	80%	Sim
	B	Obrigação	80%	Sim
	C	Tempo	40%	Sim
	D	Evento não usual	60%	Não
No caminho de casa	A	Tempo	60%	Sim
	B	Obrigação	80%	Sim
	C	Evento não usual	60%	Sim
	D	Ação/inação	80%	Sim

A partir da Tabela 13 é possível observar que no que se refere ao primeiro cenário “A tentação” apenas duas alternativas não obtiveram índice de concordância satisfatório de 80%. Dessas, a alternativa D, apresentou discordância com a classificação inicial proposta pela autora, concordando para a categoria razão. Essas duas alternativas foram readequadas de modo que pudessem se aproximar do aspecto da realidade ao qual faziam referência e passaram por uma nova avaliação. No que se refere ao segundo cenário, duas alternativas (“A” e “C”) não atingiram o índice de concordância satisfatório e foram reformuladas.

A Tabela 14 apresenta as reformulações realizadas em cada uma das alternativas dos cenários adaptados após a avaliação e sugestões dos juízes.

Tabela 14

*Alternativas do cenário “A tentação” readequadas.*

---

A) Eu não teria ido à festa e nem conheceria o João.	A) Eu não teria ido à festa e nem conheceria o João.
B) Eu não teria dado meu número de telefone para o paquera de minha amiga.	B) Eu não teria dado meu número de telefone para o paquera de minha amiga.
C) Eles não teriam combinado de ir ao cinema antes da festa e eu me sentiria menos mal com a situação.	C) João me convidaria para sair antes da minha amiga contar que estava apaixonada por ele.
D) Eu não teria saído com minha amiga.	D) Eu não teria saído com minha amiga, como sempre fazia, e não teria conhecido João.

---

Observa-se, a partir da Tabela 14, que apenas as alternativas “C” e “D” foram reformuladas para que na avaliação seguinte o índice de concordância satisfatório fosse atingido.

Na Tabela 15 estão apresentadas as readequações realizadas nas alternativas que não atingiram o índice de concordância satisfatório após a primeira avaliação do segundo cenário.

Tabela 15

*Alternativas do cenário “No caminho de casa” readequadas.*

---

A) Daniel sairia uma hora antes do trabalho e não pegaria a rua bloqueada por uma árvore.	A) Daniel sairia uma hora antes do trabalho.
B) Daniel não pararia para tomar cerveja e chegaria em casa a tempo de levar a esposa ao hospital.	B) Daniel não pararia para tomar cerveja e chegaria em casa a tempo de levar a esposa ao hospital.
C) Daniel resolveria pegar um caminho diferente naquele dia e não chegaria tarde em casa.	C) Daniel resolveria pegar um caminho diferente do habitual naquele dia e não chegaria tarde em casa.
D) Daniel não pararia o carro por causa do ataque de asma.	D) Daniel não pararia o carro por causa do ataque de asma.

---

A partir da tabela é possível observar as reformulações realizadas nas alternativas após a avaliação dos juízes. Para a alternativa “A”, optou-se por retirar a segunda parte da sentença, para que o aspecto temporal fosse enfatizado. Na alternativa “C” foi inserida uma expressão para que ficasse mais claro o aspecto não usual.

Após a avaliação, quatro alternativas apresentaram nível de concordância insatisfatório, portanto, uma terceira avaliação foi necessária.

### **Terceira e quarta avaliação**

A terceira avaliação fez-se necessária uma vez que algumas alternativas não atingiram o nível de concordância satisfatório. Nesta avaliação, as definições de cada um dos aspectos da realidade foram aprimoradas e apresentadas aos juízes em uma nova tabela. Foram apresentadas apenas as alternativas que precisavam da terceira avaliação e as mudanças realizadas estavam destacadas em vermelho. Optou-se por retirar das opções de classificação a categoria razão, dado que todas as alternativas apresentavam relações causais entre eventos e isto poderia confundir os juízes.

A quarta avaliação foi realizada de modo que duas alternativas que não haviam atingido o nível de concordância satisfatório o atingissem. As alternativas que necessitaram passar por essa avaliação foram as alternativas “D” das Estórias 4 (Renascido para viver) e 5 (Celular e elevador salvam ajudante de obras no Rio), quais sejam: “Diferente do que costumava acontecer na vida de Lauro, ele teria resolvido desistir do esporte e não teria participado de corridas na França” e “Apesar de inúmeros erros na obra, o prédio não desabaria”, respectivamente. (Anexo 5).

A Tabela 16 sumariza os índices de concordância obtidos ao longo das três avaliações do material que foram realizadas. Os resultados da primeira e da segunda avaliação foram descritos anteriormente, portanto, a descrição a seguir focará nos

resultados da terceira e da quarta avaliações que estão apresentadas nas na penúltima e última coluna da tabela.

Tabela 16

*Índice de concordância das alternativas analisadas pelos juízes nas três avaliações.*

ESTÓRIA	ALTERNATIVA	CLASSIFICAÇÃO PROPOSTA	AVALIAÇÃO 1		AVALIAÇÃO 2		AVALIAÇÃO 3		AVALIAÇÃO 4	
			Juízes	Classificação proposta	Juízes	Classificação proposta	Juízes	Classificação proposta	Juízes	Classificação proposta
A Tentação	A	Ação/Inação	-	-	80%	Sim	-	-	-	-
	B	Obrigação	-	-	80%	Sim	-	-	-	-
	C	Tempo	-	-	40%	Sim	100%	Sim	-	-
	D	Evento não usual	-	-	60% <sup>e</sup>	Não	100%	Sim	-	-
No caminho de casa	A	Tempo	-	-	60%	Sim	100%	Sim	-	-
	B	Obrigação	-	-	80%	Sim	-	-	-	-
	C	Evento não usual	-	-	60%	Sim	100%	Sim	-	-
	D	Ação/inação	-	-	80%	Sim	-	-	-	-
Dilema da montanha	A	Evento não usual	80%	Sim	-	-	-	-	-	-
	B	Ação/Inação	80%	Sim	-	-	-	-	-	-
	C	Obrigação	80%	Sim	-	-	-	-	-	-
	D	Tempo	80% <sup>a</sup>	Não	80%	Sim	-	-	-	-
Renascido para viver	A	Ação/Inação	80% <sup>a</sup>	Não	80%	Sim	-	-	-	-
	B	Tempo	60%	Sim	80%	Sim	-	-	-	-
	C	Obrigação	60%	Sim	100% <sup>e</sup>	Não	80%	Sim	-	-
	D	Evento não usual	40%	Sim	20%	Sim	20%	Sim	100%	Sim
O encantador de plateias	A	Obrigação	60% <sup>a</sup>	Não	60% <sup>e</sup>	Não	40%	Sim	-	-
	B	Evento não usual	60%	Sim	20%	Sim	40%	Sim	-	-
	C	Tempo	60% <sup>c</sup>	Não	100%	Não	-	Sim	-	-
	D	Ação/Inação	100%	Sim	-	Sim	-	-	-	-
Celular e elevador	A	Tempo	80% <sup>d</sup>	Sim	-	Sim	-	-	-	-
	B	Ação/Inação	20%	Sim	60%	Sim	100%	Sim	-	-
	C	Obrigação	100% <sup>a</sup>	Não	40%	Não	80%	Sim	-	-
	D	Evento não usual	20%	Sim	20%	Sim	60%	Sim	100%	Sim

<sup>a</sup>Ação/Inação, <sup>b</sup>Obrigação, <sup>c</sup>Evento não usual, <sup>d</sup>Tempo, <sup>e</sup>Razão

A partir da Tabela 16 é possível observar que 11 alternativas foram avaliadas na terceira avaliação. Destas 11, cinco atingiram o nível de concordância alto de 100%, duas atingiram o nível de concordância satisfatório de 80%, três atingiram um nível de concordância médio que variou entre 40 e 60% e uma atingiu um nível de concordância baixo de 20%.

Em relação à alternativa “D” de Renascido para viver e à alternativa “D” de Celular e elevador salvam ajudantes de obras no Rio que representavam eventos não usuais, foram incluídas expressões linguísticas (tais como “Diferente do que fez...” ou “Como deveria ser...”) que enfatizassem o caráter não usual dos eventos descritos nas sentenças.

Decidiu-se ainda retirar o enredo “O encantador de plateias” do material de coleta de dados, uma vez que suas alternativas não atingiram o índice de concordância satisfatório. A decisão de excluir esse enredo do material não irá prejudicar a coleta de dados.

A avaliação dos juízes possibilitou um refinamento nas instruções, uma melhora na redação dos textos, uma redução na extensão de cada enredo bem como a readequação das alternativas formuladas de modo que pudessem se aproximar mais à classificação quanto aos aspectos da realidade aos quais se referem. Considerando a elevada concordância entre os juízes, julgou-se que o material elaborado encontra-se adequado para ser apresentado aos participantes de modo que se possa verificar quais serão os aspectos da realidade mais frequente modificados por eles. A versão final do material encontra-se no Anexo 6.

## **Capítulo 4: Estudo 2 - Comparação Do Pensamento Contrafactual Em Mulheres Vítimas De Violência E Em Mulheres Não Vítimas De Violência**

Os objetivos do Estudo 2 foram:

- (1) avaliar em que medida o fator vitimização, ou seja, a experiência da violência enquanto evento traumático influencia na elaboração de tipos específicos de contrafato;
- (2) comparar as elaborações contrafactuais de mulheres vitimizadas e não vitimizadas, verificando se haverá diferenças no estilo do pensamento contrafactual considerando a direção da comparação (ascendente ou descendente), estrutura (aditivo, subtrativo ou substitutivo), alvo da modificação (autorreferente ou heterorreferente) e os aspectos frequentemente modificados de acordo com a literatura (ação/inação, obrigação, tempo e evento não usual);
- (3) identificar os tipos específicos de contrafato elaborados por cada um dos grupos.

### **Método**

#### ***Participantes.***

Participaram do estudo 36 adultos do gênero feminino, divididos em dois grupos: 16 participantes vítimas de violência intrafamiliar com idades variando entre 20 e 44 anos ( $M= 31,3$ ,  $DP=7,4$ ) e 20 mulheres não vítimas de violência intrafamiliar, com idades variando entre 19 e 63 anos ( $M= 37,6$ ,  $DP=12,4$ ). O estado civil das mulheres que compuseram a amostra foram solteira, amasiada, casada e divorciada, como pode ser visto na Tabela 17.

Tabela 17

*Estado civil das mulheres que compuseram a amostra de participantes*



<b>Estado civil</b>	<b>Mulheres vitimizadas</b>	<b>Mulheres não vitimizadas</b>	<b>Total</b>
Solteira	7	6	13
Amasiada	2	0	2
Casada	7	13	20
Divorciada	0	1	1
<b>Total</b>	<b>16</b>	<b>20</b>	<b>36</b>

O nível de escolaridade das participantes variou de Fundamental Incompleto a Superior Completo, sendo que a maioria das mulheres que compuseram a amostra de mulheres vítimas de violência intrafamiliar possuía Ensino Médio Completo e a maioria das mulheres não vitimizadas foi composto por mulheres que possuíam o Ensino Superior Completo. A amostra de mulheres vitimizadas foi composta por usuárias de um serviço municipal de acolhimento e assistência a mulheres vítimas de violência intrafamiliar de uma cidade do interior do estado de São Paulo. As usuárias do serviço eram indicadas pela técnica em Psicologia responsável pelos atendimentos e o seu contato era encaminhado à pesquisadora, mediante autorização prévia. O critério para a inclusão da participante na pesquisa foi a ocorrência de um episódio de violência doméstica, independente do tipo ou gravidade, e o consentimento prévio da mesma para uma entrevista com a pesquisadora. Na Tabela 18, são apresentadas as frequências de participantes de acordo com os níveis de escolaridade. O tipo ou tipos de violência sofrido por cada uma das participantes que compuseram a amostra de mulheres vitimizadas encontram-se descritos na Tabela 19.

Tabela 18

*Nível de escolaridade das mulheres que compuseram a amostra de participantes*

<b>Grau de escolaridade</b>	<b>Mulheres vitimizadas</b>	<b>Mulheres não vitimizadas</b>	<b>Total</b>
Fundamental Incompleto	3	4	7
Fundamental Completo	1	0	1
Médio Incompleto	1	1	2
Médio Completo	5	5	10
Superior Incompleto	2	3	5
Superior Completo	4	7	11
Total	16	20	36

Tabela 19

*Tipo(s) de violência sofrido por cada uma das mulheres que compuseram o grupo de vítimas de violência*

<b>Participante</b>	<b>Tipo(s) de violência sofrida</b>
P1	Física
P2	Física Psicológica
P3	Sexual Psicológica
P4	Psicológica
P5	Sexual Psicológica
P6	Moral Física Psicológica Patrimonial
P7	Física
P8	Sexual
P9	Psicológica
P10	Psicológica
P11	Psicológica
P12	Física Psicológica
P13	Física Psicológica
P14	Sexual
P15	Sexual Física Psicológica
P16	Física

O grupo de mulheres não vitimizadas foi formado por uma amostra de conveniência. Como forma de assegurar que na amostra de conveniência não haveria mulheres vítimas de violência intrafamiliar, a pesquisadora elaborava a seguinte questão: “Você já sofreu algum tipo de violência?” e a apresentava para as participantes. As mulheres que respondiam de forma negativa foram alocadas nos grupos de mulheres não vitimizadas. O grau de escolaridade das participantes também foi uma variável considerada no momento da composição da amostra de conveniência, na tentativa de

equiparar as amostras em termos do grau de escolaridade. O grupo de mulheres não vitimizadas foi selecionado após a composição do grupo de mulheres vitimizadas. Os fatores levados em consideração para a escolha da mesma foram primeiramente o critério idade e em seguida o nível de escolaridade, aquelas que estavam incluídas nesses critérios foram consultadas pela pesquisadora em relação ao interesse em contribuir com a pesquisa e mediante a aceitação do convite e o consentimento realizaram a entrevista de coleta de dados.

### ***Local.***

A coleta de dados foi realizada em uma sala de atendimento do serviço municipal de atendimento a mulheres vítimas de violência intrafamiliar ou na própria residência das participantes, sendo que o ambiente era silencioso, com ventilação e luminosidade adequadas e com garantia de não interrupção e privacidade.

### ***Materiais e procedimentos.***

Foi utilizado o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) (Anexo 7) e uma entrevista semiestruturada, que tinha a finalidade de obter informações acerca da identificação das participantes, tais como nome, idade, grau de escolaridade e estado civil. Foram utilizados os Inventários Beck de Ansiedade (BAI) e de Depressão (BDI) para avaliação dos sintomas na amostra.

Para a avaliação do pensamento contrafactual (PC), foi utilizada a técnica elaborada por Justino, Faccioli e Schelini (2013), descrita na seção anterior. A técnica para avaliação do PC em adultos era composta de cinco estórias seguidas por perguntas que faziam referência aos pensamentos elaborados a partir da leitura da estória e quatro alternativas de modificação de aspectos contidos no enredo. A versão final e completa da técnica para avaliação do PC em adultos pode ser consultada no Anexo 6 deste texto.

A título de exemplo, no Quadro 1 é apresentada a segunda estória (No caminho de casa, adaptada de Byrne, 2005) com as respectivas perguntas referente aos pensamentos elaborados e as alternativas de modificação. Para as demais estórias, o que variou foram as alternativas de modificação que faziam referência ao conteúdo e aspectos específicos de cada uma das narrativas.

### **ESTÓRIA 2 - No caminho de casa**

Ao sair do trabalho, pelo caminho de sempre, Daniel chega muito tarde em casa por conta de uma série de eventos que acontecem em seu caminho. Primeiro, encontra uma árvore muito grande que havia caído e bloqueado a rua que levava até sua casa. Vendo a rua bloqueada, Daniel resolve mudar o caminho e vira a esquina para fugir do trânsito. Ao mudar sua rota, Daniel encontra um amigo indo para um bar e resolve parar para tomar uma cerveja. Após 20 minutos, Daniel volta a seguir o caminho de casa. Quando finalmente está indo para casa, é surpreendido por um ataque de asma e tem que parar por mais tempo até voltar a respirar normalmente. Quando chega em casa, encontra sua filha desesperada dizendo que sua esposa foi levada ao hospital pelos vizinhos porque tinha sofrido um ataque cardíaco há alguns minutos atrás.

Adaptada de Byrne, R. (2005).

- 1) Enquanto você lia, ocorreu algum pensamento sobre o que você estava lendo?
- 2) Imagine se essa situação acontecesse com você. As pessoas, após passarem por situações como essas, têm, frequentemente, pensamentos sobre como as coisas poderiam ter acontecido de outra maneira. Se você passasse pela mesma situação, será que pensaria em alguma coisa diferente em relação ao que aconteceu? Pense o que poderia ser diferente para que a história tenha um fim diferente. Se você pudesse mudar alguma coisa nessa situação, o que mudaria?

Ainda se colocando no lugar de Daniel, qual das alternativas abaixo seria mais próxima com aquilo que você mudaria? Escolha apenas uma alternativa.

- a) Daniel sairia uma hora antes do trabalho.
- b) Daniel não pararia para tomar cerveja e chegaria em casa a tempo de levar a esposa ao hospital.
- c) Daniel resolveria pegar um caminho diferente do habitual naquele dia e não chegaria tarde em casa.
- d) Daniel não pararia o carro por causa do ataque de asma.

*Quadro 1.* Exemplo do material que compõe a técnica para avaliação do pensamento contrafactual em adultos, com suas respectivas questões e alternativas de múltipla escolha.

Foi realizado contato prévio com o serviço municipal de atendimento a mulheres vítimas de violência doméstica e solicitada autorização mediante a Secretaria de Cidadania e Assistência Social do município para a realização da pesquisa. Mediante a autorização da Secretaria competente, a pesquisadora entrou em contato com a técnica em Psicologia responsável pelo atendimento das usuárias do serviço e solicitou que fossem indicados alguns nomes para a participação na coleta de dados. Após consentimento das participantes, o nome e contato telefônico das participantes eram encaminhados à pesquisadora e esta realizava o agendamento de horário de conveniência da participante. A coleta de dados era iniciada com a apresentação à participante do objetivo da pesquisa e do tipo de atividade que seria realizada. Em seguida, era apresentado o TCLE para que fosse lido e assinado e a pesquisadora realizava algumas perguntas com o intuito de obter dados de identificação das participantes. Os Inventários Beck de Ansiedade (BAI) e de Depressão (BDI) eram preenchidos e em seguida, o material referente à técnica de avaliação do pensamento contrafactual era apresentado. As histórias eram lidas em voz alta pela pesquisadora e em seguida eram realizadas as perguntas referentes ao conteúdo de cada uma delas. O registro das respostas foi feito pela própria pesquisadora.

## Resultados do Estudo 2

Primeiramente, serão apresentados os resultados obtidos a partir da aplicação dos inventários Beck de Ansiedade (BAI) e Depressão (BDI) em ambos os grupos. Os Inventários Beck foram aplicados com o intuito de rastrear sintomas de ansiedade e depressão em ambos os grupos. A Tabela 20 apresenta os escores máximo, mínimo e a média dos escores obtidos pelos dois grupos em cada um dos inventários.

Tabela 20

*Escores máximo, mínimo e média dos escores obtidos por ambos os grupos nos Inventários Beck de Ansiedade e Depressão*

	Mulheres vítimas			Mulheres não vítimas		
	Escores			Escores		
	Mínimo	Máximo	<i>M</i>	Mínimo	Máximo	<i>M</i>
<b>BAI</b>	1	45	17,19	0	19	6,4
<b>BDI</b>	3	30	17	0	26	6,8

Observa-se a partir do tabela que o grupo de mulheres vitimizadas obteve os maiores escores em ambos os inventários, uma vez que a média obtida pelo grupo foi maior do que a média obtida pelo grupo de mulheres não vitimizadas. Os escores obtidos nos inventários com valores maiores ou igual a 12, refletem a presença de indicativos de ansiedade e depressão. A partir dos dados obtidos, nota-se que no grupo de mulheres vitimizadas, nove das 16 participantes apresentaram escores maiores ou iguais a 12 no BAI, o que representa 56,2% da amostra. No que se refere ao BDI, 12 das 16 participantes obtiverem escores maiores ou iguais ao corte, o que representa 75% da amostra. No grupo de mulheres não vitimizadas, duas das 20 participantes obtiveram escores iguais ou maiores ao corte no BAI, o que representa 10% da amostra e no BDI o

número de participantes que obtiveram escores maiores ou iguais ao corte foi de seis, 20% da amostra.

Com o intuito de verificar se a diferença observada entre as médias teve significado estatístico foi realizado o teste *t* de *Student*, conforme Tabela 21.

Tabela 21

*Comparação das médias obtidas pelos grupos nos Inventários Beck de Ansiedade (BAI) e depressão (BDI)*

Inventário	Teste de Levene		Teste <i>t</i>			Diferença das médias
	F	<i>p</i>	<i>t</i>	<i>gl</i>	<i>p</i> *	
<b>BAI</b>	10,52	0,003	-3,38	34	0,002*	-10,78
<b>BDI</b>	2,83	0,10	-4,04	34	<0,001*	-9,20

\* $p \leq 0,05$

A partir da análise dos valores de *p* obtidos com o teste *t* verifica-se que foram encontradas diferenças estatisticamente significativas entre os grupos de mulheres vitimizadas e não vitimizadas no que se refere aos escores obtidos no BAI e BDI. A média obtida pelo grupo de mulheres vitimizadas foi maior do que a média obtida pelo grupo de mulheres não vitimizadas, portanto, os inventários foram discriminativos no que se refere aos indicativos de ansiedade e depressão, sendo que as mulheres vitimizadas apresentam esses indicativos em maior frequência.

A apresentação dos resultados referente a aplicação da técnica para avaliação do pensamento contrafactual em adultos seguirá a ordem de apresentação das questões aos participantes, como indicado no Quadro 1. Portanto, primeiramente serão apresentadas as análises das respostas à questão “Enquanto você lia a estória, ocorreu algum pensamento sobre o que você estava lendo?”. Os pensamentos evocados por essa questão serão nomeados como “pensamentos livres”, quando não fizerem referência a



modificações no conteúdo e aspectos das histórias; em “pensamentos contrafactuais espontâneos”, quando os pensamentos fizerem referência a modificações no conteúdo e nos aspectos da história e “sem pensamento” quando não houver a ocorrência de pensamentos. Em seguida, serão descritas as análises referentes à questão “Se você passasse pela mesma situação, será que pensaria em alguma coisa diferente em relação ao que aconteceu? Pense o que poderia ser diferente para que a história tenha um fim diferente. Se você pudesse mudar alguma coisa nessa situação, o que mudaria?”. Por fim, serão apresentadas as análises referentes à escolha de alternativas para modificação dos aspectos das histórias. É importante mencionar que, para a análise das respostas dadas às duas primeiras questões, foi utilizada a análise de conteúdo (Bardin, 2009).

A teoria acerca da classificação dos pensamentos contrafactuais em subtipos específicos foi usada como fonte principal para a elaboração das categorias de pensamentos contrafactuais espontâneos emitidos por meio do material apresentado aos participantes. As classificações dos pensamentos contrafactuais tomadas como base para a elaboração das categorias foram: quanto à direção da comparação, os pensamentos foram categorizados em ascendente ou descendente; quanto à estrutura, em aditivo, subtrativo ou substitutivo; quanto ao alvo da modificação, em autorreferente ou heterorreferente e quanto aos aspectos da realidade em ação/inação, obrigação, tempo e evento não usual. Os critérios utilizados para fundamentar e análise das respostas e categorizá-las foram:

- Quanto à direção da comparação:

a) ascendente: um pensamento foi entendido como ascendente quando a modificação proposta alterava o desfecho da história ou algum aspecto do enredo para outro melhor do que aquele que ocorreu;

b) descendente: a modificação proposta para a estória alterava o desfecho ou os aspectos presentes na mesma para a pior;

- Quanto à estrutura:

c) aditivo: quando havia a adição de algum aspecto ou elemento que não estava presente no enredo;

d) subtrativo: quando ocorria a remoção de algum aspecto presente na narrativa do enredo;

e) substitutivo: quando havia a substituição de um elemento do enredo por outro.

- Quanto ao alvo da modificação:

f) autorreferente: a modificação proposta fazia referência a alguma característica ou ação da própria pessoa ou personagem que era passível de modificação;

g) heterorreferente: a proposta de modificação fazia referência a algum aspecto externo à pessoa ou relacionado à própria situação, que não estava sob o próprio controle de alteração.

- Quanto ao aspecto da realidade:

h) ação/inação: a modificação realizada se referia a uma ação que o personagem desempenhou ou deixou de desempenhar;

i) obrigação: quando a modificação fazia alteração nos aspectos da estória de modo que as normas sociais ou comportamentos socialmente desejados fossem seguidos;

j) tempo: a alteração proposta fazia referência à sequência temporal dos acontecimentos da estória;

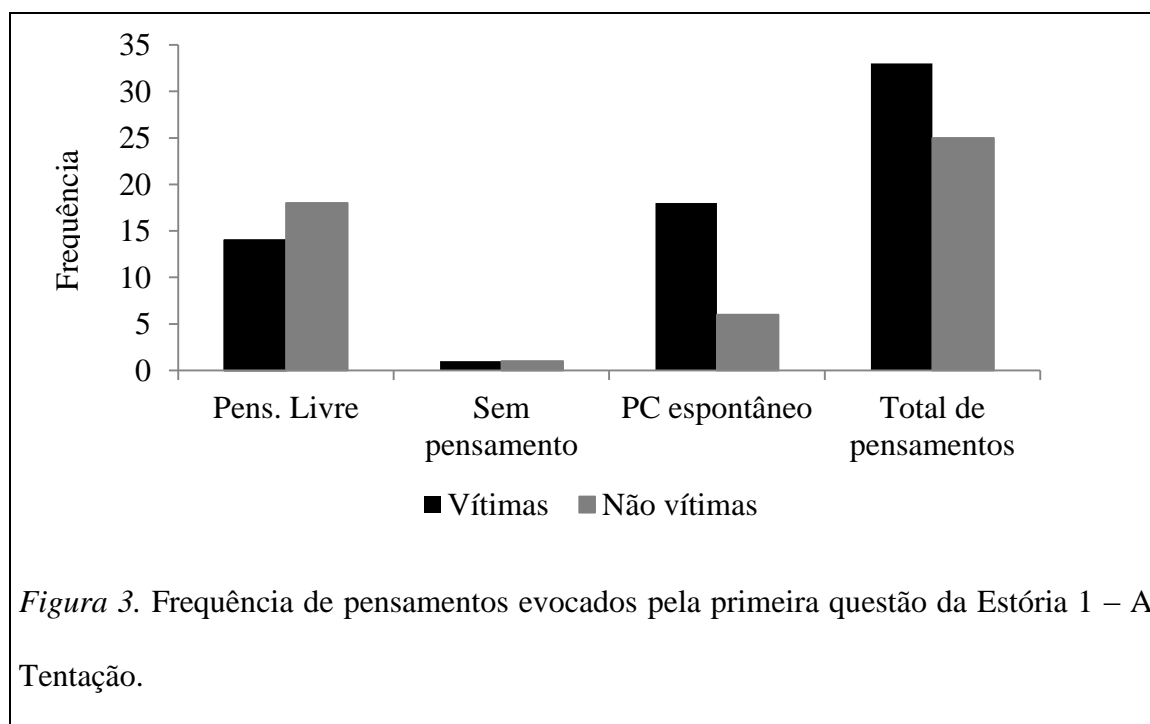
k) evento não usual: a modificação fazia referência a eventos que saíam da rotina do personagem, fora do padrão de acontecimentos.

No que se refere à primeira questão, os pensamentos foram categorizados em pensamentos livres, quando não produziam alterações na estória, em pensamentos

contrafactuais espontâneos, quando alteravam algum aspecto presente na narrativa ou sem pensamento, quando a participante relatava que não havia lido ocorrido qualquer pensamento quando da leitura da estória.

***Resultados referentes à questão “Enquanto você lia a estória ocorreu algum pensamento sobre o que você estava lendo?”***

A elaboração das categorias para a classificação dos pensamentos elaborados pelas participantes obedeceu aos critérios supracitados. Na Figura 3 são apresentadas as frequências de “pensamentos livres”, “pensamentos contrafactuais espontâneos” e “sem pensamentos” referentes à Estória 1 – A tentação.



Observa-se que, tanto para o grupo de mulheres vitimizadas quanto para o grupo de mulheres não vitimizadas, a primeira questão evocou pensamentos contrafactuais espontâneos (PC). Entende-se por pensamentos contrafactuais espontâneos aqueles elaborados sem uma solicitação direcionada. O grupo de mulheres vítimas de violência elaborou 18 pensamentos contrafactuais, enquanto o grupo de mulheres não vítimas

elaborou apenas seis. No que se refere aos pensamentos livres, o primeiro grupo (mulheres vítimas) elaborou 14 pensamentos e o segundo 18. Para ambos os grupos, apenas uma participante relatou não ter tido a ocorrência de pensamentos quando da leitura da primeira estória. O total de pensamentos elaborados foi de 33 e 25, para o grupo de mulheres vitimizadas e não vitimizadas, respectivamente. Na Tabela 22 são apresentados exemplos relacionados às categorias “pensamento livre” e “pensamento contrafactual espontâneo” evocados pela primeira questão para a Estória 1.

Tabela 22

*Exemplos de falas representativas das categorias pensamento livre e pensamento contrafactual espontâneo elaborados a partir da Estória 1 – A tentação*

<b>Categorias</b>	<b>Grupo</b>	<b>Falas representativas</b>
Pensamento livre	Vítimas	“Amigas já me passaram para trás, fiquei pensando o que eu faria.” “Eu não faria isso.”
	Não vítimas	“É muito triste você perceber que está afim de uma pessoa e perceber que ela está afim de outra, ainda mais sendo sua amiga.” “Aconteceu algo parecido comigo”
Pensamento Contrafactual Espontâneo	Vítimas	“Eu não aceitaria o convite de João.” “Não passaria o meu telefone.”
	Não vítimas	“Eu nunca daria o meu telefone para uma pessoa pela qual minha amiga tinha interesse.” “Também não iria com ela e outra pessoa sozinha, pois sou casada e meu marido iria junto.”

Os 18 pensamentos contrafactuais espontâneos do grupo de mulheres vítimas de violência e os seis do grupo de mulheres não vítimas, elaborados a partir da primeira questão da Estória 1 (“A Tentação”), foram classificados nos tipos propostos pela literatura da área, conforme apresentado na Tabela 23.

Tabela 23

*Classificação dos pensamentos contrafactuais espontâneos elaborados espontaneamente a partir da Estória 1 – A Tentação*

<b>Tipos de PC</b>	<b>Categorias</b>	<b>Mulheres vítimas</b>	<b>Mulheres não vítimas</b>
Direção da comparação	Ascendente	17	6
	Descendente	1	0
Estrutura	Aditivo	8	1
	Subtrativo	10	5
	Substitutivo	0	0
Alvo da modificação	Autorreferente	18	6
	Heterorreferente	0	0
Aspectos da realidade	Ação/Inação	17	6
	Obrigação	4	4
	Tempo	2	0
	Evento não usual	4	0

O número de PCs espontâneos da tabela difere do número de PCs espontâneos da Figura 3 dado que um mesmo PC espontâneo elaborado pode ser classificado em mais de uma categoria, no que se refere ao aspecto da realidade. Os pensamentos contrafactuais espontâneos evocados pela primeira questão da Estória 1, foram em sua maioria, ascendentes, subtrativos, autorreferentes e modificaram elementos relacionados a ação/inação. O padrão de pensamentos entre os grupos parece ter sido muito semelhante. No entanto, nota-se que a frequência de pensamentos contrafactuais

espontâneos elaborados foi maior para o grupo de mulheres vítimas de violência intrafamiliar.

Na Tabela 24 são apresentadas as estatísticas descritivas das categorias obtidas mediante a apresentação da Estória 1.

**Tabela 24**

*Média, desvio-padrão e erro padrão da média para as categorias obtidas mediante a apresentação da Estória 1 – A Tentação.*

<b>Categorias</b>	<b>Grupo</b>	<b>N*</b>	<b>M</b>	<b>DP</b>	<b>DP da M</b>
Pensamento livre	Não vítimas	25	0,72	0,45	0,09
	Vítimas	33	0,42	0,50	0,08
Sem pensamento	Não vítimas	25	0,04	0,20	0,04
	Vítimas	33	0,03	0,17	0,03
PC Espontâneo	Não vítimas	25	0,24	0,43	0,08
	Vítimas	33	0,55	0,50	0,08
Ascendente	Não vítimas	25	0,24	0,43	0,08
	Vítimas	33	0,52	0,50	0,08
Descendente	Não vítimas	25	0	0	0
	Vítimas	33	0,03	0,17	0,03
Aditivo	Não vítimas	25	0,04	0,20	0,04
	Vítimas	33	0,24	0,43	0,07
Subtrativo	Não vítimas	25	0,20	0,40	0,08
	Vítimas	33	0,30	0,46	0,08
Substitutivo	Não vítimas	25	0	0	0
	Vítimas	33	0	0	0
Autorreferente	Não vítimas	25	0,24	0,43	0,08
	Vítimas	33	0,55	0,50	0,08
Heterorreferente	Não vítimas	25	0	0	0
	Vítimas	33	0	0	0
Ação/Inação	Não vítimas	25	0,24	0,43	0,08
	Vítimas	33	0,52	0,50	0,08
Obrigação	Não vítimas	25	0,16	0,37	0,07
	Vítimas	33	0,15	0,36	0,06
Tempo	Não vítimas	25	0	0	0
	Vítimas	33	0,06	0,24	0,04
Evento não usual	Não vítimas	25	0	0	0
	Vítimas	33	0,12	0,33	0,05

\*O valor de N corresponde ao número de células utilizadas para a alocação dos dados.



A partir da tabela pode-se observar que em relação ao pensamento livre, o grupo de mulheres não vítimas obteve a maior média; em relação a ausência de pensamento, ambas as médias foram próximas e, no que se refere ao pensamento contrafactual espontâneo, a média foi maior para o grupo de mulheres vitimizadas. No que diz respeito às categorias de agrupamento dos pensamentos contrafactuais espontâneos, nota-se que as maiores médias para todas as categorias foram obtidas pelo grupo de mulheres vitimizadas. Essa diferença na pontuação pode ser explicada pela frequência maior de pensamentos contrafactuais para esse grupo.

Com o intuito de verificar se existiram diferenças estatisticamente significativas entre os grupos na elaboração de pensamentos contrafactuais, bem como nos tipos de pensamentos elaborados, foi realizado um teste *t* de *Student* para amostra independentes. Segundo Dancey e Reidy (2013), o teste *t* de *Student* determina o quão provável é que a diferença entre duas condições possa ser atribuída ao erro amostral assumindo que a hipótese de que não há diferença entre elas seja verdadeira. Na Tabela 25 é apresentada a análise da diferença entre as médias.



Tabela 25

*Comparação entre as médias das frequências por categorias dos pensamentos evocados a partir da Estória 1 – A tentação.*

Categorias	Teste de Levene		Teste <i>t</i>			Diferença das médias
	F	<i>p</i>	<i>t</i>	<i>gl</i>	<i>p</i> *	
Pensamento livre	4,9	0,02	2,30	56	0,02*	0,29
Sem pensamento	0,15	0,69	0,19	56	0,84	0,01
PC Espontâneo	10,52	0,002	2,41	56	0,01*	-0,30
Ascendente	11,65	0,001	2,17	56	0,03*	-0,27
Descendente	3,215	0,07	-0,86	56	0,38	-0,03
Aditivo	27,76	<0,001	2,15	56	0,03*	-0,20
Subtrativo	3,31	0,07	-0,87	56	0,38	-0,10
Substitutivo <sup>a</sup>	-	-	-	-	-	-
Autorreferente	10,52	0,002	2,41	56	0,01*	-0,30
Heterorreferente <sup>a</sup>	-	-	-	-	-	-
Ação/Inação	11,65	0,001	2,17	56	0,03*	-0,27
Obrigação	0,03	0,86	0,08	56	0,93	0,008
Tempo	7,11	0,01	1,248	56	0,21	-0,06
Evento não usual	17,92	<0,001	1,82	56	0,07	-0,12

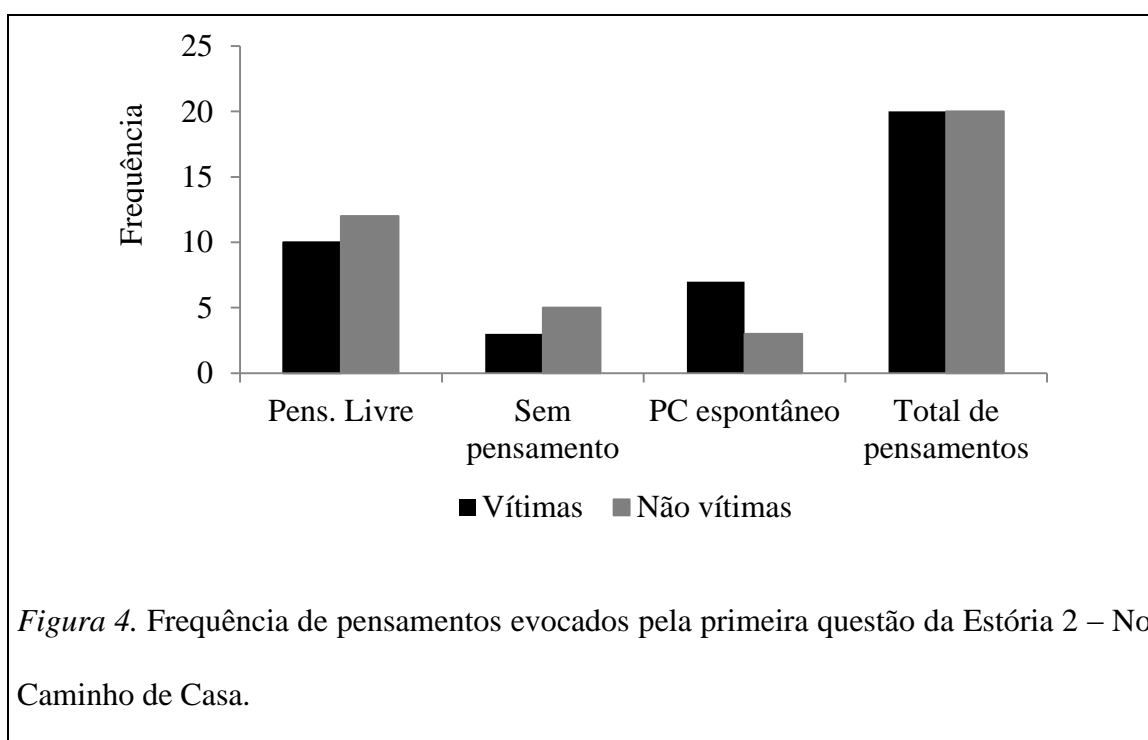
\* $p \leq 0,05$

<sup>a</sup> O teste *t* não foi calculado para essas categorias, uma vez que pensamentos espontâneos não foram elaborados nas mesmas e a média de pontuações nas categorias foi zero.

A partir da análise da tabela, pode-se observar que algumas categorias do pensamento contrafactual espontâneo apresentaram diferenças estatisticamente significativas, quando os grupos de mulheres vitimizadas e não vitimizadas foram comparados. O teste *t* independente revelou diferenças estatisticamente significativas para a elaboração de pensamentos livres ( $t(56) = 2,30$ ,  $p = 0,02$ ), sendo que a média de pensamentos livres no grupo de mulheres não vitimizadas foi maior do que no grupo de mulheres vitimizadas e para a elaboração espontânea de pensamentos contrafactuais ( $t(56) = 2,41$ ,  $p = 0,01$ ), sendo que para este caso a média foi maior no grupo de mulheres vitimizadas. Dentro da classificação dos pensamentos contrafactuais espontâneos, diferenças estatisticamente significativas foram encontradas nas categorias ascendente

( $t(56)= 2,17, p=0,03$ ), aditivo ( $t(56)= 2,15, p=0,03$ ), autorreferente ( $t(56) = 2,41, p=0,01$ ), ação/inação ( $t(56)= 2,17, p=0,03$ ). As médias maiores foram obtidas pelo grupo de mulheres vitimizadas, uma vez que a geração de PCs espontâneos ocorreu com uma frequência maior neste grupo.

Na Figura 4 são apresentadas as frequências de pensamentos livres, da ausência de pensamentos e de pensamentos contrafactuais espontâneos elaborados pelas participantes a partir da primeira questão referente à Estória 2 (No Caminho de Casa).



A partir da Figura 4, observa-se que a primeira questão da Estória 2 possibilitou a elaboração de pensamentos contrafactuais espontâneos em ambos os grupos. O grupo de mulheres vitimizadas elaborou sete pensamentos contrafactuais de forma espontânea enquanto o grupo de mulheres não vitimizadas elaborou três. Foram constatados 10 e 12 pensamentos livres por mulheres vitimizadas e não vitimizadas, respectivamente. Três participantes do grupo de mulheres vitimizadas e cinco mulheres não vitimizadas

relataram a ausência de pensamentos livres enquanto a Estória 2 era lida. Um total de 20 pensamentos foi elaborado em ambos os grupos. Na Tabela 26 são apresentados exemplos de falas de cada uma das categorias relacionadas aos pensamentos evocados pela primeira questão da Estória 2.

Tabela 26

*Exemplos de falas representativas das categorias pensamento livre e pensamento contrafactual elaborados a partir da Estória 2 – No Caminho de Casa*

<b>Categorias</b>	<b>Falas representativas</b>
Pensamento livre	<p>“Nossa, que horror! Fiquei nervosa, não gosto de trânsito.”</p> <p>“Não temos horários específicos, se não estamos em casa pode ocorrer qualquer coisa.”</p> <p>“Que as escolhas que a gente faz, por mais banais que sejam, podem fazer muita diferença em nossa vida.”</p> <p>“Pensei em quanta coisa ele enfrentou em um só período de tempo.”</p>
Pensamento Contrafactual	<p>“Ele deveria ter ido para a casa logo que viu a árvore.”</p> <p>“Se ele não tivesse parado para beber com o amigo e não tivesse tido o ataque de asma, ele poderia ter socorrido a esposa.”</p> <p>“Se não tivesse parado, poderia ter visto e ajudado a esposa que estava passando mal.”</p> <p>“Se não tivesse parado para beber, estaria lá quando precisassem de mim.”</p>

Na Tabela 27 é apresentada a frequência dos pensamentos contrafactuais elaborados de forma espontânea em cada uma das categorias.

Tabela 27

*Classificação dos pensamentos contrafactuais elaborados espontaneamente a partir da Estória 2 – No Caminho de Casa*

<b>Tipos de PC</b>	<b>Categorias</b>	<b>Mulheres vítimas</b>	<b>Mulheres não vítimas</b>
Direção da comparação	Ascendente	7	3
	Descendente	0	0
Estrutura	Aditivo	1	0
	Subtrativo	6	3
	Substitutivo	0	0
Alvo da modificação	Autorreferente	5	3
	Heterorreferente	2	0
Aspectos da realidade	Ação/Inação	6	3
	Obrigação	3	3
	Tempo	1	0
	Evento não usual	0	0

Observa-se que em relação à direção da comparação, a categoria mais frequente foi a ascendente, para ambos os grupos; no que se refere à estrutura, a mais frequente foi a subtrativa para ambos os grupos; a categoria autorreferente foi a mais frequente tanto no grupo de mulheres vitimizadas quanto no grupo de mulheres não vitimizadas quanto ao alvo da modificação e quanto ao aspecto da realidade a categoria mais frequente foi a ação/inação, em ambos os grupos. O padrão de pensamentos foi similar e a diferença na quantidade de pensamentos elaboradas foi pequena entre os grupos. É importante ressaltar que, no que se refere aos aspectos da realidade, um mesmo pensamento contrafactual pode ser classificado em mais de uma categoria.

Na Tabela 28 são apresentadas as estatísticas descritivas por categorias obtidas em relação à primeira pergunta da Estória 2 (No Caminho de Casa).

Tabela 28

*Média, desvio-padrão e erro padrão da média para as categorias obtidas mediante a apresentação da Estória 2 – No caminho de casa.*

<b>Categorias</b>	<b>Grupo</b>	<b>N*</b>	<b>M</b>	<b>DP</b>	<b>DP da M</b>
Pensamento livre	Não vítimas	23	0,52	0,51	0,10
	Vítimas	33	0,30	0,46	0,08
Sem pensamento	Não vítimas	25	0,20	0,40	0,08
	Vítimas	33	0,09	0,29	0,05
PC Espontâneo	Não vítimas	25	0,12	0,33	0,06
	Vítimas	32	0,22	0,42	0,07
Ascendente	Não vítimas	25	0,12	0,33	0,06
	Vítimas	33	0,21	0,41	0,07
Descendente	Não vítimas	25	0	0	0
	Vítimas	33	0	0	0
Aditivo	Não vítimas	25	0	0	0
	Vítimas	33	0,03	0,17	0,03
Subtrativo	Não vítimas	25	0,12	0,33	0,06
	Vítimas	31	0,19	0,40	0,07
Substitutivo	Não vítimas	25	0	0	0
	Vítimas	33	0	0	0
Autorreferente	Não vítimas	25	0,12	0,33	0,06
	Vítimas	33	0,15	0,36	0,06
Heterorreferente	Não vítimas	25	0	0	0
	Vítimas	33	0,06	0,24	0,04
Ação/Inação	Não vítimas	25	0,12	0,33	0,06
	Vítimas	33	0,18	0,39	0,06
Obrigação	Não vítimas	25	0,12	0,33	0,06
	Vítimas	33	0,09	0,29	0,05
Tempo	Não vítimas	25	0	0	0
	Vítimas	33	0,03	0,17	0,03
Evento não usual	Não vítimas	25	0	0	0
	Vítimas	33	0	0	0

\*O valor de N corresponde ao número de células utilizadas para a alocação dos dados.

Nota-se a partir da tabela que as maiores médias ~~entre grupos~~ obtidas para as categorias “pensamento livre” e “sem pensamento” ~~livre~~ foram para o grupo de mulheres não vitimizadas. No que se refer~~ente~~ ao pensamento contrafactual, a maior média foi obtida pelo grupo de mulheres vitimizadas. Com relação às categorias nas quais os pensamentos contrafactuais foram classificados, o grupo de mulheres vitimizadas obteve as maiores médias para todas as categorias. O grupo de mulheres vitimizadas também foi o grupo que elaborou o maior número de pensamentos contrafactuais espontâneos.

Na Tabela 29 é apresentada a análise das diferenças entre as médias, realizada por meio do teste *t* para amostras independentes.

Tabela 29

*Comparação entre as médias das frequências por categorias dos pensamentos evocados a partir da Estória 2 – No Caminho de Casa.*

Categorias	Teste de Levene		Teste <i>t</i>			Diferença das médias
	F	<i>p</i>	<i>t</i>	<i>gl</i>	<i>p</i> *	
Pensamento livre	3,93	0,05	1,66	54	0,10	0,21
Sem pensamento	5,83	0,01	1,18	56	0,24	0,10
PC Espontâneo	4,04	0,04	-0,96	55	0,34	-0,09
Ascendente	3,59	0,06	-0,91	56	0,36	-0,09
Descendente	-	-	-	-	-	-
Aditivo	3,21	0,07	-0,86	56	0,38	-0,03
Subtrativo	2,28	0,13	-0,73	54	0,46	-0,07
Substitutivo <sup>a</sup>	-	-	-	-	-	-
Autorreferente	0,46	0,49	-0,33	56	0,73	-0,03
Heterorreferente	7,11	0,01	-1,24	56	0,21	-0,06
Ação/Inação	1,69	0,19	-0,63	56	0,52	-0,06
Obrigação	0,50	0,48	0,35	56	0,72	0,02
Tempo	3,21	0,07	-0,86	56	0,38	-0,03
Evento não usual <sup>a</sup>	-	-	-	-	-	-

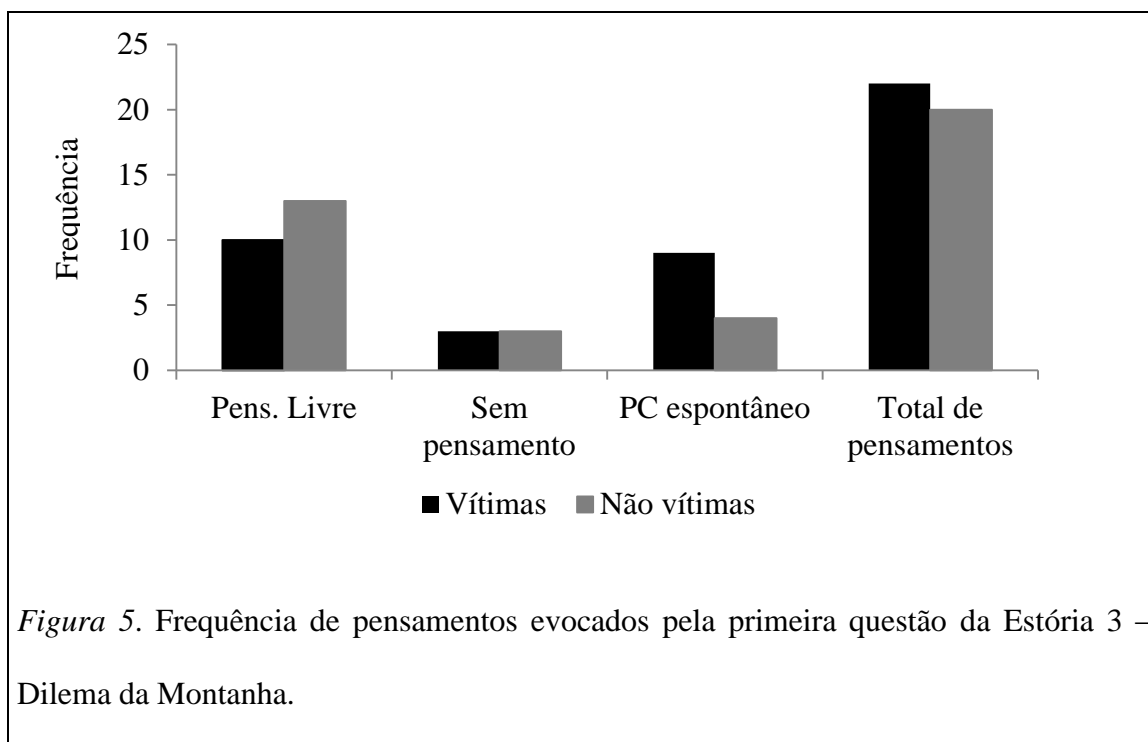
\* $p \leq 0,05$

<sup>a</sup> O teste *t* não foi calculado para essas categorias, uma vez que pensamentos espontâneos não foram elaborados nas mesmas e a média de pontuações foi zero.

Nota-se, a partir da tabela, que o teste *t* independente não revelou diferenças estatisticamente significativas, uma vez que os valores encontrados para o valor *p* encontram-se acima do valor do nível de confiança adotado de  $p \leq 0,05$ . Portanto, o teste

sugere que o valor das médias é muito próximo e não há diferenças significativas entre as médias dos grupos.

Na Figura 5 são apresentadas as frequências de pensamentos para cada uma das categorias obtidas a partir da primeira questão referente à Estória 3 (Dilema da Montanha).



A primeira questão da Estória 3 possibilitou a elaboração de pensamentos contrafactuais espontâneos em ambos os grupos. O grupo de mulheres vítimas de violência intrafamiliar elaborou nove pensamentos contrafactuais espontâneos enquanto o grupo de mulheres não vítimas elaborou quatro. Na categoria “pensamento livre” foram elaborados 10 e 13 pensamentos pelos grupos de mulheres vítimas e não vítimas, respectivamente. Três participantes em cada um dos grupos não elaboraram pensamentos livres a partir da primeira questão. O total de pensamentos elaborados foi de 22 para o grupo de mulheres vitimizadas e 20 para o grupo de não vitimizadas. Na



Tabela 30 são apresentadas falas representativas de cada uma das categorias obtidas a partir da primeira pergunta da Estória 3.

Tabela 30

*Exemplos de falas representativas das categorias pensamento livre e pensamento contrafactual elaborados a partir da Estória 3 – Dilema da Montanha*

<b>Categorias</b>	<b>Falas representativas</b>
Pensamento Livre	<p>“Achei dramática, pensei na amizade dos dois.”</p> <p>“Pensei na morte, prefiro morrer no lugar de outras pessoas. É egoísmo meu não viver com culpa.”</p> <p>“Pensei nos dilemas de Marcos, como lidar com isso e o que fazer.”</p> <p>“Desespero por estar na situação, empatia pelo amigo que precisou tomar duas decisões difíceis.”</p>
Pensamento Contrafactual	<p>“Ele não deveria ter abandonado o amigo. Tinha que ter ajudado.”</p> <p>“Marcos foi muito mal. Não deveria ter cortado a corda.”</p> <p>“Eu tentaria mais um pouco, quem sabe pudesse estar ao lado de Luiz.”</p> <p>“Tentaria salvar a mim e ao meu amigo.”</p>

Na Tabela 31 é apresentada a classificação dos pensamentos contrafactuais espontâneos elaborados a partir da Estória 3, de acordo com os tipos de pensamento contrafactual.

Tabela 31.

*Classificação dos pensamentos contrafactuais elaborados espontaneamente a partir da Estória 3 – Dilema da Montanha.*

<b>Tipos de PC</b>	<b>Categorias</b>	<b>Mulheres vítimas</b>	<b>Mulheres não vítimas</b>
Direção da comparação	Ascendente	8	3
	Descendente	1	1
Estrutura	Aditivo	3	2
	Subtrativo	6	1
	Substitutivo	0	1
Alvo da modificação	Autorreferente	9	4
	Heterorreferente	0	0
Aspectos da realidade	Ação/Inação	9	4
	Obrigação	6	3
	Tempo	0	0
	Evento não usual	0	0

Os pensamentos contrafactuais espontâneos gerados a partir da primeira pergunta da Estória 3 foram em sua maioria ascendentes, subtrativos, autorreferentes e faziam referência ao aspecto ação/inação e obrigação. O padrão de pensamentos foi similar entre os grupos, uma vez que pode se observar que as mesmas categorias obtiveram a maior frequência de pensamentos agrupados para ambos os grupos.

Na Tabela 32 são apresentadas as estatísticas descritivas das categorias para o pensamento contrafactual obtidas diante a apresentação da Estória 3.

Tabela 32

*Média, desvio-padrão e erro padrão da média para as categorias obtidas mediante a apresentação da Estória 3 – Dilema da Montanha.*

<b>Categorias</b>	<b>Grupo</b>	<b>N*</b>	<b>M</b>	<b>DP</b>	<b>DP da M</b>
Pensamento livre	Não vítimas	25	0,52	0,51	0,10
	Vítimas	33	0,30	0,46	0,08
Sem pensamento	Não vítimas	25	0,12	0,33	0,06
	Vítimas	33	0,09	0,29	0,05
PC Espontâneo	Não vítimas	24	0,17	0,38	0,07
	Vítimas	33	0,27	0,45	0,07
Ascendente	Não vítimas	25	0,12	0,33	0,06
	Vítimas	33	0,24	0,43	0,07
Descendente	Não vítimas	25	0,04	0,20	0,04
	Vítimas	33	0,03	0,17	0,03
Aditivo	Não vítimas	25	0,08	0,27	0,05
	Vítimas	33	0,09	0,29	0,05
Subtrativo	Não vítimas	25	0,04	0,20	0,04
	Vítimas	33	0,18	0,39	0,06
Substitutivo	Não vítimas	25	0,04	0,20	0,04
	Vítimas	33	0	0	0
Autorreferente	Não vítimas	25	0,16	0,37	0,07
	Vítimas	33	0,27	0,45	0,07
Heterorreferente	Não vítimas	25	0	0	0
	Vítimas	33	0	0	0
Ação/Inação	Não vítimas	25	0,16	0,37	0,07
	Vítimas	33	0,27	0,45	0,07
Obrigação	Não vítimas	25	0,12	0,33	0,06
	Vítimas	33	0,18	0,39	0,06
Tempo	Não vítimas	25	0	0	0
	Vítimas	33	0	0	0
Evento não usual	Não vítimas	25	0	0	0
	Vítimas	33	0	0	0

\*O valor de N corresponde ao número de células utilizadas para alocação dos dados.

Observa-se a partir da tabela que o grupo de mulheres não vitimizadas obteve médias maiores para as categorias “pensamento livre” e “sem pensamento”. Em relação à categoria pensamento contrafactual espontâneo, a maior média foi obtida pelo grupo

de mulheres vitimizadas. No que se refere às categorias de agrupamento dos pensamentos contrafactuais, as maiores médias foram obtidas pelo grupo de mulheres vitimizadas nas categorias ascendente, aditivo, subtrativo, autorreferente, ação/inação e obrigação. Nas categorias descendente e substitutivo, as maiores médias foram do grupo de mulheres não vitimizadas.

Na Tabela 33 é apresentada a análise das diferenças entre as médias obtidas pelos grupos.

Tabela 33

*Comparação entre as médias das frequências por categorias dos pensamentos evocados a partir da Estória 3 – Dilema da Montanha*

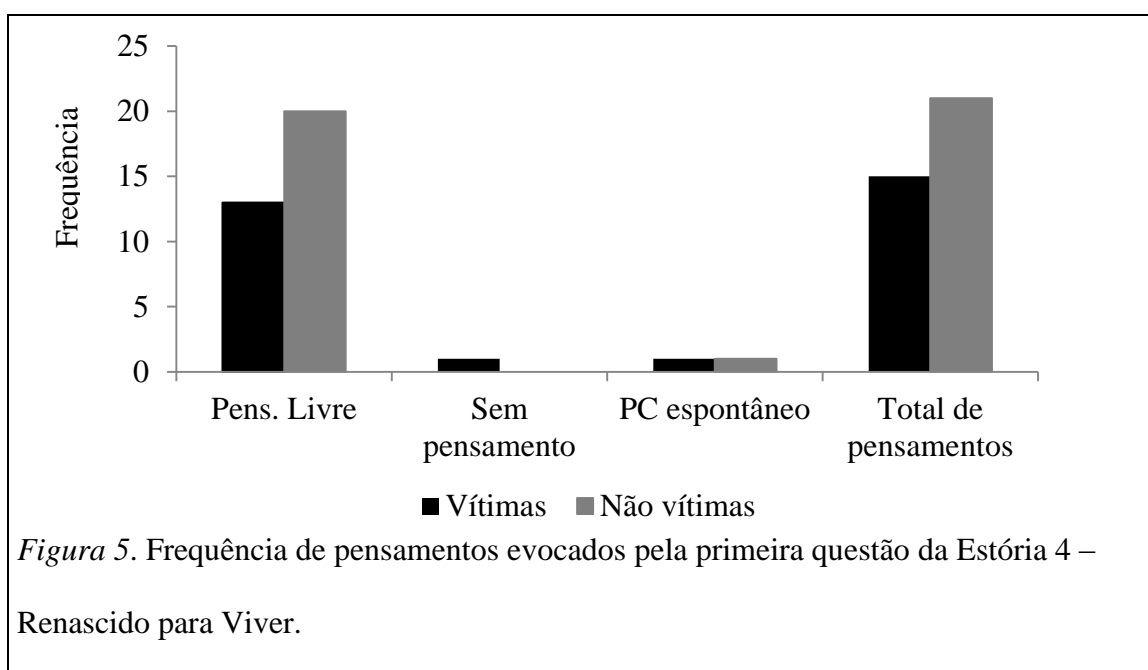
Categorias	Teste de Levene		Teste <i>t</i>			Diferença das médias
	F	<i>p</i>	<i>t</i>	<i>gl</i>	<i>p</i> *	
Pensamento livre	4,30	0,04	1,68	56	0,09	0,21
Sem pensamento	0,50	0,48	0,35	56	0,72	0,02
PC Espontâneo	3,813	0,05	-0,93	55	0,35	-0,10
Ascendente	6,19	0,01	1,17	56	0,24	-0,12
Descendente	0,15	0,69	0,19	56	0,84	0,01
Aditivo	0,08	0,77	-0,14	56	0,88	-0,01
Subtrativo	13,85	<0,001	-1,65	56	0,10	-0,14
Substitutivo	5,78	0,02	1,15	56	0,25	0,04
Autorreferente	4,48	0,03	-1,01	56	0,31	-0,11
Heterorreferente <sup>a</sup>	-	-	-	-	-	-
Ação/Inação	4,48	0,03	-1,01	56	0,31	-0,11
Obrigação	1,69	0,19	-0,63	56	0,52	-0,06
Tempo <sup>a</sup>	-	-	-	-	-	-
Evento não usual <sup>a</sup>	-	-	-	-	-	-

\* $p \leq 0,05$

<sup>a</sup> O teste *t* não foi calculado para essas categorias, uma vez que pensamentos espontâneos não foram elaborados nas mesmas e a média de pontuações foi zero.

A partir dos resultados do teste *t*, percebe-se que não foram encontradas diferenças estatisticamente significativas para as médias obtidas pelos grupos, uma vez que os valores de *p* encontrados foram acima do nível de significância estabelecido ( $p \leq 0,05$ ). A ausência de diferenças sugere que as variâncias entre os grupos foram muito similares e, a partir disso, podemos inferir que os pensamentos elaborados pelos grupos, bem como os seus tipos foram semelhantes.

Na Figura 5 são apresentadas as frequências de pensamentos nas categorias pensamento livre, pensamento contrafactual espontâneo e sem pensamento obtidas a partir da primeira questão da Estória 4 (Renascido para Viver).



Observa-se a partir da figura que a Estória 4 (Renascido para Viver) evocou uma pequena quantidade (apenas um) de pensamentos contrafactuais em ambos os grupos. O grupo de mulheres vítimas de violência elaborou 13 pensamentos livres e o de mulheres não vítimas 20. Apenas uma participante do grupo de mulheres vitimizadas relatou não ter tido a ocorrência de nenhum pensamento enquanto lia a Estória 4. Na Tabela 34 são

apresentados exemplos dos pensamentos elaborados em cada uma das categorias a partir da Estória 4.

Tabela 34

*Exemplos de falas representativas das categorias pensamento livre e pensamento contrafactual elaborados a partir da Estória 4 – Renascido para viver.*

<b>Categorias</b>	<b>Falas representativas</b>
Pensamento Livre	“Ele lutou e venceu, em nenhum momento desistiu.” “História de superação, admirei pela determinação e por ver o lado bom das coisas.” “Uma forma muito linda de pensar, não perder a esperança e não desanimar.” “Lauro é uma pessoa forte e determinada, um exemplo a ser seguido.”
Pensamento Contrafactual	“Se fosse eu, esconderia [a doença]”. “Eu não teria essa atitude tão otimista, teria me entregado, ficado deprimida.”

Na Tabela 35 são apresentadas as classificações dos pensamentos contrafactuais obtidos em cada um dos grupos no que se refere à Estória 4.

Tabela 35

*Classificação dos pensamentos contrafactuais elaborados espontaneamente a partir da Estória 4 – Renascido para Viver.*

<b>Tipos de PC</b>	<b>Categorias</b>	<b>Mulheres vítimas</b>	<b>Mulheres não vítimas</b>
Direção da comparação	Ascendente	0	0
	Descendente	1	1
Estrutura	Aditivo	1	0
	Subtrativo	0	1
	Substitutivo	0	0
Alvo da modificação	Autorreferente	1	1
	Heterorreferente	0	0
Aspectos da realidade	Ação/Inação	1	1
	Obrigação	0	0
	Tempo	0	0
	Evento não usual	0	0

A partir da tabela, nota-se que os pensamentos contrafactuais elaborados em ambos os grupos tiveram direção descendente, ou seja, fizeram modificações em aspectos da estória que alteraram o desfecho para a pior. No grupo de mulheres vitimizadas, no que se refere à estrutura, o PC elaborado foi aditivo e no grupo de mulheres não vitimizadas subtrativo. Em ambos os grupos, com relação ao alvo da modificação o pensamento foi autorreferente e com relação aos aspectos da realidade fez referência à ação/inação.

Na Tabela 36 são apresentadas as estatísticas descritivas relacionadas aos pensamentos elaborados a partir da Estória 4.

Tabela 36.

*Média, desvio-padrão e erro padrão da média para as categorias obtidas mediante a apresentação da Estória 4 – Renascido para Viver.*

<b>Categorias</b>	<b>Grupo</b>	<b>N*</b>	<b>M</b>	<b>DP</b>	<b>DP da M</b>
Pensamento livre	Não vítimas	24	0,83	0,38	0,07
	Vítimas	32	0,47	0,50	0,09
Sem pensamento	Não vítimas	25	0	0	0
	Vítimas	33	0,03	0,17	0,03
PC Espontâneo	Não vítimas	25	0,04	0,20	0,04
	Vítimas	33	0,06	0,24	0,04
Ascendente	Não vítimas	25	0	0	0
	Vítimas	33	0	0	0
Descendente	Não vítimas	25	0,04	0,20	0,04
	Vítimas	33	0,03	0,17	0,03
Aditivo	Não vítimas	25	0	0	0
	Vítimas	33	0,03	0,17	0,03
Subtrativo	Não vítimas	25	0,04	0,20	0,04
	Vítimas	33	0	0	0
Substitutivo	Não vítimas	25	0	0	0
	Vítimas	33	0	0	0
Autorreferente	Não vítimas	25	0,04	0,20	0,04
	Vítimas	33	0,03	0,17	0,03
Heterorreferente	Não vítimas	25	0	0	0
	Vítimas	33	0	0	0
Ação/Inação	Não vítimas	25	0,04	0,20	0,04
	Vítimas	33	0,03	0,17	0,03
Obrigação	Não vítimas	25	0	0	0
	Vítimas	33	0	0	0
Tempo	Não vítimas	25	0	0	0
	Vítimas	33	0	0	0
Evento não usual	Não vítimas	25	0	0	0
	Vítimas	33	0	0	0

\*O valor de N corresponde ao ao número de células utilizadas para alocação dos dados.

Em relação ao pensamento livre, observa-se que a média obtida pelo grupo de não vítimas foi maior do que a do grupo de mulheres vitimizadas. Em relação à ausência de pensamentos livres e à elaboração de pensamentos contrafactuais espontâneos, as médias obtidas pelo grupo de mulheres vitimizadas foi maior. Em relação às demais



categorias obtidas, as médias obtidas por ambos os grupos foram muito próximas, uma vez que os tipos de pensamentos elaborados foram semelhantes em termos de classificação e quantidade.

A análise das diferenças entre as médias realizadas por meio do teste *t* é apresentada na Tabela 37.

Tabela 37

*Comparação entre as médias das frequências por categorias dos pensamentos evocados a partir da Estória 4 – Renascido para viver*

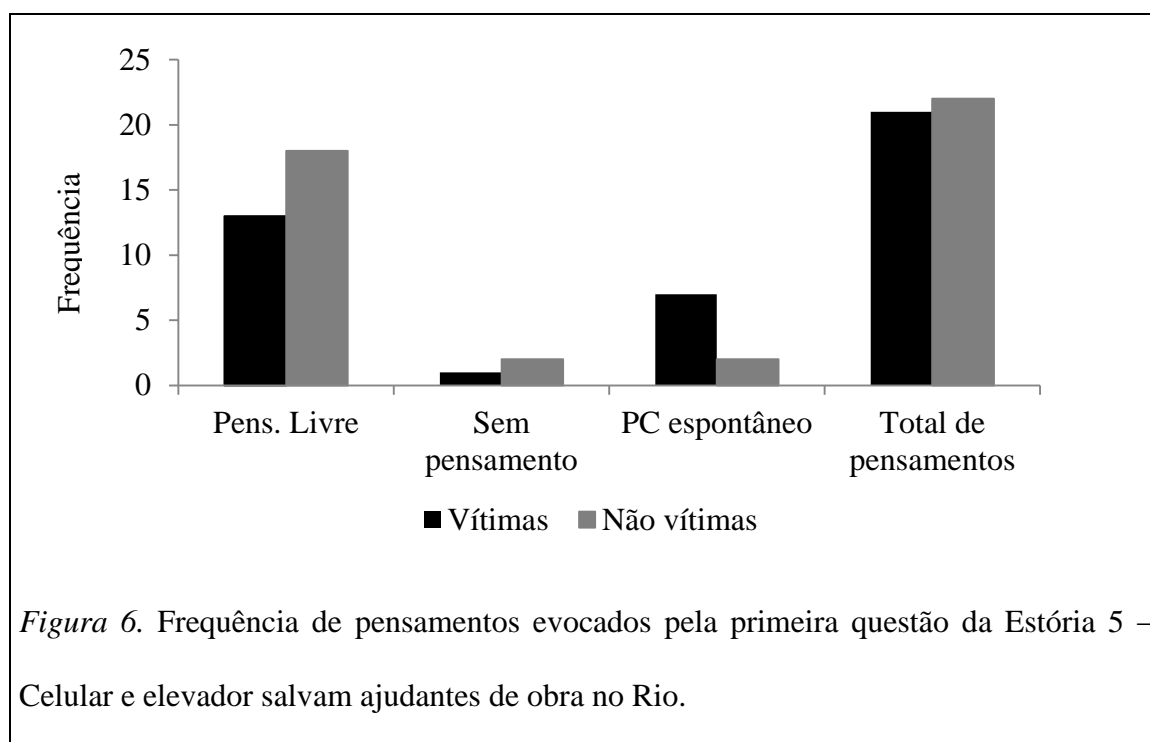
Categorias	Teste de Levene		Teste <i>t</i>			Diferença das médias
	F	<i>p</i>	<i>t</i>	<i>gl</i>	<i>p</i> *	
Pensamento livre	23,75	<0,001	2,95	54	0,005*	0,36
Sem pensamento	3,21	0,07	-0,86	56	0,38	-0,03
PC Espontâneo	0,48	0,49	-0,34	56	0,73	-0,02
Ascendente <sup>a</sup>	-	-	-	-	-	-
Descendente	0,15	0,69	0,19	56	0,84	0,01
Aditivo	3,21	0,07	-0,86	56	0,38	-0,03
Subtrativo	5,78	0,02	1,15	56	0,25	0,04
Substitutivo <sup>a</sup>	-	-	-	-	-	-
Autorreferente	0,15	0,69	0,19	56	0,84	0,01
Heterorreferente <sup>a</sup>	-	-	-	-	-	-
Ação/Inação	0,15	0,69	0,19	56	0,84	0,01
Obrigação <sup>a</sup>	-	-	-	-	-	-
Tempo <sup>a</sup>	-	-	-	-	-	-
Evento não usual <sup>a</sup>	-	-	-	-	-	-

\* $p \leq 0,05$

<sup>a</sup> O teste *t* não foi calculado para essas categorias, uma vez que pensamentos espontâneos não foram elaborados nas mesmas e a média de pontuações foi zero.

Observa-se que houve diferença estatisticamente significativa na categoria pensamento livre ( $t(54)= 2,95, p=0,005$ ), uma vez que a média de pensamentos livres para o grupo de mulheres não vitimizadas foi maior do que a média do grupo de mulheres vitimizadas. O teste  $t$  sugere, portanto, que houve diferença em termos de frequência nos pensamentos livres elaborados pelo grupo de mulheres não vítimas. Para as demais categorias, o teste  $t$  não revelou diferenças estatisticamente significativas, o que sugere que as variâncias das médias entre os grupos foram similares, permitindo inferir que os pensamentos contrafactuais elaborados foram semelhantes em termos de frequência (médias de PCs elaborados) e de conteúdo (categorias de classificação do PC).

Na Figura 6 é apresentada a frequência dos pensamentos elaborados a partir da primeira pergunta da Estória 5.



Para a Estória 5, observa-se que a primeira questão evocou PCs espontâneos em ambos os grupos, sendo que o grupo de mulheres vítimas de violência elaborou sete PCs espontâneos e o grupo de mulheres não vitimizadas elaborou dois. Em relação aos pensamentos livres, o primeiro grupo (mulheres vítimas) elaborou 13 pensamentos e o segundo, 18. A ausência da ocorrência de pensamentos foi relatada por uma e duas participantes do grupo de mulheres vítimas e não vítimas, respectivamente. O total de pensamentos elaborados foi de 21 para o grupo de mulheres vitimizadas e 22 para o grupo de mulheres não vitimizadas. Na Tabela 38 são apresentados exemplos das categorias “pensamento livre” e “pensamento contrafactual espontâneo” elaboradas a partir da Estória 5 (“Celular e elevador salvam ajudante de obras no Rio”).

Tabela 38

*Exemplos de falas representativas das categorias pensamento livre e pensamento contrafactual espontâneo elaborados a partir da Estória 5 – Celular e elevador salvam ajudantes de obra no Rio.*

<b>Categorias</b>	<b>Falas representativas</b>
Pensamento Livre	<p>“Lembro dessa estória. Sortudo ele, legal.”</p> <p>“Ainda bem que tinha o celular.”</p> <p>“Fiquei imaginando o quanto ele foi corajoso.”</p> <p>“Que ele teve muita sorte nos sucessivos acontecimentos, não era realmente sua hora.”</p>
Pensamento Contrafactual Espontâneo	<p>“Imaginei o elevador caindo.”</p> <p>“Eu iria pela escada.”</p> <p>“Pensei que se ele não estivesse com o celular ou este estivesse sem bateria, não teria nascido de novo.”</p> <p>“Não conseguiria ter autocontrole nessa situação.”</p>

Os nove pensamentos contrafactuais espontâneos elaborados pelos grupos de mulheres vitimizadas e não vitimizadas foram classificados nos tipos propostos pela literatura conforme na Tabela 39.

Tabela 39.

*Classificação dos pensamentos contrafactuais elaborados espontaneamente a partir da Estória 5 – Celular e elevador salvam ajudante de obras no Rio.*

<b>Tipos de PC</b>	<b>Categorias</b>	<b>Mulheres vítimas</b>	<b>Mulheres não vítimas</b>
Direção da comparação	Ascendente	2	0
	Descendente	5	2
Estrutura	Aditivo	4	1
	Subtrativo	1	1
	Substitutivo	2	0
Alvo da modificação	Autorreferente	5	2
	Heterorreferente	2	0
Aspectos da realidade	Ação/Inação	7	2
	Obrigação	1	0
	Tempo	0	0
	Evento não usual	0	0

Os pensamentos contrafactuais evocados na primeira questão da Estória 5 foram em sua maioria descendentes, aditivos, autorreferentes e faziam referência ao aspecto ação/inação em ambos os grupos de comparação. O padrão dos PCs foi similar entre os grupos, no entanto, nota-se que a frequência de PCs espontâneos foi maior no grupo de mulheres vitimizadas.

A estatística descritiva das categorias de PCs espontâneos obtidas a partir da apresentação da Estória 5 é apresentada na Tabela 40.

Tabela 40

*Média, desvios-padrão e erros- padrão da média para as categorias obtidas mediante a apresentação da Estória 5– Celular e elevador salvam ajudante de obras no Rio.*

<b>Categorias</b>	<b>Grupo</b>	<b>N*</b>	<b>M</b>	<b>DP</b>	<b>DP da M</b>
Pensamento livre	Não vítimas	24	0,75	0,44	0,09
	Vítimas	33	0,39	0,49	0,08
Sem pensamento	Não vítimas	25	0,08	0,27	0,05
	Vítimas	33	0,03	0,17	0,03
PC Espontâneo	Não vítimas	25	0,08	0,27	0,05
	Vítimas	33	0,21	0,41	0,07
Ascendente	Não vítimas	25	0	0	0
	Vítimas	33	0,06	0,24	0,04
Descendente	Não vítimas	25	0,08	0,27	0,05
	Vítimas	33	0,15	0,36	0,06
Aditivo	Não vítimas	25	0,04	0,20	0,04
	Vítimas	33	0,12	0,33	0,05
Subtrativo	Não vítimas	24	0,04	0,20	0,04
	Vítimas	33	0,03	0,17	0,03
Substitutivo	Não vítimas	25	0	0	0
	Vítimas	33	0,09	0,29	0,05
Autorreferente	Não vítimas	25	0,08	0,27	0,05
	Vítimas	33	0,15	0,36	0,06
Heterorreferente	Não vítimas	25	0	0	0
	Vítimas	33	0,06	0,24	0,04
Ação/Inação	Não vítimas	25	0,08	0,27	0,05
	Vítimas	33	0,21	0,41	0,07
Obrigação	Não vítimas	25	0	0	0
	Vítimas	33	0,03	0,17	0,03
Tempo	Não vítimas	25	0	0	0
	Vítimas	33	0	0	0
Evento não usual	Não vítimas	25	0	0	0
	Vítimas	33	0	0	0

\*O valor de N corresponde ao ao número de células utilizadas para alocação dos dados.

A partir da tabela, pode-se observar que para as categorias pensamento livre e sem pensamento as maiores médias foram obtidas pelo grupo de mulheres não vitimizadas. Para a categoria PC espontâneo, a maior média foi obtida pelo grupo de mulheres vitimizadas. No que diz respeito às categorias de agrupamento do pensamento

contrafactual as maiores médias foram obtidas pelo grupo de mulheres não vitimizadas apenas na categoria subtrativo. Para as categorias ascendente, descendente, aditivo, substitutivo, auto e heterorreferente, ação/inação e obrigação a maior média foi obtida pelo grupo de mulheres vitimizadas. A Tabela 41 apresenta a análise das diferenças entre as médias obtidas por meio do teste *t*.

Tabela 41

*Comparação entre as médias das frequências por categorias dos pensamentos evocados a partir da Estória 5 – Celular e elevador salvam ajudante de obras no Rio.*

Categorias	Teste de Levene		Teste <i>t</i>			Diferença das médias
	F	<i>p</i>	<i>t</i>	<i>gl</i>	<i>p</i> *	
Pensamento livre	5,42	0,02	2,79	55	0,007*	0,35
Sem pensamento	2,89	0,09	0,83	56	0,40	0,05
PC espontâneo	8,91	0,004	-1,37	56	0,17	-0,13
Ascendente	7,11	0,01	-1,24	56	0,21	-0,06
Descendente	2,86	0,09	-0,81	56	0,41	-0,07
Aditivo	5,22	0,02	-1,08	56	0,28	-0,08
Subtrativo	0,20	0,65	0,22	55	0,82	0,01
Substitutivo	11,92	0,001	-1,55	56	0,12	-0,09
Autorreferente	2,86	0,09	-0,81	56	0,41	-0,07
Heterorreferente	7,11	0,01	-1,24	56	0,21	-0,06
Ação/Inação	8,91	0,004	-1,37	56	0,17	-0,13
Obrigação	3,21	0,07	-0,86	56	0,38	-0,03
Tempo <sup>a</sup>	-	-	-	-	-	-
Evento não usual <sup>a</sup>	-	-	-	-	-	-

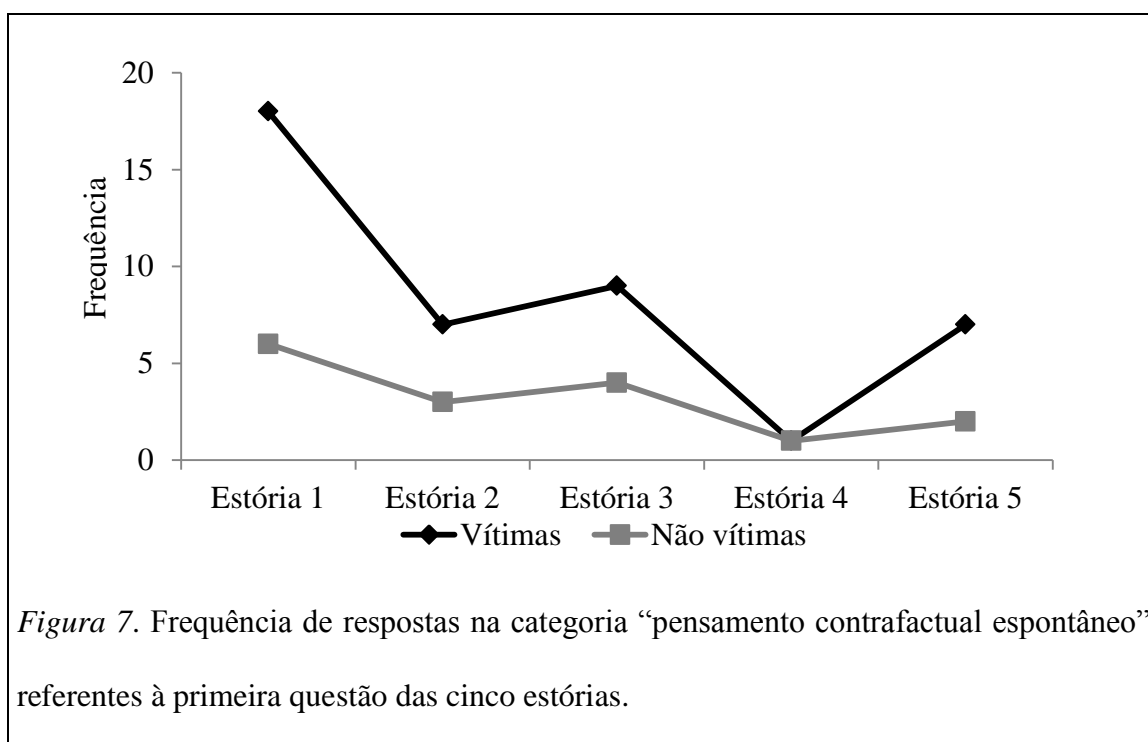
\* $p \leq 0,05$

<sup>a</sup> O teste *t* não foi calculado para essas categorias, uma vez que pensamentos espontâneos não foram elaborados nas mesmas e a média de pontuações foi zero.

O teste *t* revelou diferença estatisticamente significativa para a categoria pensamento livre ( $t(55) = 2,79$ ,  $p = 0,007$ ), sendo a média do grupo de mulheres não

vitimizadas maior do que a média do grupo de mulheres vitimizadas. O resultado do teste *t* sugere que houve diferenças entre as médias das frequências dos pensamentos livres elaborados a partir da primeira questão referente à Estória 5. Para as demais categorias não foram verificadas diferenças estatisticamente significativas, o que sugere que as médias de ambos os grupos foram bem próximas tanto no que se refere à frequência de pensamentos quanto ao conteúdo dos mesmos (categorias de classificação do pensamento contrafactual).

De modo geral, a primeira questão, que teve como objetivo verificar a elaboração de PCs espontâneos, possibilitou a evocação desses pensamentos em frequências diferentes, em todas as estórias. A Figura 6 apresenta as frequências de pensamentos alocados na categoria “pensamento contrafactual espontâneo” nas cinco estórias, para cada um dos grupos de comparação.



A partir da figura, percebe-se que a frequência de PCs variou de uma estória para a outra, sendo a maior frequência apresentada para a Estória 1. As duas estórias que apresentaram enredos difíceis (“Renascido para Viver e “Celular e elevador salvam ajudante de obras no Rio”), mas desfechos bem sucedidos, foram as que evocaram uma menor quantidade de PCs espontâneos. O número total de pensamentos contrafactuais espontâneos relatados pelas participantes dos grupos de comparação para as cinco estórias a partir da primeira questão do material é apresentado na Tabela 42.

Tabela 42

*Número total de PCs espontâneos elaborados a partir da primeira questão do material para cada uma das estórias.*

Tipo de PC	Categorias	Estória 1		Estória 2		Estória 3		Estória 4		Estória 5	
		V*	NV*	V	NV	V	NV	V	NV	V	NV
Direção da comparação	Ascendente	17	6	7	3	8	3	0	0	2	0
	Descendente	1	0	0	0	1	1	1	1	5	2
Estrutura	Aditivo	8	1	1	0	3	2	1	0	4	1
	Subtrativo	10	5	6	3	6	1	0	1	1	1
	Substitutivo	0	0	0	0	0	1	0	0	2	0
Alvo da modificação	Autorreferente	18	6	5	3	9	4	1	1	5	2
	Heterorreferente	0	0	2	0	0	0	0	0	2	0
Aspectos da realidade	Ação/Inação	17	6	6	3	9	4	1	1	7	2
	Obrigação	4	4	3	3	6	3	0	0	1	0
	Tempo	2	0	1	0	0	0	0	0	0	0
	Evento não usual	4	0	0	0	0	0	0	0	0	0
<b>Total de PCs espontâneos</b>		18	6	7	3	9	4	1	1	7	2

\* V = Vítimas; NV= Não Vítimas

O total de PCs espontâneos evocados a partir da primeira questão do material foi de 58, sendo 42 para o grupo de mulheres vitimizadas e 16 para o grupo de mulheres não vitimizadas. Vale a pena ressaltar que o número de PCs elaborados não corresponde



ao número de participantes, uma vez que na maioria dos casos o mesmo participante elaborou mais de um PC a partir da primeira questão do material.

A seguir serão apresentados os dados referentes à segunda questão do material (“Imagine se essa situação acontecesse com você. As pessoas, após passarem por situações como essas, têm, frequentemente, pensamentos sobre como as coisas poderiam ter acontecido de outra maneira. Se você passasse pela mesma situação, será que pensaria em alguma coisa diferente em relação ao que aconteceu? Pense o que poderia ser diferente para que a história tenha um fim diferente. Se você pudesse mudar alguma coisa nessa situação, o que mudaria?”). Os PCs elaborados a partir dessa questão serão denominados neste texto de “PC direcionado”, uma vez que havia uma solicitação explícita na questão para a elaboração desse tipo de pensamento.

### ***Resultados referentes à segunda questão do material***

Os PCS direcionados elaborados a partir da segunda questão foram categorizados de acordo com a proposta presente na literatura de classificação do pensamento contrafactual em subtipos. Essas categorias incluíram: quanto à direção da modificação, ascendente e descendente; quanto à estrutura, aditivo, subtrativo e substitutivo; quanto ao alvo da modificação, autorreferente e heterorreferente e quanto aos aspectos da realidade, ação/inação, obrigação, tempo e evento não usual. Cada resposta categorizada recebeu um ponto, o que permitiu o cálculo das estatísticas descritivas para cada uma das categorias. Entende-se por resposta, as orações que funcionaram como unidade de registro relacionada a cada uma das categorias.

Com a finalidade de verificar possíveis diferenças em relação ao conteúdo dos PCs direcionados elaborados pelos participantes de ambos os grupos, foi realizado o

teste *t* para amostras independentes, que compara as médias entre os grupos. Essa análise dos dados foi realizada para cada uma das estórias.

Foram elaborados, no total, 29 PCs direcionados por cada um dos grupos no que se refere à segunda questão da Estória 1 (“A Tentação”). Para o grupo de mulheres vitimizadas, uma das 16 participantes não realizou modificações nos aspectos e eventos referentes à Estória 1, enquanto no grupo de mulheres não vitimizadas todas realizaram modificações. A quantidade máxima de PCs elaborada por cada participante do grupo de mulheres vitimizadas foi quatro e três no grupo de mulheres não vitimizadas. Apenas uma participante do grupo de mulheres vitimizadas elaborou quatro PCs a partir da segunda questão e as demais participantes de ambos os grupos elaboraram em média dois PCs. Os tipos de PCs direcionados elaborados a partir da Estória 1 (“A Tentação”) estão apresentados na Tabela 43, de acordo com a sua classificação.

Tabela 43

*Frequência de PCs direcionados por categoria para cada um dos grupos de comparação referentes à Estória 1- A Tentação*

<b>Tipos de PC</b>	<b>Categorias</b>	<b>Mulheres vítimas</b>	<b>Mulheres não vítimas</b>
Direção da comparação	Ascendente	29	28
	Descendente	0	1
Estrutura	Aditivo	14	14
	Subtrativo	14	11
	Substitutivo	1	4
Alvo da modificação	Autorreferente	29	28
	Heterorreferente	0	1
Aspectos da realidade	Ação/Inação	28	29
	Obrigação	3	12
	Tempo	1	2
	Evento não usual	4	0
<b>Total de PCs direcionados</b>		<b>29</b>	<b>29</b>

Os PCs direcionados elaborados a partir da segunda questão foram em sua maioria ascendentes, subtrativos – para grupo de mulheres não vitimizadas – e se dividiram entre aditivos e subtrativos para as mulheres vitimizadas, autorreferentes para o grupo de mulheres vitimizadas e heterorreferentes para o grupo de mulheres não vitimizadas e fizeram referência ao aspecto da realidade ação. É importante ressaltar que o mesmo PC direcionado pode ter sido classificado em mais de uma categoria em relação aos aspectos da realidade aos quais fazia referência. O padrão de PCs direcionados foi similar entre os grupos, havendo uma diferença apenas nas frequências das categorias obrigação e evento não usual entre os grupos. De forma geral, a frequência total de PCS foi a mesma em ambos os grupos de comparação. A Tabela 44 apresenta as estatísticas descritivas das categorias obtidas a partir da Estória 1.

Tabela 44

*Médias, desvios-padrão e erros- padrão da média para as categorias obtidas mediante a apresentação da Estória 1– A Tentação.*

<b>Categorias</b>	<b>Grupo</b>	<b>N*</b>	<b>M</b>	<b>DP</b>	<b>DP da M</b>
Ascendente	Não vítimas	29	0,97	0,18	0,03
	Vítimas	30	0,97	0,18	0,03
Descendente	Não vítimas	29	0,03	0,18	0,03
	Vítimas	30	0	0	0
Aditivo	Não vítimas	29	0,48	0,50	0,09
	Vítimas	30	0,47	0,50	0,09
Subtrativo	Não vítimas	29	0,38	0,49	0,09
	Vítimas	30	0,47	0,50	0,09
Substitutivo	Não vítimas	29	0,14	0,35	0,06
	Vítimas	30	0,03	0,18	0,03
Autorreferente	Não vítimas	29	0,97	0,18	0,03
	Vítimas	30	0,97	0,18	0,03
Heterorreferente	Não vítimas	29	0,03	0,18	0,03
	Vítimas	30	0	0	0

Ação/Inação	Não vítimas	29	1	0	0
	Vítimas	30	0,93	0,25	0,04
Obrigação	Não vítimas	29	0,41	0,50	0,09
	Vítimas	30	0,10	0,30	0,05
Tempo	Não vítimas	29	0,07	0,25	0,04
	Vítimas	30	0,03	0,18	0,03
Evento não usual	Não vítimas	29	0	0	0
	Vítimas	30	0,13	0,34	0,06

\*O valor de N corresponde ao número de células utilizadas para a alocação dos dados.

Observa-se a partir da tabela, que as médias das categorias de PC foram muito próximas, sendo que para as categorias descendente, heterorreferente, obrigação e tempo, as médias obtidas foram maiores no grupo de mulheres não vitimizadas. Para a categoria evento não usual, a média foi maior no grupo de mulheres vitimizadas.

Para verificar o significado estatístico das diferenças observadas entre as médias relativas às categorias dos pensamentos contrafactuais direcionados obtidas para cada um dos grupos foi realizado o teste *t* independente, conforme Tabela 45.

Tabela 45

*Comparação entre as médias das frequências por categorias dos pensamentos evocados a partir da Estória 1 – A tentação*

Categorias	Teste de Levene		Teste <i>t</i>			Diferença das médias
	F	<i>p</i>	<i>t</i>	<i>gl</i>	<i>p</i> *	
Ascendente	0,002	0,96	-0,02	57	0,98	-0,001
Descendente	4,45	0,03	1,01	57	0,31	0,03
Aditivo	0,053	0,81	0,12	57	0,90	0,016
Subtrativo	1,41	0,24	-0,67	57	0,50	-0,087
Substitutivo	9,53	0,003	1,44	57	0,15	0,10
Autorreferente	0,002	0,962	-0,02	57	0,98	-0,001
Heterorreferente	4,45	0,03	1,01	57	0,31	0,03
Ação/Inação	9,28	0,003	1,41	57	0,16	0,06
Obrigação	40,4	<0,001	2,91	57	0,005*	0,31

Tempo	1,54	0,21	0,61	57	0,54	0,03
Evento não usual	24,08	<0,001	-2,07	57	0,04*	-0,13

\* $p \leq 0,05$

Foi adotado o nível de significância de  $p \leq 0,05$  para que as diferenças encontradas pudessem ser consideradas estatisticamente significativas. A partir dos dados apresentados na tabela, nota-se que diferenças estatisticamente significativas foram encontradas para as categorias obrigação ( $t(57) = 2,91, p=0,005$ ) e evento não usual ( $t(57) = -2,07; p= 0,04$ ). Em relação à categoria obrigação, o grupo de mulheres não vitimizadas obteve a maior média de PCs direcionados, enquanto que na categoria evento não usual, a maior média foi obtida pelo grupo de mulheres vitimizadas. O resultado do teste  $t$  sugere que houve diferença em termos de frequências de PCs direcionados elaborados para cada uma das categorias em questão.

Para a Estória 2 (“No Caminho de Casa”), foram elaborados 21 PCs direcionados para o grupo de mulheres vítimas de violência intrafamiliar e 19 para o grupo de mulheres não vítimas. Três das 16 participantes do grupo de mulheres vitimizadas não realizaram modificações direcionadas na narrativa da estória e quatro do grupo de mulheres não vitimizadas também não o fez. A quantidade máxima de PCs elaborados por participante foi de dois para ambos os grupos. Os PCs direcionados elaborados a partir da Estória 2 encontram-se classificados, conforme Tabela 46.

Tabela 46

*Frequência de PCs direcionados por categoria para cada um dos grupos de comparação referentes à Estória 2- No Caminho de Casa*

<b>Tipos de PC</b>	<b>Categorias</b>	<b>Mulheres vítimas</b>	<b>Mulheres não vítimas</b>
Direção da comparação	Ascendente	21	19
	Descendente	0	0
Estrutura	Aditivo	7	8
	Subtrativo	13	11
	Substitutivo	1	0
Alvo da modificação	Autorreferente	18	14
	Heterorreferente	3	5
Aspectos da realidade	Ação/Inação	21	19
	Obrigação	11	8
	Tempo	3	4
	Evento não usual	3	3
<b>Total de PCs direcionados</b>		<b>21</b>	<b>19</b>

Os PCs direcionados elaborados a partir da Estória 2 foram de uma forma geral ascendentes, subtrativos, autorreferentes e fizeram referência ao aspecto da realidade ação/inação. O mesmo PC direcionado pode ter sido classificado em mais de uma categoria em relação aos aspectos da realidade. O conteúdo (categorias de classificação) dos PCs direcionados foi similar entre os grupos havendo uma diferença em termos de frequência apenas na categoria obrigação. Na Tabela 47 são apresentadas as estatísticas descritivas para cada uma das categorias obtidas a partir da Estória 2.

Tabela 47

*Médias, desvios-padrão e erros- padrão da média para as categorias obtidas mediante a apresentação da Estória 2– No Caminho de Casa.*

<b>Categorias</b>	<b>Grupo</b>	<b>N*</b>	<b>M</b>	<b>DP</b>	<b>EPM</b>
Ascendente	Não vítimas	29	0,66	0,48	0,09
	Vítimas	30	0,70	0,46	0,08
Descendente	Não vítimas	29	0	0	0
	Vítimas	30	0	0	0
Aditivo	Não vítimas	29	0,28	0,45	0,08
	Vítimas	30	0,23	0,43	0,07
Subtrativo	Não vítimas	29	0,38	0,49	0,09
	Vítimas	30	0,43	0,50	0,09
Substitutivo	Não vítimas	29	0	0	0
	Vítimas	30	0,03	0,18	0,03
Autorreferente	Não vítimas	29	0,48	0,50	0,09
	Vítimas	30	0,60	0,49	0,09
Heterorreferente	Não vítimas	29	0,17	0,38	0,07
	Vítimas	30	0,10	0,30	0,05
Ação/Inação	Não vítimas	29	0,66	0,48	0,09
	Vítimas	30	0,70	0,46	0,08
Obrigação	Não vítimas	29	0,28	0,45	0,08
	Vítimas	30	0,37	0,49	0,08
Tempo	Não vítimas	29	0,14	0,35	0,06
	Vítimas	30	0,10	0,30	0,05
Evento não usual	Não vítimas	29	0,10	0,31	0,05
	Vítimas	30	0,10	0,30	0,05

\*O valor de N corresponde ao número de células utilizadas para a alocação dos dados.

A partir da tabela é possível notar que as médias de PCs direcionados para as categorias ascendente, aditivo, subtrativo, ação/inação, tempo e evento não usual foram muito próximas para ambos os grupos de comparação. Para as categorias “substitutivo”, “autorreferente”, “heterorreferente” e “obrigação” houve uma pequena diferença no valor das médias, sendo os valores maiores obtidos pelo grupo de mulheres vítimas de violência, com exceção da categoria heterorreferente. As médias de PCs por categoria foram comparadas com intuito de verificar se houve diferenças estatisticamente

significativas nos valores observados. A comparação entre as médias realizado por meio do teste *t* encontra-se na Tabela 48.

Tabela 48

*Comparação entre as médias das frequências por categorias dos PCS direcionados elaborados a partir da Estória 2 – No Caminho de Casa*

Categorias	Teste de Levene		Teste <i>t</i>			Diferença das médias
	F	<i>p</i>	<i>t</i>	<i>gl</i>	<i>p</i> *	
Ascendente	0,520	0,47	-0,36	57	0,71	-0,04
Descendente	-	-	-	-	-	-
Aditivo	0,54	0,46	0,36	57	0,71	0,04
Subtrativo	0,65	0,42	-0,41	57	0,67	-0,05
Substitutivo	4,14	0,04	-0,98	57	0,33	-0,03
Autorreferente	1,06	0,30	-0,89	57	0,37	-0,11
Heterorreferente	2,66	0,10	0,80	57	0,42	0,07
Ação/Inação	0,52	0,47	-0,36	57	0,71	-0,04
Obrigação	2,13	0,15	-0,73	57	0,46	-0,09
Tempo	0,79	0,37	0,44	57	0,65	0,03
Evento não usual	0,007	0,93	0,043	57	0,96	0,003

\* $p \leq 0,05$

Observa-se a partir da tabela que a comparação das médias das categorias de PCs direcionados referentes à Estória 2 não apresentou diferença estatisticamente significativa, uma vez que os valores de *p* obtidos foram superiores ao nível de significância adotado de 0,05. Os resultados do teste *t* sugerem que as diferenças encontradas podem ser atribuídas ao erro amostral.

Em relação à Estória 3 (“Dilema da Montanha”) foram elaborados, no total, 19 PCs direcionados em ambos os grupos. Uma das 16 participantes do grupo de mulheres vitimizadas não realizou modificações direcionadas, enquanto cinco das 20 participantes do grupo de mulheres vitimizadas também não o fizeram. O número máximo de PCs



elaborados por participante em cada um dos grupos foi de dois. A classificação dos PCs direcionados elaborados a partir da Estória 3, encontram-se apresentados na Tabela 49.

Tabela 49

*Frequência de PCs direcionados por categoria para cada um dos grupos de comparação elaborados a partir da Estória 3- Dilema da Montanha*

<b>Tipos de PC</b>	<b>Categorias</b>	<b>Mulheres vítimas</b>	<b>Mulheres não vítimas</b>
Direção da comparação	Ascendente	18	19
	Descendente	1	0
Estrutura	Aditivo	10	9
	Subtrativo	9	9
	Substitutivo	0	1
Alvo da modificação	Autorreferente	18	16
	Heterorreferente	1	3
Aspectos da realidade	Ação/Inação	19	19
	Obrigaçã	10	6
	Tempo	1	3
	Evento não usual	0	1
<b>Total de PCs direcionados</b>		19	19

Os PCs direcionados elaborados a partir da Estória 3 foram em sua maioria ascendentes, aditivos, heterorreferentes e fizeram referência ao aspecto da realidade ação/inação. O padrão de pensamentos foi bem similar entre os grupos e um mesmo PC direcionado foi classificado em mais de uma categoria no que se refere ao aspecto da realidade ao qual fazia referência. As estatísticas descritivas para as categorias de PCs direcionados obtidos a partir da Estória 3 são apresentadas na Tabela 50.

Tabela 50

*Médias, desvios-padrão e erros- padrão da média para as categorias obtidas mediante a apresentação da Estória 3 – Dilema da Montanha*

<b>Categorias</b>	<b>Grupo</b>	<b>N*</b>	<b>M</b>	<b>DP</b>	<b>EPM</b>
Ascendente	Não vítimas	29	0,66	0,48	0,09
	Vítimas	30	0,70	0,46	0,08
Descendente	Não vítimas	29	0	0	0
	Vítimas	30	0	0	0
Aditivo	Não vítimas	29	0,28	0,45	0,08
	Vítimas	30	0,23	0,43	0,07
Subtrativo	Não vítimas	29	0,38	0,49	0,09
	Vítimas	30	0,43	0,50	0,09
Substitutivo	Não vítimas	29	0	0	0
	Vítimas	30	0,03	0,18	0,03
Autorreferente	Não vítimas	29	0,48	0,50	0,09
	Vítimas	30	0,60	0,49	0,09
Heterorreferente	Não vítimas	29	0,17	0,38	0,07
	Vítimas	30	0,10	0,30	0,05
Ação/Inação	Não vítimas	29	0,66	0,48	0,09
	Vítimas	30	0,70	0,46	0,08
Obrigação	Não vítimas	29	0,28	0,45	0,08
	Vítimas	30	0,37	0,49	0,08
Tempo	Não vítimas	29	0,14	0,35	0,06
	Vítimas	30	0,10	0,30	0,05
Evento não usual	Não vítimas	29	0,10	0,31	0,05
	Vítimas	30	0,10	0,30	0,05

\*O valor de N corresponde ao número de células utilizadas para alocação dos dados.

Observa-se a partir da tabela que as médias obtidas para cada uma das categorias foi similar para ambos os grupos, sendo que o grupo de mulheres vitimizadas apresentou médias maiores que o grupo de mulheres não vitimizadas para as categorias autorreferente, ação/inação e obrigação. Para verificar se as diferenças observadas tiveram algum significado estatístico, as médias obtidas para as categorias dos PCs

direcionados elaborados a partir da Estória 3 foram comparadas por meio do teste *t*, como pode ser observado a partir da Tabela 51.

Tabela 51

*Comparação entre as médias das frequências por categorias dos PCS direcionados elaborados a partir da Estória 3 – Dilema da Montanha*

Categorias	Teste de Levene		Teste <i>t</i>			Diferença das médias
	F	<i>p</i>	<i>t</i>	<i>gl</i>	<i>p</i> *	
Ascendente	0,72	0,39	0,43	57	0,66	0,05
Descendente	4,14	0,04	-0,98	57	0,33	-0,03
Aditivo	0,13	0,71	-0,18	57	0,85	-0,02
Subtrativo	0,02	0,86	0,08	57	0,93	0,01
Substitutivo	4,45	0,03	1,01	57	0,31	0,03
Autorreferente	0,49	0,48	-0,36	57	0,71	-0,04
Heterorreferente	4,86	0,03	1,06	57	0,29	0,07
Ação/Inação	0,11	0,73	0,17	57	0,86	0,02
Obrigação	4,78	0,03	-1,08	57	0,28	-0,12
Tempo	4,86	0,03	1,06	57	0,29	0,07
Evento não usual	4,45	0,03	1,01	57	0,31	0,03

\* $p \leq 0,05$

A partir da tabela pode-se observar que o teste *t* não revelou diferenças estatisticamente significativas no que se refere às categorias obtidas a partir Estória 3, o que sugere que as médias de PCs por categorias foram similares e as diferenças encontradas podem ser atribuídas ao erro amostral.

Para a Estória 4 (“Renascido para Viver”) foram elaborados um total de quatro e nove PCs direcionados para os grupos de mulheres vitimizadas e não vitimizadas, respectivamente. Treze participantes do grupo de mulheres vitimizadas e 12 do grupo de mulheres não vitimizadas não realizaram modificações no enredo ou em algum aspecto da estória. O número máximo de PCs elaborados foi de dois em ambos os grupos. Na

Tabela 52 encontram-se a classificação dos PCs direcionados elaborados a partir da Estória 4.

Tabela 52

*Frequência de PCs direcionados por categoria para cada um dos grupos de comparação elaborados a partir da Estória 4 – Renascido para Viver*

<b>Tipos de PC</b>	<b>Categorias</b>	<b>Mulheres vítimas</b>	<b>Mulheres não vítimas</b>
Direção da comparação	Ascendente	3	9
	Descendente	1	0
Estrutura	Aditivo	0	1
	Subtrativo	4	8
	Substitutivo	0	0
Alvo da modificação	Autorreferente	3	2
	Heterorreferente	1	7
Aspectos da realidade	Ação/Inação	4	9
	Obrigação	2	0
	Tempo	0	1
	Evento não usual	1	0
<b>Total de PCs direcionados</b>		<b>4</b>	<b>9</b>

Os PCs direcionados elaborados a partir da Estória 4 foram em sua maioria ascendentes, subtrativos, autorreferente para o grupo de mulheres vitimizadas e heterorreferentes para o grupo de mulheres não vitimizadas e fizeram referência ao aspecto da realidade ação/inação. Um mesmo PC direcionado foi classificado em mais de uma categoria e o padrão de PCs foi similar entre os grupos, no que se refere às categorias mais frequentes para cada um dos tipos de PC. Na Tabela 53 estão apresentadas as estatísticas descritivas para cada uma das categorias de PCs direcionados elaborados a partir da Estória 4.

Tabela 53

*Médias, desvios-padrão e erros- padrão da média para as categorias obtidas mediante a apresentação da Estória 4 – Renascido para Viver*

<b>Categorias</b>	<b>Grupo</b>	<b>N*</b>	<b>M</b>	<b>DP</b>	<b>EPM</b>
Ascendente	Não vítimas	29	0,31	0,47	0,08
	Vítimas	30	0,10	0,30	0,05
Descendente	Não vítimas	29	0	0	0
	Vítimas	30	0,03	0,18	0,03
Aditivo	Não vítimas	29	0,03	0,18	0,03
	Vítimas	30	0	0	0
Subtrativo	Não vítimas	29	0,28	0,45	0,08
	Vítimas	30	0,13	0,34	0,06
Substitutivo	Não vítimas	29	0	0	0
	Vítimas	30	0	0	0
Autorreferente	Não vítimas	29	0,07	0,25	0,04
	Vítimas	30	0,10	0,30	0,05
Heterorreferente	Não vítimas	29	0,24	0,43	0,08
	Vítimas	30	0,03	0,18	0,03
Ação/Inação	Não vítimas	29	0,31	0,47	0,08
	Vítimas	30	0,13	0,34	0,06
Obrigação	Não vítimas	29	0	0	0
	Vítimas	30	0,07	0,25	0,04
Tempo	Não vítimas	29	0,03	0,18	0,03
	Vítimas	30	0	0	0
Evento não usual	Não vítimas	29	0	0	00
	Vítimas	30	0,03	0,18	0,03

\*O valor de N corresponde ao número de células utilizadas para a alocação dos dados.

A partir da tabela é possível notar que o grupo de mulheres não vitimizadas apresentou maiores médias para as categorias ascendente, subtrativo, heterorreferente, ação/inação e tempo. Para as demais categorias, as maiores médias foram obtidas pelo grupo de mulheres vitimizadas. As médias obtidas para cada uma das categorias foram comparadas por meio do teste *t* com o intuito de verificar o significado estatístico das

diferenças observadas entre as médias. A comparação entre as médias obtidas por meio do teste *t* encontra-se apresentada na Tabela 54.

Tabela 54

*Comparação entre as médias das frequências por categorias dos PCS direcionados elaborados a partir da Estória 4 – Renascido para viver*

Categorias	Teste de Levene		Teste <i>t</i>			Diferença das médias
	F	<i>p</i>	<i>t</i>	<i>gl</i>	<i>p</i> *	
Ascendente	19,73	<0,001	2,04	57	0,046*	0,21
Descendente	4,14	0,046	-0,98	57	0,33	-0,03
Aditivo	4,45	0,039	1,01	57	0,31	0,03
Subtrativo	7,87	0,007	1,35	57	0,18	0,14
Substitutivo <sup>a</sup>	-	-	-	-	-	-
Autorreferente	0,71	0,400	-0,42	57	0,67	-0,03
Heterorreferente	33,82	<0,001	2,40	57	0,019*	0,20
Ação/Inação	11,82	0,001	1,65	57	0,10	0,17
Obrigação	9,28	0,003	-1,41	57	0,16	-0,06
Tempo	4,45	0,039	1,01	57	0,31	0,03
Evento não usual	4,14	0,046	-0,98	57	0,33	-0,03

\* $p \leq 0,05$

A partir da tabela pode-se observar que diferenças estatisticamente significativas foram encontradas para as categorias ascendente ( $t(57) = 2,04, p=0,046$ ) e heterorreferente ( $t(57)= 2,40, p=0,019$ ). Para ambas as categorias as maiores médias foram obtidas pelo grupo de mulheres não vitimizadas. O resultado do teste *t* sugere que houve diferença entre os grupos nas categorias em questão.

Em relação à quinta e última estória (“Celular e elevador salvam ajudante de obras no Rio”) foram elaborados, no total, oito PCs direcionados pelo grupo de mulheres vítimas de violência intrafamiliar e 12 pelo grupo de mulheres não vítimas.

Para o grupo de mulheres vitimizadas, 10 das 16 participantes não realizaram modificações nos aspectos e eventos referentes à Estória 5, enquanto que nove das 20 participantes de mulheres não vitimizadas não o fez também. A quantidade máxima de PCs elaborada por cada participante foi de dois em ambos os grupos. Apenas dois participantes do grupo de mulheres vitimizadas e uma participante do grupo de mulheres não vitimizadas elaboraram dois PCs a partir da segunda questão. Os tipos de PCs direcionados elaborados a partir da Estória 5 estão apresentados na Tabela 55, de acordo com a sua classificação.

Tabela 55

*Frequência de PCs direcionados por categoria para cada um dos grupos de comparação elaborados a partir da Estória 5 – Celular e elevador salvam ajudante de obras no Rio*

<b>Tipos de PC</b>	<b>Categorias</b>	<b>Mulheres vítimas</b>	<b>Mulheres não vítimas</b>
Direção da comparação	Ascendente	6	12
	Descendente	2	0
Estrutura	Aditivo	1	4
	Subtrativo	6	8
	Substitutivo	1	0
Alvo da modificação	Autorreferente	5	5
	Heterorreferente	3	7
Aspectos da realidade	Ação/Inação	8	12
	Obrigação	0	2
	Tempo	0	2
	Evento não usual	2	7
<b>Total de PCs direcionados</b>		<b>8</b>	<b>12</b>

Os PCs direcionados elaborados a partir da Estória 5, foram em sua maioria ascendentes, subtrativos, autorreferentes para o grupo de mulheres vitimizadas e heterorreferentes para o grupo de mulheres não vitimizadas e fizeram referência ao aspecto da realidade ação. O padrão de PCs direcionados foi similar entre os grupos, no

entanto a frequência dos mesmos foi maior no grupo de mulheres não vitimizadas. As estatísticas descritivas das categorias obtidas a partir da Estória 5 estão apresentadas na Tabela 56.

Tabela 56

*Médias, desvios-padrão e erros- padrão da média para as categorias obtidas mediante a apresentação da Estória 5 – Celular e elevador salvam ajudante de obras no Rio.*

<b>Categorias</b>	<b>Grupo</b>	<b>N*</b>	<b>M</b>	<b>DP</b>	<b>EPM</b>
Ascendente	Não vítimas	29	0,41	0,50	0,09
	Vítimas	30	0,20	0,40	0,07
Descendente	Não vítimas	29	0	0	0
	Vítimas	30	0,07	0,25	0,04
Aditivo	Não vítimas	29	0,14	0,35	0,06
	Vítimas	30	0,03	0,18	0,03
Subtrativo	Não vítimas	29	0,28	0,45	0,08
	Vítimas	30	0,20	0,40	0,07
Substitutivo	Não vítimas	29	0	0	0
	Vítimas	30	0,03	0,18	0,03
Autorreferente	Não vítimas	29	0,17	0,38	0,07
	Vítimas	30	0,17	0,37	0,06
Heterorreferente	Não vítimas	29	0,24	0,43	0,08
	Vítimas	30	0,10	0,30	0,05
Ação/Inação	Não vítimas	29	0,41	0,50	0,09
	Vítimas	30	0,27	0,45	0,08
Obrigação	Não vítimas	29	0,07	0,25	0,04
	Vítimas	30	0	0	0
Tempo	Não vítimas	29	0,07	0,25	0,04
	Vítimas	30	0	0	0
Evento não usual	Não vítimas	29	0,24	0,43	0,08
	Vítimas	30	0,07	0,25	0,04

\*O valor de N corresponde ao número de células utilizadas para a alocação dos dados.



Observa-se a partir da tabela que o grupo de mulheres não vítimas de violência obteve as maiores médias para as categorias ascendente, aditivo, subtrativo, heterorreferente e para todas as categorias de aspectos da realidade. Para a categoria autorreferente as médias entre os grupos foram iguais e o grupo de mulheres vítimas de violência obtiveram as maiores médias nas categorias descendente e substitutivo. Para verificar se as diferenças observadas expressavam algum significado estatístico, as médias foram comparadas por meio do teste *t* independente, como pode ser observado na Tabela 57.

Tabela 57

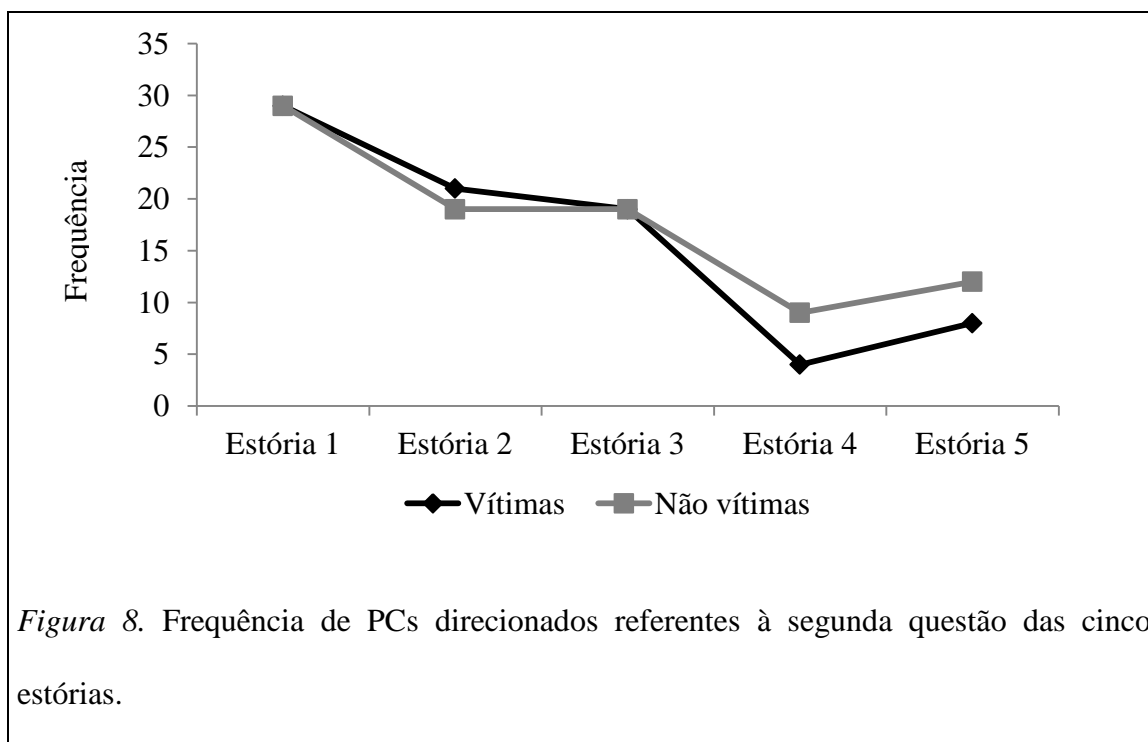
*Comparação entre as médias das frequências por categorias dos PCs direcionados elaborados a partir da Estória 5 – Celular e elevador salvam ajudante de obras no Rio*

Categorias	Teste de Levene		Teste <i>t</i>			Diferença das médias
	F	<i>p</i>	<i>t</i>	<i>gl</i>	<i>p</i>	
Ascendente	11,83	0,001	1,80	57	0,07	0,21
Descendente	9,28	0,003	-1,41	57	0,16	-0,06
Aditivo	9,53	0,003	1,44	57	0,15	0,10
Subtrativo	1,83	0,18	0,67	57	0,50	0,07
Substitutivo	4,14	0,04	-0,98	57	0,33	-0,03
Autorreferente	0,013	0,90	0,05	57	0,95	0,006
Heterorreferente	9,258	0,004	1,44	57	0,15	0,14
Ação/Inação	4,998	0,02	1,18	57	0,24	0,14
Obrigação	10,01	0,002	1,46	57	0,14	0,06
Tempo	10,01	0,002	1,46	57	0,14	0,06
Evento não usual	17,407	<0,001	1,89	57	0,064	0,17

Por meio da tabela é possível observar que o teste *t* não revelou diferenças estatisticamente significativas entre as médias obtidas para cada um dos grupos, o que sugere que, em termos de conteúdo (categorias de classificação), os PCs direcionados

elaborados pelos grupos foram similares e as diferenças observadas nos valores das médias podem ser atribuídas ao erro amostral.

De forma geral, tanto as participantes do grupo de mulheres vitimizadas quanto as participantes do grupo de mulheres não vitimizadas elaboraram PCs direcionados a partir da segunda questão referente às cinco estórias. A Figura 8 apresenta as frequências de PCs direcionados elaborados por ambos os grupos a partir das cinco estórias.



A frequência de PCs direcionados variou de uma história para outra, sendo que a história que possibilitou a maior frequência de elaboração de PCs direcionados foi a Estória 1, da mesma forma que propiciou a maior frequência de PCs espontâneos. A Tabela 58 apresenta a frequência total de PCs direcionados elaborados pelos grupos de comparação a partir da segunda questão das cinco histórias.

Tabela 58

*Número total de PCs espontâneos elaborados a partir da segunda questão do material para cada uma das estórias.*

Tipo de PC	Categorias	Estória 1		Estória 2		Estória 3		Estória 4		Estória 5	
		V*	NV*	V	NV	V	NV	V	NV	V	NV
Direção da comparação	Ascendente	29	28	21	19	18	19	3	9	6	12
	Descendente	0	1	0	0	1	0	1	0	2	0
Estrutura	Aditivo	14	14	7	8	10	9	0	1	1	4
	Subtrativo	14	11	13	11	9	9	4	8	6	8
	Substitutivo	1	4	1	0	0	1	0	0	1	0
Alvo da modificação	Autorreferente	29	28	18	14	18	16	3	2	5	5
	Heterorreferente	0	1	3	5	1	3	1	7	3	7
Aspectos da realidade	Ação/Inação	28	29	21	19	19	19	4	9	8	12
	Obrigação	3	12	11	8	10	6	2	0	0	2
	Tempo	1	2	3	4	1	3	0	1	0	2
	Evento não usual	4	0	3	3	0	1	1	0	2	7
<b>Total de PCs direcionados</b>		29	29	21	19	19	19	4	9	9	12

\* V = Vítimas; NV= Não Vítimas

O total de PCs direcionados elaborados a partir da segunda questão foi de 169, sendo 81 para o grupo de mulheres vitimizadas e 88 para o grupo de mulheres não vitimizadas. O número de PCs elaborados não equivale ao número de participantes, uma vez que um mesmo participante pode ter elaborado mais de um PC a partir da segunda questão do material.

No tópico a seguir serão apresentados os resultados referentes à escolha de alternativas de modificação para os enredos apresentados.

### ***Resultados referentes à escolha de alternativas de modificação para as histórias apresentadas***

Nesta seção serão apresentados os resultados referentes à escolha de alternativas de modificação de eventos e aspectos dos enredos a partir da pergunta “Ainda se colocando no lugar de Daniel, qual das alternativas abaixo seria mais próxima com aquilo que você mudaria? Escolha apenas uma alternativa.”. As alternativas para cada uma das histórias foram elaboradas a partir dos aspectos da realidade descritos por Byrne (2005) como sendo aqueles mais frequentemente modificados pelas pessoas quando elas elaboram pensamentos contrafactuais, quais sejam: ação/inação, obrigação, tempo e evento não usual. Havia ainda a possibilidade de não escolher uma modificação, caso a participante preferisse.

As respostas dos participantes foram analisadas quanto à frequência para cada um dos aspectos da realidade aos quais cada alternativa fazia referência. A atribuição de um aspecto da realidade a cada uma das alternativas ocorreu na fase de elaboração da técnica de avaliação do PC, na qual cinco juízes avaliaram as alternativas propostas pelas autoras e definiu-se a alternativa de acordo com o aspecto da realidade mais evidente em cada uma das sentenças, uma vez que elas poderiam fazer referência a mais de um aspecto da realidade.

Na Tabela 59 são apresentadas as frequências de respostas por aspecto da realidade (categoria) para cada um dos grupos de comparação no que se refere à escolha de alternativas para a modificação da Estória 1 (“A Tentação”).

Tabela 59

*Frequência de respostas por categoria para ambos os grupos de comparação referentes à Estória 1 (“A Tentação”)*

<b>Frequências de resposta por categoria</b>		
<b>Categorias</b>	<b>Mulheres vítimas</b>	<b>Mulheres não vítimas</b>
Ação/Inação	3	1
Obrigação	7	17
Tempo	2	1
Evento não usual	3	1
Nenhum	1	0
<b>Total</b>	<b>16</b>	<b>20</b>

A partir da tabela, observa-se que, de modo geral, as participantes de ambos os grupos tenderam a modificar o aspecto obrigação, que faz referência ao que é socialmente aceitável ou não de acordo com determinado grupo. No caso da Estória 1, o evento da narrativa que dá margem às normas sociais era o fato de dar o telefone ao paquera da amiga. Nota-se que apenas uma participante do grupo de mulheres vitimizadas optou por não escolher qualquer alternativa de modificação para a estória.

As estatísticas descritivas referentes à escolha dos aspectos da realidade referentes à Estória 1 estão apresentadas na Tabela 60.

Tabela 60

*Médias, desvios-padrão e erros-padrão da média para as categorias obtidas mediante a apresentação da Estória 1 – A tentação.*

<b>Categorias</b>	<b>Grupo</b>	<b>N*</b>	<b>M</b>	<b>DP</b>	<b>EPM</b>
Ação/Inação	Não vítimas	20	0,05	0,22	0,05
	Vítimas	16	0,19	0,40	0,10
Obrigação	Não vítimas	20	0,85	0,36	0,08
	Vítimas	16	0,44	0,51	0,12
Tempo	Não vítimas	20	0,05	0,22	0,05
	Vítimas	16	0,13	0,34	0,08
Evento não usual	Não vítimas	20	0,05	0,22	0,05
	Vítimas	16	0,19	0,40	0,10
Nenhum	Não vítimas	20	0	0	0
	Vítimas	16	0,06	0,25	0,06

\*O valor de N corresponde ao número de participantes em cada um dos grupos.

Observa-se que as médias de escolha dos aspectos da realidade referentes à cada uma das alternativas diferiram entre os grupos para cada uma das categorias, sendo que o grupo de mulheres vitimizadas apresentou as maiores médias para todas as categorias, com exceção da denominada “obrigação”. Para verificar se as diferenças observadas entre as médias apresentaram algum significado estatístico, foi realizado um teste *t* para amostras independentes, conforme demonstrado na Tabela 61.

Tabela 61

*Comparação entre as médias das frequências por categorias dos PCS direcionados elaborados a partir da Estória 1- A tentação*

Categorias	Teste de Levene		Teste <i>t</i>			Diferença das médias
	F	<i>p</i>	<i>t</i>	<i>gl</i>	<i>p</i> *	
Ação/Inação	7,71	0,009	-1,29	34	0,20	-0,13
Obrigaçã	12,96	0,001	2,81	34	0,008*	0,41
Tempo	2,63	0,11	-0,79	34	0,43	-0,07
Evento não usual	7,71	0,009	-1,29	34	0,20	-0,13
Nenhum	5,78	0,02	-1,12	34	0,27	-0,06

\* $p \leq 0,05$

Observa-se que diferenças estatisticamente significativas foram encontradas para a categoria obrigação ( $t(34) = 2,81, p=0,008$ ), sendo a média do grupo de mulheres não vitimizadas maior do que a do grupo de mulheres vitimizadas. O resultado do teste *t* sugere que houve diferença entre as médias em relação a essa categoria. Para as demais categorias, as diferenças observadas não apresentaram significado estatístico.

Na Tabela 62 são apresentadas as frequências de respostas por categoria para cada um dos grupos de comparação referentes à Estória 2 (“No caminho de casa”).

Tabela 62

*Frequência de respostas por categoria para ambos os grupos de comparação referentes à Estória 2 (“No caminho de casa”)*

Categorias	Frequências de resposta por categoria	
	Mulheres vítimas	Mulheres não vítimas
Ação/Inação	1	0
Obrigaçã	14	12
Tempo	0	3
Evento não usual	1	2
Nenhum	0	2
<b>Total</b>	16	20

A categoria de modificação mais frequente foi obrigação para ambos os grupos. Na Estória 2, o evento que fazia referência a normas sociais que devem ser seguidas era a parada de Daniel para tomar uma cerveja em um bar com um amigo, se atrasando para chegar para socorrer a mulher em casa. Observa-se ainda que duas participantes do grupo de mulheres não vitimizadas optaram por não escolher uma alternativa de modificação para o enredo da estória. As estatísticas descritivas referentes à frequência de respostas por categoria em relação à Estória 2 são apresentadas na Tabela 63.

Tabela 63

*Médias, desvios-padrão e erros-padrão da média para as categorias obtidas mediante a apresentação da Estória 2 – No caminho de casa.*

<b>Categorias</b>	<b>Grupo</b>	<b>N*</b>	<b>M</b>	<b>DP</b>	<b>EPM</b>
Ação/Inação	Não vítimas	20	0	0	0
	Vítimas	16	0,06	0,25	0,06
Obrigação	Não vítimas	20	0,60	0,50	0,11
	Vítimas	16	0,88	0,34	0,08
Tempo	Não vítimas	20	0,15	0,36	0,08
	Vítimas	16	0	0	0
Evento não usual	Não vítimas	20	0,15	0,36	0,08
	Vítimas	16	0,06	0,25	0,06
Nenhum	Não vítimas	20	0,10	0,30	0,06
	Vítimas	16	0	0	0

\*O valor de N corresponde ao número de participantes em cada um dos grupos.

Observa-se que os grupos apresentaram diferença entre as médias para cada uma das categorias, sendo que a média para as categorias ação/inação e obrigação foi maior para o grupo de mulheres vitimizadas. Para as categorias tempo, evento não usual e nenhum (sem escolha de alternativa), as maiores médias foram obtidas pelo grupo de mulheres não vitimizadas. Para verificar se as diferenças encontradas entre as médias



apresentam significado estatístico foi realizado o teste *t*. Na Tabela 64 é apresentado o resultado do teste para comparação das médias.

Tabela 64

*Comparação entre as médias das frequências por categorias dos PCS direcionados elaborados a partir da Estória 2 – No caminho de casa*

Categorias	Teste de Levene		Teste <i>t</i>			Diferença das médias
	F	<i>p</i>	<i>t</i>	<i>gl</i>	<i>p</i> *	
Ação/Inação	5,78	0,022	-1,12	34	0,27	-0,06
Obrigação	17,53	<0,001	-1,86	34	0,07	-0,27
Tempo	15,72	<0,001	1,63	34	0,11	0,15
Evento não usual	2,91	0,09	0,81	34	0,42	0,08
Nenhum	8,50	0,006	1,29	34	0,20	0,10

\* $p \leq 0,05$

Por meio da tabela é possível observar que o teste *t* não revelou diferenças estatisticamente significativas no que se refere à escolha de alternativas de modificação para a Estória 2. Pode-se inferir que a escolha de alternativas foi similar entre os grupos e que as diferenças observadas no valor das médias podem ser atribuídas ao erro amostral.

Na Tabela 65 é apresentada a frequência de respostas por categorias para a Estória 3 (“Dilema da Montanha”).

Tabela 65

*Frequência de respostas por categoria para ambos os grupos de comparação referentes à Estória 3 (“Dilema da Montanha”)*

<b>Frequências de resposta por categoria</b>		
<b>Categorias</b>	<b>Mulheres vítimas</b>	<b>Mulheres não vítimas</b>
Ação/Inação	5	5
Obrigação	0	0
Tempo	8	7
Evento não usual	2	7
Nenhum	1	1
<b>Total</b>	<b>16</b>	<b>20</b>

Nota-se que em relação à Estória 3, a categoria mais frequente para o grupo de mulheres vitimizadas foi “tempo”. Para o grupo de mulheres não vitimizadas, as categorias mais escolhidas foram tempo e evento não usual. Em ambos os grupos, uma participante optou por não escolher uma alternativa de modificação para a estória em questão. Na Tabela 66 são apresentadas as estatísticas descritivas para a escolha de alternativas referentes à Estória 3.

Tabela 66

*Médias, desvios-padrão e erros- padrão da média para as categorias obtidas mediante a apresentação da Estória 3 – Dilema da Montanha.*

<b>Categorias</b>	<b>Grupo</b>	<b>N*</b>	<b>M</b>	<b>DP</b>	<b>EPM</b>
Ação/Inação	Não vítimas	20	0,25	0,44	0,09
	Vítimas	16	0,31	0,47	0,12
Obrigação	Não vítimas	20	0	0	0
	Vítimas	16	0	0	0
Tempo	Não vítimas	20	0,35	0,48	0,10
	Vítimas	16	0,50	0,51	0,12
Evento não usual	Não vítimas	20	0,35	0,48	0,10
	Vítimas	16	0,13	0,34	0,08
Nenhum	Não vítimas	20	0,05	0,22	0,05
	Vítimas	16	0,06	0,25	0,06

\*O valor de N corresponde ao número de participantes em cada um dos grupos.

Observa-se a partir da tabela que o grupo de mulheres vitimizadas obteve maiores médias para as categorias ação/inação e tempo. Para a categoria evento não usual, a maior média foi obtida pelo grupo de mulheres não vitimizadas. As médias foram similares para a categoria “nenhum”. As médias obtidas foram comparadas para verificar se as diferenças observadas foram estatisticamente significativas, conforme apresentado na Tabela 67.

Tabela 67

*Comparação entre as médias das frequências por categorias dos PCS direcionados elaborados a partir da Estória 3 – Dilema da Montanha*

Categorias	Teste de Levene		Teste <i>t</i>			Diferença das médias
	F	<i>p</i>	<i>t</i>	<i>gl</i>	<i>p</i> *	
Ação/Inação	0,63	0,43	-0,40	34	0,68	-0,06
Obrigação <sup>a</sup>	-	-	-	-	-	-
Tempo	1,49	0,23	-0,89	34	0,37	-0,15
Evento não usual	12,10	0,001	1,55	34	0,12	0,22
Nenhum	0,10	0,75	-0,15	34	0,87	-0,01

\* $p \leq 0,05$

<sup>a</sup> O teste *t* não foi calculado para essa categoria, uma vez que a média de pontuações foi zero.

O teste *t* não revelou diferenças estatisticamente significativas, como pode ser observado pelos valores de *p* obtidos por meio do teste *t*, uma vez que todos foram maiores do que o nível de significância adotado de  $p \leq 0,05$ . A partir do resultado pode-se inferir que as diferenças observadas podem ser atribuídas ao acaso e as diferenças observadas atribuídas ao erro amostral.

As frequências de respostas por categorias escolhidas a partir da Estória 4 (“Renascido para Viver”) estão apresentadas na Tabela 68.

Tabela 68

*Frequência de respostas por categoria para ambos os grupos de comparação referentes à Estória 4 (“Renascido para Viver”)*

<b>Frequências de resposta por categoria</b>		
<b>Categorias</b>	<b>Mulheres vítimas</b>	<b>Mulheres não vítimas</b>
Ação/Inação	9	14
Obrigação	0	1
Tempo	1	0
Evento não usual	0	0
Nenhum	6	5
<b>Total</b>	<b>16</b>	<b>20</b>

Observa-se a partir da tabela, que a categoria mais frequente em ambos os grupos foi “ação/inação”. Nota-se ainda que seis participantes do grupo de mulheres vitimizadas e cinco do grupo de mulheres não vitimizadas optaram por não escolher alternativas de modificação para o enredo da estória. Na Tabela 69 estão apresentadas as estatísticas descritivas para as categorias obtidas a partir da escolha de alternativas da Estória 4.

Tabela 69

*Médias, desvios-padrão e erros-padrão da média para as categorias obtidas mediante a apresentação da Estória 4 – Renascido para Viver*

<b>Categorias</b>	<b>Grupo</b>	<b>N*</b>	<b>M</b>	<b>DP</b>	<b>EPM</b>
Ação/Inação	Não vítimas	20	0,70	0,47	0,10
	Vítimas	16	0,56	0,51	0,12
Obrigação	Não vítimas	20	0,05	0,22	0,05
	Vítimas	16	0	0	0
Tempo	Não vítimas	20	0	0	0
	Vítimas	16	0,06	0,25	0,06
Evento não usual	Não vítimas	20	0	0	0

	Vítimas	16	0	0	0
Nenhum	Não vítimas	20	0,25	0,44	0,09
	Vítimas	16	0,38	0,50	0,12

O grupo de mulheres não vitimizadas obteve maiores médias para as categorias ação/inação e obrigação. Para as categorias tempo e nenhum as maiores médias foram obtidas pelo grupo de mulheres vitimizadas. A comparação das médias obtidas em cada uma das categorias está apresentada na Tabela 70.

Tabela 70

*Comparação entre as médias das frequências por categorias dos PCS direcionados elaborados a partir da Estória 4– Renascido para Viver*

Categorias	Teste de Levene		Teste <i>t</i>			Diferença das médias
	F	<i>p</i>	<i>t</i>	<i>gl</i>	<i>p</i> *	
Ação/Inação	2,14	0,15	0,83	34	0,40	0,13
Obrigação	3,54	0,06	0,89	34	0,37	0,05
Tempo	5,78	0,02	-1,12	34	0,27	-0,06
Evento não usual <sup>a</sup>	-	-	-	-	-	-
Nenhum	2,26	0,14	-0,79	34	0,43	-0,12

\* $p \leq 0,05$

<sup>a</sup> O teste *t* não foi calculado para essa categoria, uma vez que a média de pontuações foi zero.

A partir da tabela verifica-se que o teste *t* não revelou diferenças estatisticamente significativas em relação às escolhas das alternativas para a Estória 4. Pode-se inferir que as escolhas de alternativas de modificação entre os grupos foi semelhante.

As frequências de respostas por categorias de modificação a partir da Estória 5 encontram-se na Tabela 71.

Tabela 71

*Frequência de respostas por categoria para ambos os grupos de comparação referentes à Estória 5 - Celular e elevador salvam ajudante de obras no Rio.*

<b>Frequências de resposta por categoria</b>		
<b>Categorias</b>	<b>Mulheres vítimas</b>	<b>Mulheres não vítimas</b>
Ação/Inação	13	15
Obrigação	0	0
Tempo	0	1
Evento não usual	3	2
Nenhum	0	2
<b>Total</b>	<b>16</b>	<b>20</b>

A categoria mais frequente de escolha de alternativas de modificação foi a categoria ação/inação em ambos os grupos. No que se refere à ausência de escolha de alternativas para modificação do enredo da estória, nota-se que duas participantes do grupo de mulheres não vitimizadas optaram por não escolher uma alternativa de modificação. Na Tabela 72 são apresentadas as estatísticas descritivas referentes à escolha de alternativas para a Estória 5.

Tabela 72

*Médias, desvios-padrão e erros-padrão da média para as categorias obtidas mediante a apresentação da Estória 5 – Celular e elevador salvam ajudante de obras no Rio*

<b>Categorias</b>	<b>Grupo</b>	<b>N*</b>	<b>M</b>	<b>DP</b>	<b>EPM</b>
Ação/Inação	Não vítimas	20	0,75	0,44	0,09
	Vítimas	16	0,81	0,40	0,10
Obrigação	Não vítimas	20	0	0	0
	Vítimas	16	0	0	0
Tempo	Não vítimas	20	0,05	0,22	0,05
	Vítimas	16	0	0	0
Evento não usual	Não vítimas	20	0,10	0,30	0,06

	Vítimas	16	0,19	0,40	0,10
Nenhum	Não vítimas	20	0,10	0,30	0,06
	Vítimas	16	0	0	0

Observa-se a partir da tabela, que as maiores médias nas categorias ação/inação e evento não usual foram obtidas pelo grupo de mulheres vitimizadas. O grupo de mulheres não vitimizadas obteve as maiores médias nas categorias “tempo” e “nenhum”. Na Tabela 73 é apresentada a comparação das médias referentes à escolha de alternativas em relação à Estória 5.

Tabela 73

*Comparação entre as médias das frequências por categorias das alternativas de modificação da Estória 5 – Celular e elevador salvam ajudante de obras no Rio.*

Categorias	Teste de Levene		Teste <i>t</i>			Diferença das médias
	F	<i>p</i>	<i>t</i>	<i>gl</i>	<i>p</i> *	
Ação/Inação	0,79	0,38	-0,43	34	0,66	-0,06
Obrigação <sup>a</sup>	-	-	-	-	-	-
Tempo	3,54	0,06	0,89	34	0,37	0,05
Evento não usual	2,23	0,14	-0,73	34	0,46	-0,08
Nenhum	8,50	0,006	1,29	34	0,20	0,10

\* $p \leq 0,05$

<sup>a</sup> O teste *t* não foi calculado para essa categoria, uma vez que a média de pontuações foi zero.

Observa-se a partir da tabela que o teste *t* não revelou diferenças estatisticamente significativas entre as médias obtidas pelos grupos a partir da escolha de alternativas de modificação para a Estória 5. Pode-se inferir a partir dos resultados obtidos que as escolhas de alternativas de modificação foram similares entre os grupos e que as diferenças observadas entre as médias podem ser atribuídas ao acaso.



Na Tabela 74 são apresentadas as categorias mais frequentes para ambos os grupos de acordo com cada uma das histórias que compuseram o material.

Tabela 74

*Categorias escolhidas com mais frequência por história para ambos os grupos*

<b>Estória</b>	<b>Categorias mais frequentes</b>	
	<b>Mulheres vítimas</b>	<b>Mulheres não vítimas</b>
“A tentação”	Obrigação	Obrigação
“No caminho de casa”	Obrigação	Obrigação
“Dilema da montanha”	Tempo	Tempo e Evento não usual
“Renascido para viver”	Ação/Inação	Ação/Inação
“Celular e elevador...”	Ação/Inação	Ação/Inação

De forma geral, observa-se que as duas primeiras histórias obtiveram a maioria das respostas na categoria “obrigação”. Para a terceira história a categoria mais frequente foi “tempo” para o grupo de mulheres vitimizadas e “tempo” e “evento não usual” para o grupo de mulheres não vitimizadas. Para a quarta e quinta histórias a categoria mais frequente foi “ação/inação”.

Na seção a seguir os resultados apresentados serão discutidos.

## Capítulo 5: Discussão Do Estudo 2

O objetivo do Estudo 2 foi avaliar em que medida o fator vitimização, ou seja, a experiência da violência enquanto evento traumático, influenciaria na elaboração de tipos específicos de contrafatos. Para isso procurou-se verificar se haveria diferenças no estilo do pensamento contrafactual de mulheres vítimas de violência e mulheres não vitimizadas, considerando a direção da comparação (ascendente ou descendente), estrutura (aditivo, subtrativo ou substitutivo), alvo da modificação (autorreferente ou heterorreferente) e os aspectos frequentemente modificados de acordo com a literatura (ação/inação, obrigação, tempo e evento não usual).

Os resultados serão discutidos levando-se em consideração a ordem de apresentação na seção “Resultados” do estudo 2. Portanto, será seguida a ordem de apresentação das questões do material aos participantes. Primeiramente é importante mencionar que os resultados obtidos a partir da aplicação dos Inventários Beck de Ansiedade (BAI) e Depressão (BDI) condizem com os dados da literatura apresentados por Meichenbaum (1994 citado por Cassado et al., 2003), Williams, Padovani e Brino (2009) e Lettieri e Nakano (2011) que descrevem que um dos impactos da vitimização relaciona-se a apresentação de sintomas depressivos e ansiosos por parte das vitimizadas. No presente estudo, o grupo de mulheres vitimizadas apresentou indicativos de ansiedade e depressão significativamente maiores do que o grupo de mulheres não vitimizadas, diferença que foi revelada pelo teste *t* de *Student* quando da comparação das médias dos escores obtidos nos inventários.

Para a questão 1, os participantes deveriam relatar os pensamentos ocorridos livremente a partir da leitura da estória. Dentre as cinco estórias que compuseram o material da técnica de avaliação do pensamento contrafactual (PC) em adultos, todas

criaram condições para a elaboração de PCs de forma espontânea. A Estória 1 foi a que mais propiciou a elaboração de PCs espontâneos, ou seja, a descrição de pensamentos que, a partir da leitura da estória, continham alguma modificação nos eventos da mesma. A maior frequência de elaboração de PCs para esta estória pode ter ocorrido devido ao conteúdo e forma da narrativa. A Estória 1 (“A tentação”) apresentava um cenário de traição e a personagem o narrava em primeira pessoa. Essas duas variáveis parecem ter favorecido a elaboração de PCs de forma espontânea, uma vez que facilitavam que as participantes se colocassem no lugar da personagem. As Estórias 2 (“No caminho de casa”) e 3 (“Dilema da montanha”) também propiciaram um maior número de PCs espontâneos. Ambas apresentavam situações que envolviam comportamentos dos personagens diante de relações de amizade e os acontecimentos das estórias colocavam em xeque essas relações.

Especificamente em relação aos PCs elaborados em resposta à primeira questão do material, estes foram analisados de acordo com as dimensões descritas na literatura (Epstude & Roese, 2008; Juhos, Quelhas & Senos, 2003; Roese & Olson, 1993; Roese, 1994) como importantes para a classificação do PC, quais sejam: direção da comparação (ascendente e descendente), estrutura (aditiva, subtrativa e substitutiva), alvo da comparação (auto e heterorreferente) e aspectos da realidade (ação/inação, obrigação, tempo e evento não usual). Para as Estórias 1, 2 e 3 (“A tentação”, “No caminho de casa”, “Dilema da montanha”), as categorias mais frequentes foram similares para todas as dimensões do PC consideradas para a classificação. Dessa forma, os PCs espontâneos foram ascendentes (alteravam aspectos da estória que faziam com o que o desfecho imaginado fosse melhor do que o desfecho relatado), subtrativos (removiam algum aspecto ou evento da narrativa), autorreferentes e com modificações

referentes ao aspecto da realidade ação/inação. No que se refere ao aspecto da realidade, é importante ressaltar que além do aspecto ação/inação, alguns PCs espontâneos também fizeram referência ao aspecto obrigação. Para a Estória 1, o conteúdo desses pensamentos fez referência ao fato de a moça dar o seu número de telefone para o rapaz no qual a amiga estava interessada; na Estória 2, o conteúdo foi determinado pela parada de Daniel no bar para tomar uma cerveja com o amigo e na Estória 3, o fato de Luiz ter deixado o amigo na fenda e seguido na escalada influenciou a elaboração de pensamentos desse tipo. Esses achados condizem com os encontrados no estudo de Faccioli (2012) e Faccioli e Schelini (no prelo) e corroboram os resultados de McCloy e Byrne (2000). Estes últimos autores afirmam que as pessoas tendem a focar o pensamento que modifica a realidade em eventos controláveis que são proibidos ou desaprovados quando se considera princípios e práticas morais. Eles também concebem que as pessoas pensam com mais facilidade em alternativas para alguns eventos controláveis, considerando o quão apropriado socialmente o evento é. Para as demais estórias (Estórias 4 e 5) as categorias mais frequentes foram descendente, aditivo, autorreferente e ação/inação, havendo diferença portanto apenas na dimensão direção da comparação.

Ainda levando em consideração o conteúdo dos PCs elaborados espontaneamente a partir da primeira questão, é importante ressaltar que apenas a primeira estória foi discriminativa no sentido de possibilitar a diferenciação entre os grupos no tocante ao conteúdo das elaborações contrafactuais. O teste *t*, que comparou as médias entre os grupos, revelou diferenças significativas para a Estória 1 em relação às categorias ascendente, aditivo, autorreferente e o aspecto da realidade ação/inação. Para as demais estórias, houve diferença entre os grupos na elaboração de pensamentos

livres, sendo que nas Estórias 1, 4 e 5 o grupo de mulheres não vitimizadas obteve as maiores médias para esta categoria. Em termos de frequência, observou-se que o grupo de mulheres vitimizadas elaborou um número maior de PCs espontâneos em comparação com o grupo de mulheres não vitimizadas.

De forma global, os dois grupos elaboraram poucos PCs em relação à primeira questão do material e sua ocorrência foi diminuindo à medida que as estórias foram sendo apresentadas. As três primeiras estórias foram as que mais propiciaram a elaboração de PCs espontâneos, com destaque para a primeira delas. No que se refere à diminuição da elaboração de PCs espontâneos, uma hipótese para a justificativa desse fato parece ser o próprio conteúdo de cada uma das estórias. Roese e Olson (1993) e Roese (1994, 1997) afirmam que os PCs aparecem em resposta a eventos negativos, surpreendentes e inesperados. Epstude e Roese (2008), por sua vez, salientam que a ativação dos PCs se dá por meio da exposição a objetivos e demandas não alcançados, que podem ser considerados problemas a serem sanados, criando assim uma demanda para que o processo de resolução de problemas entre em ação. O efeito desse tipo de pensamento seria, então, evocar comportamentos que corrijam os problemas.

Uma análise dos enredos das estórias que mais possibilitaram a elaboração de PCs espontâneos revela que as três primeiras apresentavam narrativas nas quais eventos negativos e que fugiam à expectativa aconteciam, como supracitado. A Estória 4 narrava uma estória de superação e sucesso após a cura de uma grave doença e a 5, relatava a sobrevivência possibilitada pelo celular da vítima do desabamento de um prédio. Dessa forma, ambas as estórias não foram muito favorecedoras da elaboração de PCs espontâneos, uma vez que apresentavam eventos que não tinham a função de demandas a serem alcançadas sendo o desfecho positivo e bem sucedido.

Em relação aos PCs direcionados elaborados a partir da segunda questão do material (“Imagine se essa situação acontecesse com você. As pessoas, após passarem por situações como essas, têm, frequentemente, pensamentos sobre como as coisas poderiam ter acontecido de outra maneira. Se você passasse pela mesma situação, será que pensaria em alguma coisa diferente em relação ao que aconteceu? Pense o que poderia ser diferente para que a história tenha um fim diferente. Se você pudesse mudar alguma coisa nessa situação, o que mudaria?”), observou-se que a maioria deles foram classificados como ascendentes, subtrativos, autorreferentes e fazendo referência ao aspecto ação/inação associadas à obrigação.

Para a Estória 1 foram encontradas diferenças estatisticamente significativas nos padrões de respostas dos grupos em relação às categorias obrigação e evento não usual. Para a primeira, a maior média foi obtida para o grupo de mulheres não vitimizadas e para a segunda, a maior média foi a do grupo de mulheres vitimizadas. Portanto, a análise obtida por meio do teste *t* sugere que houve diferença entre os grupos para as categorias obrigação e evento não usual. Vale ressaltar ainda que em termos de frequência, ou seja, de número de PCs direcionados elaborados a partir da segunda questão, não houve diferença entre os grupos, uma vez que em ambos o número de PCs direcionados elaborados foi igual a 29.

Em relação às Estórias 2 e 3, as categorias de PCs direcionados mais frequentes foram ascendente, subtrativo – para a Estória 2 – e aditivo e autorreferente para a Estória 3. Para ambas as estórias os pensamentos fizeram referência aos aspectos da realidade ação e obrigação para a Estória 3. Assim como para a primeira questão, o aspecto obrigação fica evidenciado nas alterações propostas pelos participantes, uma vez que como afirmam McCloy e Byrne (2005) as pessoas tendem a fazer alterações em

ações controláveis e socialmente inaceitáveis, que no caso da Estória 2 fazia referência à parada de Daniel para tomar uma cerveja em um bar ao invés de ir direto para a casa e ter tempo de socorrer a esposa que estava sendo vítima de um ataque cardíaco. Para a Estória 4, os conteúdos dos PCs direcionados puderam ser classificados em ascendentes, subtrativos, autorreferentes e fazendo referência ao aspecto da realidade ação/inação. Foram encontradas diferenças estatisticamente significativas para as categorias ascendente e heterorreferente, sendo a maior média obtida pelo grupo de mulheres vitimizadas. Os PCs direcionados elaborados a partir da Estória 5 tiveram conteúdos ascendentes, subtrativos, autorreferente – para o grupo de mulheres vitimizadas – e heterorreferentes para o grupo de mulheres não vitimizadas. O teste *t* não revelou diferenças estatisticamente significativas entre o conteúdo dos PCs direcionados de ambos os grupos.

Alguns dos resultados obtidos a partir da segunda questão do material vão de encontro aos achados de Faccioli (2013) e Faccioli e Schelini (no prelo). Ao utilizar a técnica de avaliação do pensamento contrafactual em adultos, as autoras observaram diferenças significativas entre os grupos a partir da Estória 3 do material. Segundo tais estudos, a Estória 4 foi a que mais propiciou diferenças significativas entre os grupos de participantes com e sem indicativos de depressão, para todas as categorias de classificação dos PCs direcionados. Os achados do presente estudo foram similares aos de Faccioli (2013) e Faccioli e Schelini (no prelo) na medida em que diferenças estatisticamente significativas também foram encontradas para as categorias ascendente e heterorreferente, com destaque para a maior frequência de PCs direcionados no grupo de mulheres não vitimizadas. Faccioli (2013) e Faccioli e Schelini (no prelo) afirmam que o padrão de pensamento observado na Estória 4, apesar de ascendente, sugere uma

falha na função preparatória do pensamento contrafactual, uma vez que os pensamentos heterorreferentes fazem alterações em aspectos que estão fora do controle do participante. Segundo Markman et al. (2009) esses tipos de pensamentos seriam menos funcionais. A retirada do câncer ou da denúncia do amigo na Estória 4 parecem indicar a crença de que experiências negativas não trariam benefícios para a vivência das pessoas.

Observa-se que, de modo geral, os pensamentos elaborados a partir da segunda questão do material foram ascendentes, subtrativos, autorreferentes e fizeram referência à categoria ação/inação. Conforme observado para a primeira questão do material e nos achados de Faccioli (2013) e Faccioli e Schelini (no prelo), as primeiras estórias (Estórias 1, 2 e 3) favoreceram a elaboração de PCs, uma vez que as frequências de pensamentos elaborados para ambos os grupos foram maiores nesta parte do material. A partir do conteúdo dos pensamentos, tanto espontâneos quanto direcionados, observa-se que os achados deste estudo condizem com aqueles encontrados na literatura. Roese e Olson (1997) afirmam que o pensamento ascendente é gerado espontaneamente com mais frequência do que o descendente. Evidências também sugerem que as pessoas tendem a gerar contratos aditivos após uma situação de fracasso, contra fatos subtrativos após uma situação de sucesso ou que ocorreu repentinamente e os contra fatos substitutivos são raros em todas as circunstâncias (Roese & Olson, 1993). Isso ocorre, uma vez que as pessoas tendem a interpretar situações de sucesso como resultado de ações intencionais e apropriadas e o fracasso como a ausência de ações adequadas.

A partir dos dados do presente estudo, observa-se que a partir da Estória 1, na qual a amiga passa o telefone para o paquera da outra, foram elaborados mais pensamentos subtrativos, uma vez que o fato ocorrido ocorreu de forma repentina. Já



para a Estória 3, os pensamentos subtrativos relacionaram-se à uma situação de fracasso de Daniel, que não conseguiu chegar a tempo para socorrer a esposa que estava sofrendo um ataque cardíaco, e que envolvem uma ação inadequada, a parada no bar para tomar uma cerveja com o amigo. Para a Estória 4, quando consideradas a primeira e a segunda questão do material, nota-se que os pensamentos mais frequentes foram aditivos e subtrativos, respectivamente. Pode-se inferir a partir do enredo da estória, que narra a luta de um atleta contra o câncer e a sua superação diante dessa adversidade, que o sucesso de Lauro ao vencer a doença foi interpretado como decorrente de ações apropriadas, como procurar tratamento e não se abater diante da descoberta da doença. No que se refere à Estória 5, os pensamentos mais frequentes também foram aditivos e subtrativos, a partir da primeira e segunda questão, respectivamente. A análise é análoga à supracitada, uma vez que a sobrevivência de Alexandre foi interpretada como uma situação de sucesso e a forma repentina e inesperada como o desabamento ocorreu foi a interpretação que desencadeou a elaboração de contrafatos subtrativos.

Ainda considerando as duas questões apresentadas e os tipos de alvo de modificação, estrutura e aspecto da realidade (ascendente, aditivo e ação/inação), pode-se afirmar que esses achados vão de encontro aos da literatura internacional (Juhos et al., 2003; Quelhas, 2008; Roese, 1994, 1997) e aos dos estudos pioneiros realizados na área do PC no Brasil (Faccioli & Schelini, 2009; Justino & Schelini, 2010; Faccioli & Schelini, no prelo).

Considerando a escolha de alternativas a partir de cada uma das estórias, o padrão de PCs encontrado também foi ascendente, uma vez que nenhum participante escolheu alternativas que modificassem os eventos da estória para pior, o que corrobora os achados da literatura da área (Roese, 1994, 1997; Juhos et al., 2003; Quelhas, 2008;

Faccioli & Schelini, 2009; Justino & Schelini, 2010). Com relação aos aspectos da realidade, os resultados encontrados sugerem a escolha representativa do aspecto obrigação no caso das duas primeiras estórias, quando esta se apresentava como uma modificação socialmente aceitável como “Eu não teria dado meu número de telefone para o paquera de minha amiga” e “Daniel não pararia para tomar cerveja e chegaria em casa a tempo de levar a esposa ao hospital”. No entanto, quando a alternativa com o aspecto obrigação fazia referência a modificações sociais menos favoráveis do que os eventos da estória, tais como em “Marcos não ficaria para salvar Luiz quando ele quebrasse a perna e, assim, Luiz não conseguiria sobreviver”, “Os exames de doping teriam dado positivo e, desobedecendo às ordens do comitê esportivo, Lauro continuaria a correr” e “Os bombeiros, mesmo ouvindo os gritos vindos do elevador, ignorariam o chamado de Alexandre”, houve uma tendência para a escolha de outras alternativas. Além disso, estes exemplos faziam referência à direção da comparação descendente diferentemente das duas sentenças referentes ao aspecto obrigação das duas primeiras estórias, o que pode ter favorecido a escolha dessa opção nos dois primeiros casos.

Conforme encontrado por Faccioli (2013), a Estória 3 propiciou a escolha da alternativa que fazia referência ao aspecto da realidade tempo. A alternativa “tempo” foi a mais frequente para ambos os grupos e partiu do pressuposto de que os dois amigos desistiriam da escala, uma vez que a avalanche ocorreria logo no primeiro dia. Faccioli (2013) afirma ainda que houve concordância entre os PCs direcionados e a escolha de alternativas, uma vez que para ambas as questões os participantes escolheram o mesmo tipo de modificação. No entanto, neste estudo esta concordância não ocorreu. Foi observada apenas uma tendência para a escolha de alternativas de modificação na questão três que tinham conteúdo semelhante aos PCs direcionados, porém isso foi

observado de forma individualizada mediante as respostas de alguns participantes e não refletiu de forma global nos resultados apresentados pelo grupo.

Para a Estória 4, a escolha mais frequente foi a alternativa que fazia referência ao aspecto ação/inação, conforme encontrado por Faccioli (2013). Como afirma a autora, pode ser que o fato de esta ser a única alternativa ascendente, dentre aquelas que formam propostas, tenha sido um fator importante que controlou a escolha da mesma. No entanto, Faccioli (2013) salienta que não fica claro qual aspecto controlou a escolha dessa alternativa dentre os participantes, quais sejam a direção da modificação ou o aspecto da realidade. Pode-se hipotetizar que uma possível explicação para a escolha da alternativa que fazia referência à categoria ação/inação seja o próprio conteúdo da narrativa da Estória 4, uma vez que ela descreve uma passagem de sucesso e superação, mesmo após uma grande adversidade como o câncer. Como a estória é de vitória e superação, o único aspecto que seria passível de modificação dentro desse contexto é a denúncia de *doping* feita pelo ex-colega de Lauro e avaliada como mais um problema que ele teria que enfrentar em sua vida. A remoção da denúncia de *doping* parece ter dito a função de aliviar a dor e o sofrimento experienciados pelo personagem ao longo de sua vida.

Na Estória 5 a escolha mais frequente foi a alternativa que fazia referência ao aspecto “ação/inação” (“Alguém teria visto, conferido e corrigido o erro na construção e o desabamento não teria ocorrido). Esta alternativa pode ser classificada como ascendente e observa-se que ela inclui comportamentos de outras pessoas na resolução do problema do desabamento. Faccioli (2013) encontrou resultados similares que diferem apenas no que se refere ao fato de seus grupos de participantes terem escolhido

também em alta frequência a alternativa que fazia referência ao aspecto “evento não usual”.

Foi encontrada diferença estatisticamente significativa para os dados obtidos por meio da terceira questão apenas para a primeira estória. O teste *t* revelou que as médias obtidas para a categoria obrigação diferiram, sendo a média obtida pelo grupo de mulheres não vitimizadas maior do que a obtida pelo grupo de mulheres vitimizadas. Para as demais estórias que compuseram o material não foram encontradas diferenças estatisticamente significativas. Esse dado difere dos achados de Faccioli (2013), uma vez que para a terceira questão a autora não encontrou diferenças estatisticamente significativas entre os seus grupos de comparação. Pode-se inferir que a diferença encontrada para a Estória 1 pode ser explicada pela distribuição das respostas do grupo de mulheres vitimizadas entre as demais categorias de alternativas possíveis, uma vez que as respostas do grupo de mulheres não vitimizadas se concentrou em sua maioria nessa categoria, mesmo o primeiro grupo apresentando a maior frequência de respostas para a categoria “obrigação”.

De modo geral, as duas primeiras questões do material revelaram padrões similares de PCs elaborados, uma vez que a maioria dos pensamentos elaborados apresentou direção ascendente, estrutura subtrativa, alvo da modificação autorreferentes e aspecto da realidade ação/inação. Por meio da primeira questão da técnica de avaliação do pensamento contrafactual em adultos foi possível verificar a elaboração espontânea de PCs. As estórias que mais propiciaram a elaboração de PCs espontâneos foram as três primeiras, quais sejam “A tentação”, “No caminho de casa” e “Dilema da montanha”. Esse dado sugere que o PC é um tipo de cognição que faz parte dos processos cognitivos dos indivíduos, mesmo que eles pertençam a grupos específicos

caracterizados por algum tipo de sofrimento psicológico, tais como as mulheres vitimizadas e os indivíduos com depressão, como analisado por Faccioli (2013) e Faccioli & Schelini (no prelo).

Do mesmo modo, a segunda questão solicitava que a partir dos eventos narrados nas estórias os participantes realizassem algum tipo de modificação que julgassem pertinente, elaborando assim PCs direcionados. As Estórias que mais propiciaram a elaboração de PCs direcionados foram as três primeiras, as mesmas que permitiram a elaboração mais frequente de PCs espontâneos. No que se refere às diferenças significativas entre os grupos, observou-se que tanto para a primeira questão quanto para a segunda, a Estória 1 foi a mais discriminativa, uma vez que revelou diferenças entre os padrões de PCs de cada um dos grupos para as duas primeiras questões do material. Em relação à terceira questão, o seu objetivo era propor alternativas que continham modificações em aspectos das narrativas e verificar quais seriam as categorias mais frequentes escolhidas. Observou-se uma predominância da escolha da categoria obrigação seguida pela categoria ação/inação. Acredita-se que o conteúdo de cada uma das estórias tenha influenciado na predominância de algumas respostas em detrimento de outras. A predominância de alguns aspectos da realidade em detrimento de outros em algumas estórias permite que sejam levadas em consideração características específicas dos grupos que foram estudados, uma vez que isso pode ter se refletido no tipo de pensamento que foi elaborado a partir dos eventos da estória. O fato de a primeira estória narrar uma relação afetiva sexualizada, nos permite sugerir que as mulheres vitimizadas tenham se mobilizado mais para alterar o desfecho da estória, uma vez que há semelhanças com o contexto de violência e a alteração no desfecho pode ter produzido sentimentos de alívio e bem-estar. No que se refere à terceira estória, que

narrava uma relação de cuidado, observou-se que o grupo de mulheres não vitimizadas elaborou modificações que faziam referência à categoria obrigação diferente do grupo de mulheres vitimizadas. Pode-se hipotetizar a partir disso que a categoria obrigação foi menos frequente para o grupo de mulheres vitimizadas, uma vez que ao considerar alternativas para os eventos da estória, este grupo não se vale do que é socialmente desejado porque isso não valeu para elas.

O material elaborado a partir do Estudo 1 possibilitou a avaliação de PCs a partir de estórias reais, bem como a comparação do padrão de PCs gerados por dois grupos distintos: mulheres vítimas de violência intrafamiliar e mulheres não vitimizadas. No entanto, algumas considerações precisam ser realizadas a respeito de algumas limitações do Estudo 2, o que será apresentado na seção seguinte.

## Capítulo 6: Considerações Finais

A partir dos dados apresentados e discutidos neste texto pode-se afirmar que os objetivos propostos para essa pesquisa foram alcançados, uma vez que foi possível elaborar e avaliar uma técnica de avaliação do pensamento contrafactual (PC) em adultos e comparar os estilos de PCs elaborados por mulheres vítimas de violência intrafamiliar e mulheres não vitimizadas a partir das dimensões direção da comparação, estrutura, alvo da modificação e os aspectos da realidade citados na literatura como os mais frequentemente modificados.

Considerando a violência intrafamiliar um fenômeno de grande incidência mundial, estudos que tenham como foco a população vitimizada são fundamentais para que medidas que auxiliam as vítimas sejam planejadas e elaboradas dados os efeitos da violência na população. Como foi observado, as mulheres vitimizadas que participaram deste estudo apresentaram indicativos de depressão e ansiedade em uma frequência significativamente maior do que as mulheres que não sofreram violência intrafamiliar. Sintomas de ansiedade e depressão são consequências da exposição à situação de violência e como descrevem Williams, Padovani e Brino (2009) e Lettieri e Nakano (2011) quadros depressivos e ansiosos são frequentemente apresentados por mulheres vítimas de violência intrafamiliar. O estudo do PC nessa população justifica-se uma vez que essas cognições sobre eventos passados relacionam-se diretamente com estratégias de enfrentamento (*coping*) dos indivíduos diante de suas vivências, sejam elas traumáticas ou não. Vale ressaltar que na realização deste estudo não foi possível realizar uma análise da relação entre as estratégias de *coping* e o pensamento contrafactual. No entanto, acredita-se que os processos cognitivos subjacentes ao PC assemelham-se àqueles envolvidos nos processos de *coping*. Segundo a perspectiva de

Folkman e Lazarus (1980 citado por Antoniazzi, Dell’Aglío & Bandeira, 1998), o *coping* é definido como um conjunto de esforços cognitivos e comportamentais utilizados com o objetivo de lidar com demandas específicas que surgem diante de situações de estresse. Essas estratégias podem ser aprendidas, usadas e descartadas (Antoniazzi, Dell’Aglío & Bandeira, 1998). A definição de *coping* proposta por esses autores chega a parecer análoga à definição do processo de ativação do pensamento contrafactual proposta por Epstude e Roesse (2008), na qual os autores afirmam que esse tipo de cognição é ativado por um problema, que pode ser caracterizado como uma experiência negativa, e, por meio da implicação causal, uma intenção comportamental correspondente seria ativada. Estudos futuros deveriam buscar investigar a relação entre estratégias de *coping* e a elaboração de PCs, verificando a existência de correlações entre esses dois tipos de processos cognitivos que por meio de suas definições e descrições dos processos de ativação parecem ser similares. Outro aspecto que precisa ser melhor explorado é a relação entre os tipos de violência intrafamiliar sofridos e a elaboração de tipos específicos de contrafatos, o que também não foi possível neste estudo.

Os estudos sobre o pensamento contrafactual são relativamente recentes e datam de uma década atrás, como afirmam Markman et.al (2009). No contexto brasileiro, os estudos sobre o tema ainda são escassos e diante dessa conjuntura de novidade e escassez de estudos na área, fez-se necessária a elaboração de um método para a avaliação desse tipo de cognição. Foi realizada uma busca bibliográfica com a função de identificar quais têm sido os métodos utilizados para avaliar o pensamento contrafactual, a partir dos quais o Estudo 1 seria embasado. Entre as possibilidades encontradas merecem destaque o uso de cenários hipotéticos (Kasimatis & Wells, 1995;



McCloy & Byrne, 2000; Juhos et.al, 2003; Quelhas, 2008), o uso de relatos de experiências pessoais (Quelhas, 2008; Roese, 1994, 1997), uso de maquetes e bonecos (Faccioli & Schelini, 2009) e uso de estórias adaptadas de contos de fadas (Justino & Schelini, 2010). A opção pelo uso de cenários hipotéticos adaptados da literatura e estórias reais adaptadas de notícias se deu por se considerar que os fatos narrados se aproximariam da realidade e a riqueza de detalhes das narrativas permitiria várias possibilidades de modificação. O uso do autorrelato não foi adotado, uma vez que falar das próprias experiências pessoais poderia evocar emoções e sentimentos que não poderiam ser manejados em um único contato com a pesquisadora. Apesar desse cuidado, algumas participantes relataram alguns desconfortos durante a leitura de algumas estórias, mas quando isso ocorria a pesquisadora interrompia a entrevista e deixava que as participantes falassem do que estavam sentindo.

O material utilizado possibilitou a elaboração de pensamentos livres e direcionados similares entre os participantes a partir dos contextos apresentados. É importante considerar, como afirmam Kasimatis e Wells (1995), que o uso de cenários hipotéticos pode levar os participantes a responderem de formas que não correspondem a modo de ações reais. Apesar dessa consideração, nota-se que por meio do uso de cenários hipotéticos foi possível acessar os PCs das participantes de ambos os grupos. Acredita-se ainda que o uso de cenários que não faziam referência a episódios de violência em qualquer uma de suas modalidades, permitiu que as participantes vitimizadas elaborassem uma certa quantidade de PCs espontâneos e direcionados. Byrne (2005) afirma que a forma como as pessoas pensam sobre eventos e cenários hipotéticos pode se generalizar para a forma como elas pensam em suas próprias experiências pessoais. No entanto, a partir do estudo realizado por esta autora não é

possível fazer essa inferência, uma vez que falar do episódio de violência intrafamiliar poderia produzir diferentes sentimentos e reações nas mulheres em questão.

Uma das limitações desta pesquisa refere-se ao tamanho reduzido da amostra de mulheres vitimizadas. Apesar de o fenômeno da violência ter uma incidência mundial elevada, a população de mulheres vitimizadas é de difícil acesso, uma vez que como afirmam Lettieri e Nakano (2011) em um primeiro momento o fenômeno da violência é silenciado até que alguma medida seja tomada. As autoras ainda salientam que quando o silêncio é rompido, isso ocorre a princípio no meio social mais próximo das vítimas, como a família e os amigos. A busca por um serviço especializado é um recurso utilizado para a resolução de agravos físicos ou psicológicos e muitas vezes os casos notificados e atendidos em unidades básicas de saúde não chegam a esse tipo de serviço, tais como os centros de referência e assistência à mulher (Lettieri & Nakano, 2011). A amostra deste estudo foi composta por usuárias de um serviço de atendimento especializado em atendimento a vítimas de violência intrafamiliar, no entanto, não foi possível contatar muitas das mulheres indicadas pelo serviço, visto que números de telefone haviam sido alterados, mudanças de cidade ocorreram e o telefone informado era da casa dos companheiros, mas as mulheres não residiam mais naquele endereço. As dificuldades encontradas pela pesquisadora foram um obstáculo para a composição da amostra, uma vez que dada a dificuldade de contato, a coleta de dados ficou impossibilitada de ser realizada dentro do prazo que havia sido estipulado inicialmente. Apesar da dificuldade de composição da amostra de mulheres vitimizadas, houve uma tentativa de homogeneizar as amostras em termos de idade e escolaridade de modo que mesmo os grupos não sendo compostos por um número igual de participantes fosse possível fazer a comparação entre os pensamentos elaborados por ambos.

Além da limitação supracitada, acredita-se que uma amostra maior poderia produzir maiores discriminações entre os grupos referentes às respostas dadas a cada uma das estórias. No que se refere às estórias que foram discriminativas, ou seja, possibilitaram que o teste *t* revelasse diferenças estatisticamente significativas, sugere-se que estudos futuros trabalhem no refinamento do material proposto para a avaliação do PC em adultos, uma vez que a sua extensão é mais um obstáculo para a execução da coleta de dados.

Outra limitação deste estudo que utilizou da técnica de avaliação do PC em adultos proposta por Justino, Faccioli e Schelini (2013) diz respeito, com mencionado por Faccioli & Schelini (no prelo), ao fato de as categorizações dos PCs espontâneos e direcionados não terem sido realizadas por juízes “cegos” e independentes.

Novas pesquisas na área que envolvam grupos distintos e de diferentes faixas etárias e outras metodologias fazem-se necessárias dentro do contexto brasileiro, dada a escassez de publicações nesta área recém explorada.

## Referências Bibliográficas

- Antoniazzi, A.S., Dell’Aglío, D.D. & Bandeira, D.R. (1998). O conceito de coping: uma revisão teórica. *Estudos de Psicologia, 3* (2), 273-294.
- Au, T.K. (1983). Chinese and English counterfactuals: The Sapir-Whorf hypothesis revisited. *Cognition, 15*, 155–187.
- Au, T.K. (1992). Counterfactual reasoning. In: Semin, GR., & Fiedler, K. (Eds.) *Language, interaction and social cognition*. (pp. 194-213). CA: Sage; Thousand Oaks.
- Bardin, L. (2009). *Análise de conteúdo* (L. A. Reto & A. Pinheiro, Trad.). São Paulo: Edições 70, Livraria Martins Fontes (Obra original publicada em 1977).
- Beck, S.R., Robinson E.J., Carroll, D.J., & Apperly, I.A. (2006). Children’s thinking about counterfactuals and future hypotheticals as possibilities. *Child Development, 77*, 413–426.
- Brickman, P., & Bulman, R.J.(1977). Pleasure and pain in social comparison. In: Suls, J.M., & Miller, R.L. (Eds). *Social comparison processes: Theoretical and empirical perspectives*. (pp. 149-186). Washington, DC: Hemisphere.
- Byrne, R.M.J.(1997). Cognitive processes in counterfactual thinking about what might have been. In: Medin, D.L. (Ed.) *The psychology of learning and motivation: Advances in research and theory*. pp. 105-154. Academic Press; CA:San Diego.
- Byrne, R. M. J., & Quelhas A. C. (1999). Raciocínio contrafactual e modelos mentais. *Análise Psicológica, 17* (4) 713-721.
- Byrne, R.M.J. & McEleney, A. (2000) Counterfactual thinking about actions and failures to act. *Journal of Experimental Psychology: Learning, Memory, and Cognition, 26*, pp. 1318-1331.

- Byrne, R.M.J. (2002). Mental models and counterfactual thoughts about what might have been. *Trends in Cognitive Sciences*, 6, 426-431.
- Byrne, R.M.J. (2005). *The Rational Imagination: How People Create Alternatives to Reality*. Cambridge, M.A: MIT Press.
- Byrne, R.M. & Girotto, V. (2009). Cognitive Processes in Counterfactual Thinking. In: Markman, K.D., Klein, W.M.P., Suhr, J.A. (org). *Handbook of imagination and mental simulation*. pp. 151-160. New York: Psychology Press.
- Callender, G., Brown, G. P., Tata, P. & Regan, L. (2007). Counterfactual thinking and psychological distress following recurrent miscarriage. *Journal of Reproductive and Infant Psychology*, 25, 51-65.
- Cassado, D. C., Gallo, A. E. & Williams, L. C. A. (2003). Transtorno de Estresse Pós-Traumático em mulheres vítimas de violência doméstica: Um estudo piloto. *Perfil & Vertentes*, 15(1), 99-108.
- Chauí, M. (1985). Participando do debate sobre mulher e violência. In: Cardoso, R. (Ed.) *Perspectivas antropológicas da Mulher* (pp.24-61). Rio de Janeiro: Zahar.
- D´Affonseca, S.M. & Williams, L.C.A. (2011). Habilidades maternas de mulheres vítimas de violência doméstica: Uma revisão da literatura. *Psicologia: Ciência e Profissão*, 31 (2), 236-251.
- Dancey, C.P. & Reidy, J. (2013). *Estatística sem Matemática*. Porto Alegre, RS: Artmed.
- Epstude, K., Roese N.J. (2008). The functional theory of counterfactual thinking. *Personality and Social Psychology Review*, 12 (2), 168–192.
- Faccioli, J.S. & Schelini, P. W. (2009). *A imaginação de crianças com necessidades especiais*. Monografia não publicada. Universidade Federal de São Carlos.

- Faccioli, J. S. (2013). *Avaliação do pensamento contrafactual na depressão*. Dissertação de mestrado. Programa de Pós Graduação em Psicologia, Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, SP. 208p.
- Faccioli, J.S. & Schelini, P.W. (no prelo). A frequência de pensamentos contrafactuais em pessoas com indicativos de depressão e sem indicativos de depressão. *Boletim de Psicologia*.
- Festinger, L. (1954). A theory of social comparison processes. *Human Relations*, *7*(2), pp. 117-140.
- Gilbar, O., Plivazky, N., & Gil, S. (2010). Counterfactual thinking, coping strategies, and coping resources as predictors of PTSD diagnosed in physically injured victims of terror attacks. *Journal of Loss and Trauma: International Perspectives on Stress & Coping*, *15* (4), 304-324.
- Gilovich, T., Wang, R.F., Regan, D., & Nishina, S. (2003). Regrets of action and inaction across cultures. *Journal of Cross-Cultural Psychology*, *34*, pp.61–71.
- Giroto, V., Legrenzi, P., & Rizzo, A. (1991). Counterfactual thinking: The role of events controllability. *Acta Psychologica*, *78* , 111-133.
- Giroto, V., Ferrante, D., Pighin, S., & Gonzalez, M. (2007). Post decisional counterfactual thinking by actors and readers. *Psychological Science*, *18*, 510-515.
- Hermann, J., & Barsted, L. L. (2000). *Violência contra a mulher: um guia de defesa, orientação e apoio*. Rio de Janeiro: CEPIA/CEDIM.
- Hooker, C.; Roese N. J.; Park S. (2000). Impoverished counterfactual thinking is associated with schizophrenia. *Psychiatry*, *63*(4), 326-335.
- Johnson-Laird, P. N., & Byrne, R. M. J. (1991). *Deduction*. Hillsdale, NJ: Erlbaum.
- Johnson-Laird, P. N., & Byrne, R. M. J. (2002). Conditionals: A theory of meaning, pragmatics, and inference. *Psychological Review*, *109*, 646–678.

- Juhos, C; Quelhas, A. C., & Senos, J. (2003). Pensamento contrafactual na depressão. *Psychologica*, 32 (1), 199 - 215.
- Justino, F.L.C., Faccioli, J.S., & Schelini, P.W. (2013). Proposta de técnica para a avaliação do pensamento contrafactual em adultos. *Anais do VI Congresso Brasileiro de Avaliação Psicológica e IX Congresso Iberoamericano de Diagnóstico e Evaluación Psicológica*. Maceió, Alagoas, Brasil.
- Justino, F.L.C., & Schelini, P.W. (2010). *Análise da capacidade de modificação de estórias em crianças, jovens adultos e idosos*. Monografia não publicada. Universidade Federal de São Carlos.
- Lipsky, S. & Caetano, R. (2009). Definitions, surveillance systems, and the prevalence and incidence of intimate partner violence in the United States. In: Whitaker, D. J., & Lutzker, J.R. (Eds.). *Preventing Partner Violence: Research and Evidence-Based Intervention Strategies*. (pp.17-39). Washington: American Psychological Association, 2009. 300p
- Kahneman, D., & Tversky, A. (1982). The simulation heuristic. In: Kahneman, D.; Slovic, E.; Tversky, A., (Ed.) *Judgment under uncertainty: Heuristics and biases*. pp. 201-208. New York: Cambridge University Press.
- Kasimatis, M., & Wells, G.L. (1995). Individual differences in Counterfactual Thinking. In: Roese, N.J., Olson, J.M. (org). *What might have been: the social psychology of counterfactual thinking*. (pp. 81- 101). New Jersey: Lawrence Erlbaum Associates.
- Lettieri, A. & Nakano, A.M.S. (2011). Violência doméstica: as possibilidades e os limites de enfrentamento. *Revista Latino Americana de Enfermagem*, 19 (6), 8 telas.

- Liu, L.G. (1985). Reasoning counterfactually in Chinese: Are there any obstacles? *Cognition*, 21, pp.239–270.
- Mandel, D. R., Hilton, D. J., & Catellani, P. (2005). The psychology of counterfactual thinking. New York, NY: Routledge.
- Markman, K.D., Klein, W.M.P., & Suhr, J.A. (2009). *Handbook of imagination and mental simulation*. New York: Psychology Press.
- Markman, K.D., McMullen, M.N., & Elizaga, R.A (2008). Counterfactual thinking, persistence, and performance: A test of the reflection and evaluation model. *Journal of Experimental Social Psychology*, 44, 421–428.
- Markman, K.D., Karadogan, F., Lindberg, M.J., & Zell, E. (2009). Counterfactual thinking: function and dysfunction. In: Markman, K.D., Klein, W.M.P., Suhr, J.A. (org). *Handbook of imagination and mental simulation*. pp. 175-193. New York: Psychology Press.
- McCloy, R., & Byrne, R. M. J. (2000). Counterfactual thinking about controllable events. *Memory and Cognition*, 28 (6), 1071-1078.
- McMahon, A. (2009). *Counterfactual thinking about social situations in social anxiety*. Dissertação de mestrado, Trinity College Dublin, Dublin.
- McMullen, M.N., & Markman, K.D. (2000). Downward counterfactuals and motivation: The “wake-up call” and the “Pangloss” effect. *Personality and Social Psychology Bulletin*, 26, 575–584.
- McMullen, M.N., & Markman, K.D. (2002). Affective impact of close counterfactuals: implications of possible future for possible pasts. *Journal of Experimental Social Psychology*, 38, 64-70.



- Monforton, J., Vickers, K., & Antony, M.M. (2012). "If only I didn't embarrass myself in front of the class!": social anxiety and upward counterfactual thinking. *Journal of Clinical and Social Psychology, 31* (3), 321-328.
- O'Connor, K.P., & Aardema, F. (2005). The imagination: cognitive, pre-cognitive and meta-cognitive aspects. *Consciousness and Cognition, 14*, 233-256.
- Organização Mundial da Saúde (2013). Ações de prevenção da violência. Disponível em [http://www.who.int/violence\\_injury\\_prevention/violence/en](http://www.who.int/violence_injury_prevention/violence/en). Acessado em 25/06/2013.
- Ormeño, G.I.R. & Williams, L.C.A. (no prelo). Violência contra mulher e a mulher encarcerada no sistema judiciário. Revista da Defensoria Pública do Estado de São Paulo.
- Quelhas, A. C., Power, M. J., Juhos, C., & Senos, J. (2008). Counterfactual thinking and functional differences in depression. *Clinical Psychology and Psychotherapy, 15*, 352-356.
- Roese, N.J.; Olson, J.M. (1993). Self-esteem and counterfactual thinking. *Journal of Personality and Social Psychology, 65*, (1), 199-206.
- Roese, N. J. (1994). The functional basis of counterfactual thinking. *Journal of Personality and Social Psychology, 66* (5), 805-818.
- Roese, N. J. (1997). Counterfactual thinking. *Psychological Bulletin, 121*(1), 133-148.
- Roese, N.J., Sanna, L.J., & Galinsky, A. D. (2005). The mechanics of imagination: Automaticity and control in counterfactual thinking. In: Hassin, RR.; Uleman, JS.; Bargh, JA., editors. *The new unconscious*. pp. 138-170. Oxford University Press; New York.
- Roese, N.J., Park, S., & Smallman, R. (2008). Schizophrenia involves impairment in activation of intentions by counterfactual thinking. *Schizophrenia Research, 103*, 343-344.

- Roth, I. (2007). *Imaginative Minds: Concepts, Controversies and Themes*. Em I. Roth (2007). *Imaginative Minds*. New York: Oxford University Press.
- Saffioti, H.I.B. (1997). *Violência Doméstica ou a Lógica do Galinheiro*. In: Kupstas, M. (Ed.). *Violência em Debate*. São Paulo: Editora Moderna.
- Schraiber, L. B., D'Oliveira, A. F.P.L., França-Junior, I.D.S, Portella, A.P., Ludermir, A.B, Valença, O., & Couto, M.T. (2007). Prevalência da violência contra a mulher por parceiro íntimo em regiões do Brasil. *Revista de Saúde Pública*, 41(5), 797-807.
- Slep, A. M. S., & O'Leary, S. G. (2001). Examining partner and child abuse: Are we ready for an integrated theory of family violence? *Child and Family Psychology Review*, 4, 87-108.
- Santini, P. M., D'Affonseca, S. M., Ormeño, G. I R. & Williams, L. C. A. (2013). Violência doméstica e encarceramento: um estudo de caso. *Multiciência*, 11, 212-222.
- Singer, D. G., & Singer, J. L. (2007). *Imaginação e jogos na era eletrônica*. Tradução Gisele Klein. Porto Alegre: Artes Médicas.
- Taylor, M. (2013). *The Oxford Handbook of the Development of Imagination*. New York: Oxford University Press.
- Teingen, K.H., & Jensen, T.K. (2011). Unlucky victims or lucky survivors? Spontaneous counterfactual thinking by families exposed to tsunami disaster. *European Psychologist*, 16 (1), 48-57.
- Thomas, N.J.T. (1999). Are theories of imagery theories of imagination? An active perception approach to conscious mental content. *Cognitive Science*, 23 (2), 207-245.

- Vasconcelos, I. F. (2002). Resolução violenta de conflitos entre casais: quem sai perdendo? In 13º Encontro da Associação Brasileira de Estudos Populacionais. Ouro Preto, MG.
- Venturi, G., Recamán, M., & Oliveira, S. (2004). *A mulher brasileira nos espaços público e privado*. São Paulo: Fundação Perseu Abramo.
- Vygotski, L. S. (1996). *La imaginación y el arte en la infancia (Ensayo Psicológico)* (3ª. Ed.). Madri: Editora Akal, S. A.
- Williams, L. C. A. (2001). Violência doméstica: há o que fazer? In H. J. Guilhardi, M. B. B. Madi, P. P. Queiroz, & M. C. Scoz (Orgs.), *Sobre o comportamento e cognição: expondo a variabilidade* (Vol. 7, pp.1-12). Santo André, SP: ESETEC.
- Williams, L. C. A. (2004). Violência e suas diferentes representações. In: Solfa, G.C. (Ed.). *Gerando Cidadania - Reflexões, propostas e construções práticas sobre direitos da criança e do adolescente*. (pp. 141-153) (1ª. Ed). São Carlos: Rima.
- Williams, L.C.A., Padovani, R.C. & Brino, R.F. (2009). *O empoderamento da família para enfrentar a violência doméstica*. São Carlos: EDUFSCar/OPAS
- Wills, T. A. (1981). Downward comparison principles in social psychology. *Psychological Bulletin*, 90, 245– 271.
- Wong, E.M., Galinsky, A.D., & Kray, L. J. (2009). The counterfactual mind-set: a decade of research. In: Markman, K.D., Klein, W.M.P., Suhr, J.A. (org). *Handbook of imagination and mental simulation*. (pp. 161-174). New York: Psychology Press.

## **ANEXO 1**

### **CARTA ENTREGUE AOS JUÍZES**

Prezado juiz,

Nós, Florença L.C. Justino e Juliana S. Faccioli, alunas do curso de mestrado do Programa de Pós Graduação em Psicologia da Universidade Federal de São Carlos, sob orientação da Profa. Dra. Patrícia Waltz Schelini, desenvolvemos nossas dissertações na área da imaginação estudando um construto relativamente novo denominado pensamento contrafactual.

O pensamento contrafactual consiste em representações mentais de versões alternativas para o passado, ou seja, as formas como imaginamos o que poderia ter acontecido em alguma situação já ocorrida, modificando elementos do real para obter fatos diferentes do vivenciado. Nossos trabalhos têm por objetivo avaliar essa capacidade cognitiva em grupos populacionais específicos, quais sejam depressivos e mulheres vítimas de violência doméstica. Para tal, estamos desenvolvendo um método específico para estes estudos, uma vez que ainda não há pesquisas sobre o tema no contexto brasileiro.

Nosso método utiliza histórias ou notícias seguidas de alternativas de modificação que contemplam aspectos descritos na literatura como aqueles que tendem a ser modificados pelos indivíduos quando estes se engajam no pensamento contrafactual.

Os aspectos da realidade mais prontamente modificados são ação, obrigação, razão, tempo e eventos não usuais. Modificações relacionadas à ação acontecem quando as pessoas se arrependem de ações que tenham levado a um desfecho ruim. O mesmo vale para inações, quando estas levam a um desfecho ruim. As pessoas tendem a gerar mais pensamentos contrafactuais quando realizam uma ação, do que quando não realizam. Mudanças em relação à obrigação fazem referência àquilo que é permitido e o que é proibido. Situações proibidas acarretam em obrigações pessoais e sociais. Há uma tendência para a modificação de eventos controláveis e socialmente inapropriados. Modificações relacionadas à razão ocorrem quando há uma relação causal, ou seja, as pessoas identificam um importante fator determinante do evento em sua sequência causal e o modificam. O aspecto temporal refere-se a modificação na sequência temporal dos acontecimentos. Há um foco maior para eventos mais recentes. Eventos não usuais denotam uma falha na normalidade. A modificação desse aspecto refere-se, pois, ao reestabelecimento da normalidade, uma vez que trazê-los de volta a realidade é mais fácil do que ir além da normalidade.

Tendo em vista a necessidade de garantir que as alternativas propostas estejam realmente fazendo referência a um dos aspectos da realidade que tendem a ser modificados, solicitamos sua colaboração na avaliação das mesmas. A capacitação da qual você participou teve por objetivo apresentar o conceito de pensamento contrafactual e dos aspectos da realidade modificados de modo a torna-lo capaz e dar os elementos necessários para que você avalie as alternativas.

Gostaríamos que você categorizasse cada uma das alternativas de cada história/notícia em um dos aspectos da realidade que são modificados e, ainda, avaliasse a clareza das mesmas e das instruções

que estão sendo dadas. Solicitamos que caso haja necessidade você proponha a eliminação de uma ou mais histórias desse material justificando a sua escolha. Sugestões e modificações são bem vindas.

Desde já agradecemos a sua colaboração!

Cordialmente,

Florença Justino  
(*mestranda*)

Juliana Faccioli  
(*mestranda*)

Patrícia Schelini  
(*orientadora*)

## ANEXO 2:

### ATIVIDADE DE TREINO REALIZADA NA CAPACITAÇÃO

#### **Estória 1: O rato, o pássaro e a salsicha**

Era uma vez um rato, um pássaro e uma salsicha, que moravam juntos, em perfeita paz e grande prosperidade. A ocupação do pássaro era voar até a floresta todos os dias e trazer lenha para casa. O rato devia tirar água do poço, acender o fogo e por a mesa. E a salsicha cozinhava. Mas ninguém está contente neste mundo, e há sempre quem queria ter mais. Um dia, o pássaro encontrou outro pássaro no caminho e contou-lhe quais eram suas excelentes condições de vida. O outro pássaro, porém, chamou-o simplório, por trabalhar tanto, enquanto os outros dois levavam vida folgada, sem sair de casa.

Quando o rato acabava de acender o fogo e de tirar a água do poço, recolhia-se para descansar no quartinho, até a hora de por a mesa. A salsicha ficava junto às panelas, vigiando para que a comida ficasse bem feita, e um pouco antes do jantar mexia o caldo ou o ensopado com o próprio corpo, para enriquecer assim o sabor e o perfume do prato que preparara. Então o pássaro chegava, entregava sua carga de lenha, e todos se sentavam à mesa. Depois de uma boa refeição iam dormir à vontade até a manhã seguinte. Era realmente uma vida muito satisfatória.

Mas naquele dia o pássaro chegou em casa com a resolução de que nunca mais ia buscar lenha. Fora, disse ele, um escravo durante bastante tempo. Agora, deviam mudar tudo e fazer novos arranjos. Apesar de tudo quanto o rato e salsicha disseram, o pássaro estava resolvido a fazer o que dizia. Assim tiraram a sorte, e resultou que a salsicha deveria procurar lenha, o rato, cozinhar, e o pássaro tirar água do poço e acender o fogo.

Vejam o que aconteceu: a salsicha foi para o bosque procurar lenha, o pássaro acendeu o fogo e o rato preparou as panelas. Esperaram que a salsicha voltasse trazendo a lenha para o dia seguinte. Mas a salsicha demorou-se tanto que eles pensaram em algum desastre que lhe pudesse ter acontecido e o pássaro percorreu perto do caminho do bosque a fim de ver se conseguia ter notícias dela. Não voou muito, porque logo encontrou um cão que, tendo visto a salsicha no bosque, achava que por justiça aquela presa lhe pertencia, e dera cabo dela. O pássaro fez queixa contra o cão, dizendo tratar-se de clara e patente roubalheira, mas nada adiantou, pois o cão declarou ter encontrado cartas falsas com a salsicha, de forma que ela merecia ser condenada a morte.

O pássaro, então, muito triste, apanhou a lenha e levou-a para casa, contando ao rato tudo quanto vira e ouvira. Ficaram ambos bastante transtornados, mas resolveram olhar para o lado mais otimista das coisas e permanecer juntos. Assim, o pássaro pos a mesa, o rato preparou a comida, e, finalmente, entrou na panela como via a salsicha fazer todos os dias, a fim de mexer o caldo com o próprio corpo. Mas o que aconteceu, foi perder o pêlo, a pele e, finalmente a vida!

Quando o pássaro chegou para servir o jantar, não viu por ali o rato. Remexeu no monte de lenha, procurou, procurou, mas o cozinheiro não apareceu. Ele percebeu que estava sozinho na casa e sozinho ficou.

Categorize cada uma das alternativas de acordo com os aspectos da realidade que são modificados e quanto à sua estrutura:

	Aspectos da realidade					Estrutura		
	Ação	Inação	Obrigaçã	Tempo	Razão	Evento não usual	Ascendente	Descendente
A) O pássaro poderia não ter encontrado o outro pássaro, isso evitaria muitas mudanças ruins em sua vida								
B) O pássaro não deveria ter se recusado a buscar lenha								
C) Quando o pássaro chegou em casa para servir o jantar, a lenha pegou fogo, e o ele apressou-se a ir buscar água para apagá-lo, mas deixou o balde no poço e, querendo apanhar a vasilha, lá se foi atrás dela. Como não conseguisse sair dali, morreu afogado.								
D) Antes de entrar na panela para mexer a comida, o rato poderia ter conferido a temperatura da água								

**ANEXO 3: MATERIAL ENTREGUE PARA A PRIMEIRA AVALIAÇÃO  
FOLHA DE REGISTRO**

**Juiz ou Juíza:** \_\_\_\_\_

Na tabela abaixo, encontram-se as definições de cada aspecto da realidade que pode ser modificado pelo pensamento contrafactual (PC).

<b>Aspecto da realidade</b>	<b>Definição</b>	<b>Exemplo</b>
<b>Ação</b>	Acontece quando as pessoas se arrependem de suas ações ou inações (coisas que deixaram de fazer).	<b>Se meu parente não tivesse tomado a vacina contra SARS, não teria morrido.</b>
<b>Obrigação</b>	Faz referência àquilo que é permitido e o que é proibido. Situações proibidas acarretam em obrigações pessoais e sociais. Há uma tendência para a modificação de eventos controláveis e socialmente inapropriados.	<b>Se ele não tivesse parado para tomar uma cerveja, chegaria em casa a tempo de salvar a mulher.</b>
<b>Razão</b>	Ocorre quando há uma relação causal, ou seja, as pessoas identificam um importante fator que determina um evento em sua sequência causal e o modificam.	<b>Se eu não tivesse deixado a janela do banheiro aberta, o ladrão não teria entrado na casa.</b>
<b>Tempo</b>	Refere-se a modificações feitas na sequência temporal dos acontecimentos. Há um foco maior para eventos mais recentes.	<b>Se Paulo tivesse pegado uma bolinha azul, ele e Estevão teriam ganhado R\$1.000,00.</b>
<b>Evento não usual</b>	Denota uma falha na normalidade (aspectos que fogem da rotina). A modificação desse aspecto refere-se ao reestabelecimento da normalidade.	<b>Se Paulo não tivesse pegado o caminho da costa, para apreciar a vista, não sofreria o acidente.</b>
<b>Ascendente</b>	Pensamentos alternativos que possuem valor positivo e são avaliados como melhores do que a realidade.	<b>Se eu não tivesse dito aquelas coisas difíceis, talvez ainda fôssemos amigos.</b>
<b>Descendente</b>	Pensamentos alternativos que possuem valor negativo e são avaliados como piores à realidade.	<b>Se eu tivesse dito como eu me senti, ela nunca me perdoaria.</b>

Considerando as definições de cada um dos aspectos da realidade que podem ser modificados pelo PC, registre nas tabelas abaixo (assinalando com um X) a sua avaliação quanto a cada uma das alternativas das histórias/notícias apresentadas. Para isso, pense em qual aspecto da realidade da história/notícia a alternativa está modificando. Mais de um aspecto pode estar presente nas alternativas e alguns aspectos não aparecem nas mesmas.



### **Notícia 1 - Dilema da Montanha**

Tudo foi bem para dois amigos, Luiz (25 anos) e Marcos (21 anos), até o 4º dia de escalada de um pico de 6344 metros de altitude. Era 1985 e ninguém, até então, tinha desafiado aquele trecho de 8 quilômetros, dos Andes peruanos.

No primeiro dia, subiram por cascatas de gelo e neve. Como é comum no alpinismo, um estava amarrado ao outro por uma corda, que, em caso de queda, podia ajudar a salvar a vida do parceiro. No segundo dia, enfrentaram avalanches e nevascas e um frio muito intenso. Não parava de nevar e os dois já sentiam um princípio de hipotermia (queda de temperatura corporal). Demoraram 6 horas para percorrer 60 metros. Faltava pouco para chegar, mas já havia escurecido. Então resolveram cavar uma caverna e dormir.

Amanheceu com o tempo bom e alcançaram o topo da montanha. A paisagem era indescritível. Só faltava descer e, em um ou dois dias, estariam de volta ao acampamento. Quando desciam de volta, nuvens começaram a se aproximar rapidamente. Tudo o que enxergavam era um branco sem fim. Em menos de uma hora, estavam perdidos. Escureceu, e o plano de descer no mesmo dia se esvaiu.

Quando voltaram a tentar descer, Luiz caiu. E o impacto quebrou sua perna. “Estou morto”, pensou. Os dois sabiam que Marcos devia deixar Luiz para trás, ou morreria junto. Mas ele ficou e tentou salvar o amigo. Sentava-se num buraco na neve enquanto esperava que Luiz descesse pela corda. E de corda em corda continuaram a descida.

Foi então que Luiz deixou de sentir o chão debaixo de seus pés. Tinha parado sem perceber num precipício, numa fenda gigante que dava para um abismo. Luiz tentou subir pela corda, mas seus dedos já estavam insensíveis. Marcos começava a se desesperar lá do alto, pensava que se Luiz caísse ele caia junto. Ficou mais de uma hora sem saber o que fazer e temendo que fosse arrastado pelo amigo. Foi quando pegou seu canivete e cortou a corda. Luiz caiu abismo adentro. No 5º dia, Marcos, achando que o amigo estava morto, foi embora.

Mas Luiz havia sobrevivido. Tentou subir pela corda, mas, com a perna quebrada, era impossível. Então tomou uma decisão corajosa. Desceu mais para dentro da fenda, na esperança de encontrar outra saída. Se lá embaixo não houvesse nada, ou fosse muito mais fundo do que o comprimento da corda, ele morreria. Mas ali havia uma espécie de rampa, levando a outra saída. E então ele conseguiu alcançar o lado de fora. Ao sair, Luiz viu as pegadas deixadas por Marcos e começou uma jornada de quase 3 dias, rastejando até o acampamento. Assim prosseguiu, desidratado, sem comida, com a pele queimada do sol e do gelo.

Quando conseguiu chegar ao acampamento, Marcos ainda estava lá. Luiz parecia um fantasma, mas conseguira realizar seu desafio. Passados 2 anos e 6 cirurgias, voltou a escalar e não parou mais.

Pense em como os fatos dessa notícia poderiam ser diferentes.

Se você pudesse mudar algo na notícia, qual das alternativas abaixo seria mais próxima com o que você mudaria? Escolha apenas uma alternativa.

Categorize cada uma das alternativas de acordo com os aspectos da realidade que são modificados e quanto a sua forma:	Aspectos da realidade					Forma		
	Ação	Inação	Obrigação	Tempo	Razão	Evento não usual	Ascendente	Descendente
E) Luiz não quebrou a perna, assim, mesmo caindo na fenda, chegou mais rápido ao acampamento.								
F) Marcos não cortou a corda quando Luiz caiu e acabou caindo junto com o amigo.								
G) Marcos não ficou para salvar Luiz quando ele quebrou a perna e, assim, Luiz não conseguiu sobreviver								
H) Quando aconteceu a avalanche, logo no segundo dia, os dois amigos desistiram de escalar o pico e nada disso aconteceu.								

## **Notícia 2 - Renascido para Viver**

“Foi a melhor coisa que aconteceu”, vive dizendo Lauro. Ele não se refere aos prêmios que o tornaram recordista no ciclismo, mas ao câncer que descobriu quando tinha 25 anos. O câncer nos testículos chegou ao pulmão e ao cérebro e o forçou a se aposentar do esporte que já era parte de sua rotina. As chances de recuperação eram de 50%. E as chances de voltar a ser atleta, nulas. Foi então que ele se agarrou a uma idéia: “a dor é temporária”. Pode ser um minuto, uma hora, um dia, um ano e, no final das contas, vai acabar e dar lugar a outra coisa. Já, se eu desistir, durará para sempre.”

Seu corpo já era uma máquina - enquanto maratonistas de elite conseguem usar em média 70 mililitros de oxigênio por segundo a cada quilo de massa corporal, Armstrong usava 85. Mas um atleta não é pura genética. Sobreviver trouxe a ele o que faltava: disciplina e obstinação.

Dois anos depois, o Lauro voltou a pedalar. Bastou mais um ano para vencer os 6630 quilômetros da volta da França, principal prova de ciclismo mundial. De 2000 a 2005 tornou-se o principal vencedor da competição.

Durante esses anos, outro fantasma pairou na sua vida, além do câncer já superado: as suspeitas de doping. Um ex-colega afirmou que ele usava hormônio do crescimento, testosterona e uma droga que turbinava o transporte de oxigênio. Mas os exames deram negativo.

Em 2005 resolveu se aposentar para se dedicar aos 5 filhos – 3 por inseminação artificial, com o sêmen congelado antes da quimioterapia e dois que vieram naturalmente, apesar de isso ser considerado raro em quem faz esse tipo de tratamento. Em 2009, com 37 anos, disputou a volta da França novamente. Ficou em 3º lugar. Só em 2011, quase aos 40, decidiu se aposentar de vez, feliz com o modo como sua carreira começou e terminou.

Pense em como os fatos dessa notícia poderiam ser diferentes.

Se você pudesse mudar algo na notícia, qual das alternativas abaixo seria mais próxima com o que você mudaria? Escolha apenas uma alternativa.

Categorize cada uma das alternativas de acordo com os aspectos da realidade que são modificados e quanto a sua forma:

	Aspectos da realidade					Forma		
	Ação	Inação	Obrigação	Tempo	Razão	Evento não usual	Ascendente	Descendente
E) O ex-colega de Lauro não fez a denúncia de doping e ele não teve que enfrentar mais esse problema na sua vida.								
F) Lauro descobriu o câncer bem no início de sua carreira e não conseguiu enfrentar a doença com tanta determinação.								
G) Lauro não se agarrou a ideia de que a dor é temporária e não conseguiu enfrentar o câncer com tanta garra.								
H) O tratamento comprometeu sua fertilidade e ele não conseguiu ter filhos.								

### **Notícia 3 - A vida depois do corredor da morte**

Antônio, nascido no Equador, filho de um espanhol e uma equatoriana, morava nos Estados Unidos (Flórida), e, aos 26 anos, era empresário, tinha carro esportivo, casa na praia e uma segunda esposa. Num dia, que voltava da casa da ex-mulher, seu carro foi cercado por quatro viaturas da polícia, enquanto helicópteros o acompanhavam do alto. Os policiais buscavam-no pela morte de um rapaz, traficante de drogas e filho do chefe do escritório de provas do xerife da cidade e sua noiva, uma dançarina de strip-tease. Meteram-no numa cela, sem qualquer explicação.

O crime tinha acontecido dois anos antes, e 11 suspeitos já haviam sido detidos, sem conclusão definitiva. A polícia não sabia mais como resolver o caso, quando a ex-mulher de Antônio – que estava a ponto de perder a custódias das 2 filhas para ele – resolveu denunciá-lo, dizendo que ele cometera o crime.

O traficante de drogas morto trabalhou na mesma empresa que Antônio, anos antes, mas eles não mantiveram qualquer vínculo após a saída da empresa. Faltava, portanto, algum motivo aparente para o crime. Além disso, as impressões digitais e o DNA coletado na cena do crime não eram dele. A única prova que a polícia apresentava era uma filmagem de Antonio com a ex-mulher, gravada por ela mesma, em que ele supostamente confessava ter cometido o crime. A gravação era de péssima qualidade, e quem transcreveu foi o próprio xerife, pai de uma das vítimas, que tinha oferecido dez mil dólares como recompensa a quem achasse o criminoso. Além da fita, havia o testemunho da ex-mulher, dos policiais envolvidos no caso e de colegas de cela que receberam a oferta de redução de pena em troca da denúncia.

Antônio acabou acusado, sentenciado a pena de morte. Ao se despedirem dele, seus pais prometeram tirá-lo de lá. Foi o que lhe deu forças para seguir em frente. Nos primeiros 30 dias na prisão, sem poder receber visitas, Antônio começou a duvidar que seu caso pudesse ter solução. Passou cinco anos preso. Viu oito pessoas serem mortas. Delas, três foram logo na primeira semana para a cadeira elétrica. Depois disso, o governo da Flórida passou a fazer as execuções com uma injeção letal, menos dolorosa. De sua cela, via os condenados caminhando para a execução. Choravam e tremiam no percurso. Viu morrerem pessoas que depois foram inocentadas. Viu pessoas ficarem loucas. E ele próprio achou que perderia a razão.

O que lhe deu esperança foi a visita frequente dos pais e a luta para que ele saísse de lá. Recorreram a jornais, ao governo, a partidos políticos, entre outros, para conseguir dinheiro para pagar um bom advogado. Foram apoiados pelo Parlamento Europeu, pelo Senado Italiano, pelo rei da Espanha e pelo Papa João Paulo II.

Em 2000, o novo advogado apelou para um novo julgamento, alegando manipulação de provas e de testemunhos. A gravação foi considerada inválida, por ser inaudível. A ex-mulher alterou seu depoimento, assim como outras testemunhas. O pai da vítima, que havia transcrito a gravação admitiu que era uma falsificação. Quando o dia do julgamento chegou, a acusação ainda pedia prisão perpétua.

Os promotores propuseram uma redução na pena, se Antônio confessasse o crime. Ele não confessou. Um ano depois, o júri declarou que Antônio estava livre, por falta de provas. Hoje, Antônio atua como militante, contra a prática de pena de morte, que ainda é permitida em 57 países dos Estados Unidos.

Pense em como os fatos dessa notícia poderiam ser diferentes.

Se você pudesse mudar algo na notícia, qual das alternativas abaixo seria mais próxima com o que você mudaria? Escolha apenas uma alternativa.

Categorize cada uma das alternativas de acordo com os aspectos da realidade que são modificados e quanto a sua forma:

	Aspectos da realidade						Forma	
	Ação	Inação	Obrigação	Tempo	Razão	Evento não usual	Ascendente	Descendente
A) Os pais de Antônio não conseguiram inocenta-lo e ele foi morto assim como outras pessoas inocentes.								
B) O filho do xerife não foi assassinado e, por isso, nenhuma denúncia foi feita contra Antônio.								
C) Antônio não passou pelo corredor da morte e hoje não luta contra a pena de morte.								
D) O xerife declarou que a gravação era falsa logo em seguida a denúncia e Antônio não ficou preso por tanto tempo.								

#### **Notícia 4 - O encantador de platéias**

“Um cantor de concerto com 1,29m de altura, sem as articulações do joelho, sem braços ou coxas, com apenas quatro dedos na mão direita e três na esquerda”. É assim que Thomas descreve a si mesmo. O cantor foi uma das vítimas da talidomida (medicamento que no início dos anos 60 levou ao nascimento de mais de 10 mil bebês com malformação ou ausência de membros). Mas Thomas não deixa que sua deficiência física o leve a ter pena de si mesmo.

“Quando era pequeno e esperava minha mãe do lado de fora de uma loja, alguns pedestres diziam que eu tinha sido amaldiçoado por uma bruxa. Isso fica com você. Mas agora, eu uso essa experiência no meu canto. Então, acaba sendo uma vantagem”, diz. “Se eu não puder rir de mim mesmo, estarei perdido”.

Na escola, o adolescente respondia a todo tipo de provocação com alguma piada – e assim, de aberração ele se tornou popular entre os colegas. Não havia dúvidas de que seu maior talento era música, mas a tentativa de entrar para um conservatório musical foi frustrada. Para estudar canto, precisava também tocar piano, o que é impossível sem os braços. Mas o jovem não se deixou abalar. Seu pai contratou um professor particular, que o treinou tanto para o jazz quanto para a música erudita.

Thomas chegou a cogitar seguir carreira de advogado, mas logo abandonou a faculdade de direito para trabalhar como locutor de rádio e cantar com o irmão em igrejas e clubes de jazz. Aos 24 anos, venceu uma grande competição de canto. Thomas focou sua carreira em canções para voz e piano e sua potente voz transformou um gênero inicialmente criado para recitais íntimos em uma arte executada em grandes salas de concerto. Hoje, o cantor é famoso pelo que faz e tem sua agenda cheia de apresentações.

Pense em como os fatos dessa notícia poderiam ser diferentes.

Se você pudesse mudar algo na notícia, qual das alternativas abaixo seria mais próxima com o que você mudaria? Escolha apenas uma alternativa.

Categorize cada uma das alternativas de acordo com os aspectos da realidade que são modificados e quanto a sua forma:	Aspectos da realidade						Forma	
	Ação	Inação	Obrigaçã	Tempo	Razão	Evento não usual	Ascendente	Descendente
A) Thomas foi aceito no conservatório musical, mesmo sem poder tocar piano.								
B) Thomas não teve a doença e seguiu a carreira de músico normalmente.								
C) Thomas nasceu depois da descoberta das consequências da talidomida e não teve a deficiência.								
D) Thomas não levou seu problema “rindo de si mesmo” e não conseguiu chegar aonde chegou.								



### **Notícia 5 - Celular e elevador salvaram ajudante de obras de desabamento no Rio**

“Foi esse telefone que me salvou”, disse o ajudante de obras Alexandre, mostrando o celular que tocou assim que ele saiu do hospital, após receber alta. Alexandre é um dos sobreviventes do desabamento de três edifícios no centro do Rio de Janeiro. “Quando olhei pela janela, comecei a ver o reboco caindo. A primeira coisa que pensei foi em entrar no elevador”, contou o moço, que trabalhava em uma obra no 9º andar do Edifício Liberdade. “Quando entrei, o elevador despencou. Só pensava na minha família e que iria morrer”, diz.

De dentro do elevador, Alexandre conta que ligava para um amigo, que estava fora do prédio. “De dez em dez minutos eu falava com ele”, lembra. “Até que ele me colocou para falar com um dos bombeiros”, diz. O ajudante de obras levou duas horas até ser resgatado. “Não tive um machucado, nem um arranhão”, disse, na saída do hospital.

O ajudante de obras conta que, por volta das 21h de quarta-feira, chegou ao 9º andar do edifício, onde trabalhava em uma pintura. “O prédio parecia estar desmanchando. Começou a cair de cima para baixo”, recorda, antes de voltar correndo para dentro do elevador.

“Os bombeiros gritavam: ‘Tem alguém aí?’ E eu respondia, de dentro do elevador: ‘Estou aqui!’”, conta. “Quando me acharam, cortaram um ferro na parte de cima do elevador. Eu, que sou magrinho, consegui sair por ali”, recorda. “Quando me pegaram, já me deram uma máscara para eu respirar melhor. Eu estava calmo”, complementa.

Alexandre afirmou que não sentiu cheiro de gás em nenhum momento durante o tempo em que participou da obra no 9º andar. “Também não ouvi nenhuma explosão, somente o barulho do prédio caindo”, acrescentou. “É difícil explicar o que aconteceu”, disse. “Eu pedi muito a Deus. Orei muito. Tenho quatro filhos e minha esposa, e agora só quero abraçá-los. Além do meu aniversário, agora tenho que comemorar o dia de ontem, quando nasci de novo”, concluiu com um sorriso.

Pense em como os fatos dessa notícia poderiam ser diferentes.

Se você pudesse mudar algo na notícia, qual das alternativas abaixo seria mais próxima com o que você mudaria? Escolha apenas uma alternativa.

Categorize cada uma das alternativas de acordo com os aspectos da realidade que são modificados e quanto a sua forma:

	Aspectos da realidade						Forma	
	Ação	Inação	Obrigaçã	Tempo	Razão	Evento não usual	Ascendente	Descendente
E) Alexandre chegou ao prédio 10 minutos depois do desabamento.								
F) Alexandre não conseguiu falar com o amigo pelo celular e não foi encontrado pelos bombeiros.								
G) O amigo de Alexandre não o colocou para falar com os bombeiros e ele não foi encontrado com vida.								
H) Alexandre era gordinho e não conseguiu passar pela fenda dos cabos do elevador.								

**Responda às seguintes questões:**

1) Você acha que as instruções estão claras?

---

---

---

2) Você faria alguma modificação em palavras ou frases?

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

3) Dentre as notícias lidas, há alguma (ou algumas) que você eliminaria? Justifique.

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

## **ANEXO 4: PRIMEIRA VERSÃO DOS CENÁRIOS DE ESTUDOS ADAPTADOS DA LITERATURA**

### **Cenário 1**

Uma grande amiga sua, que é um pouco tímida com rapazes, te convida para ir com ela e com um rapaz, o João, a uma festa. Como de costume, você aceita o convite. Ultimamente, sua amiga e João estão passando muito tempo juntos, porém, esta foi a primeira vez que eles combinaram de sair à noite. Antes de saírem, sua amiga te conta que está perdidamente apaixonada por ele.

Durante a festa, você percebe que João é muito atraente e, além disso, está interessado em você, e isso te agrada muito. No fim da noite, sem pensar, você passa o seu número de telefone para ele. Quando chega o fim de semana, João telefona e te convida para jantar. Você acaba aceitando o convite. Pouco antes de você sair de casa, sua amiga telefona e conta chorando que João evitou falar com ela durante toda a semana e cancelou a ida ao cinema que haviam combinado antes da festa porque tinha muita coisa para fazer.

Adaptada de Juhos, C.; Quelhas, A. C.; Senos, J (2003)

### **Cenário 2**

Ao sair do trabalho, pelo caminho de sempre, Daniel chega muito tarde em casa por conta de uma série de eventos que acontecem em seu caminho. Primeiro, encontra uma árvore muito grande que havia caído e bloqueado a rua que levava até sua casa. Vendo a rua bloqueada, Daniel resolve mudar o caminho e vira a esquina para fugir do trânsito. Ao mudar sua rota, Daniel encontra um amigo indo para um bar e resolve parar para tomar uma cerveja. Após 20 minutos, Daniel volta a seguir o caminho de casa. Quando finalmente está indo para casa, é surpreendido por um ataque de asma e tem que parar por mais tempo até voltar a respirar normalmente. Quando chega em casa, encontra sua filha desesperada dizendo que sua esposa foi levada ao hospital pelos vizinhos porque tinha sofrido um ataque cardíaco há alguns minutos atrás.

Adaptada de Byrne, R. (2005).

**ANEXO 5: MATERIAL PARA QUARTA AVALIAÇÃO DOS JUÍZES**  
**FOLHA DE REGISTRO – AVALIAÇÃO 4**

**Juiz ou Juíza:** \_\_\_\_\_

Na tabela abaixo, encontram-se as definições de cada aspecto da realidade que pode ser modificado pelo pensamento contrafactual (PC). Por favor, repare que algumas definições foram ligeiramente modificadas para facilitar a compreensão. As modificações estão em vermelho.

<b>Aspecto da realidade</b>	<b>Definição</b>	<b>Exemplo</b>
<b>Ação/ Inação</b>	Acontece quando as pessoas se arrependem de suas ações ou inações (coisas que deixaram de fazer).	<b>Se meu parente não tivesse tomado a vacina contra SARS, não teria morrido.</b>
<b>Obrigação</b>	Faz referência àquilo que é permitido e o que é proibido de acordo com as normas sociais. Há uma tendência para a modificação de eventos controláveis e socialmente inapropriados.	<b>Se eu não tivesse pego o carro do meu amigo sem autorização, ele poderia ter levado a mãe ao hospital.</b>
<b>Tempo</b>	Refere-se a modificações feitas na sequência temporal dos acontecimentos.	<b>Se eu tivesse saído uma hora depois de casa, não teria tomado chuva.</b>
<b>Evento não usual</b>	Refere-se a aspectos que fogem da rotina, que não são usuais ao cotidiano da pessoa. A modificação desse aspecto refere-se ao reestabelecimento da normalidade.	<b>Se Paulo não tivesse pegado o caminho da costa, para apreciar a vista, não sofreria o acidente.</b>

Considerando as definições de cada um dos aspectos da realidade que podem ser modificados pelo PC, registre nas tabelas abaixo (assinalando com um X) a sua avaliação quanto a cada uma das alternativas das histórias apresentadas. Para isso, pense em qual aspecto da realidade da história a alternativa está modificando. Mais de um aspecto pode estar presente nas alternativas e alguns aspectos não aparecem nas mesmas.

Importante:

- 1) A maioria, senão todas as alternativas propostas envolvem mudança em ações/inações, portanto, pedimos que sempre que possível você assinale mais uma opção de classificação diferente do aspecto ação/inação.
- 2) Nesta etapa da avaliação, pedimos que você classifique apenas as alternativas cuja linha na tabela não está preenchida. Essas alternativas correspondem às que ainda não atingiram o nível de concordância desejado.
- 3) Além de algumas mudanças nas alternativas, aprimoramos partes dos textos das histórias, por isso, pedimos que a avaliação seja feita com cautela!

#### **ESTÓRIA 4 - Renascido para Viver**

“Foi a melhor coisa que aconteceu”, vive dizendo Lauro. Ele não se refere aos prêmios que o tornaram recordista no ciclismo, mas ao câncer que descobriu quando tinha 25 anos. O câncer nos testículos chegou ao pulmão e ao cérebro e o forçou a se aposentar do esporte que já era parte de sua rotina. As chances de recuperação eram de 50% e, as chances de voltar a ser atleta, nulas. Foi então que ele se agarrou a uma ideia: “a dor que sinto é temporária. Pode ser um minuto, uma hora, um dia, um ano e, no final das contas, vai acabar e dar lugar a outra coisa. Já, se eu desistir, durará para sempre”.

Seu corpo já era uma máquina – enquanto os melhores maratonistas conseguem usar em média 70 mililitros de oxigênio por segundo a cada quilo de massa corporal, Lauro usava 85. Mas um atleta não é pura genética, sobreviver trouxe a ele o que faltava: disciplina e obstinação.

Dois anos depois, Lauro mostrou que não costuma desanimar frente aos desafios e voltou a pedalar. Bastou mais um ano para vencer os 6630 quilômetros da volta da França, principal prova de ciclismo mundial. De 2000 a 2005 tornou-se o principal vencedor dessa competição.

Durante esses anos, outro fantasma pairou na sua vida, além do câncer já superado, um ex-colega afirmou que ele usava hormônio do crescimento, testosterona e uma droga que turbina o transporte de oxigênio. Porém, os exames deram negativo e mesmo após as acusações de doping, Lauro participou da corrida mais importante da França, ganhando o prêmio por sete vezes consecutivas.

Em 2005 resolveu se aposentar para se dedicar aos 5 filhos – 3 por inseminação artificial, com o sêmen congelado antes da quimioterapia e dois que vieram naturalmente, apesar de isso ser considerado raro em quem faz esse tipo de tratamento. Em 2009, com 37 anos, disputou a volta da França novamente, ficando em 3º lugar. Só em 2011, quase aos 40, decidiu se aposentar de vez, feliz com o modo como sua carreira começou e terminou.

Adaptado da Revista Super Interessante. Edição Especial. Dez/2011

**Categorize cada uma das alternativas de acordo com os aspectos da realidade que são modificados:**

	Aspectos da realidade			
	Ação/ Inação	Obrigação	Tempo	Evento não usual
A) O ex-colega de Lauro não teria feito a denúncia de doping e ele não teria que enfrentar mais esse problema na sua vida.				
B) Logo no início de sua carreira, Lauro descobriria o câncer e não conseguiria enfrentar a doença com tanta determinao.				
C) Os exames de doping teriam dado positivo e, desobedecendo às ordens do comitê esportivo, Lauro continuaria a correr.				
D) Diferente do que costumava acontecer na vida de Lauro, ele teria resolvido desistir do esporte e não teria participado de corridas na França.				

## **ESTÓRIA 5 - Celular e elevador salvaram ajudante de obras de desabamento no Rio**

“Foi esse telefone que me salvou”, disse o ajudante de obras Alexandre, mostrando o celular que tocou assim que ele saiu do hospital, após receber alta. Alexandre é um dos sobreviventes do desabamento de três edifícios no centro do Rio de Janeiro. “Quando olhei pela janela, comecei a ver o reboco caindo. A primeira coisa que pensei foi em entrar no elevador”, contou o moço, que trabalhava em uma obra no 9º andar do Edifício Liberdade. “Quando entrei, o elevador despencou. Só pensava na minha família e que iria morrer”, diz.

De dentro do elevador, Alexandre conta que ligava para um amigo, que estava fora do prédio. “De dez em dez minutos eu falava com ele”, lembra. “Até que ele me colocou para falar com um dos bombeiros”, diz. O ajudante de obras levou duas horas até ser resgatado. “Não tive um machucado, nem um arranhão”, disse, na saída do hospital.

O ajudante de obras conta que, por volta das 21h de quarta-feira, chegou ao 9º andar do edifício, onde trabalhava em uma pintura. “O prédio parecia estar desmanchando. Começou a cair de cima para baixo”, recorda, antes de voltar correndo para dentro do elevador.

“Os bombeiros gritavam: ‘Tem alguém aí?’ E eu respondia, de dentro do elevador: ‘Estou aqui!’”, conta. Ao ouvir a resposta de Alexandre os bombeiros se empenharam ainda mais para tirá-lo de lá. “Quando me acharam, cortaram um ferro na parte de cima do elevador. É diferente usar a passagem dos cabos do elevador como saída, mas eu, que sou magrinho, consegui sair por ali”, recorda. “Quando me pegaram, já me deram uma máscara para eu respirar melhor. Eu estava calmo”, complementa.

Alexandre afirmou que não sentiu cheiro de gás em nenhum momento durante o tempo em que participou da obra no 9º andar. “Também não ouvi nenhuma explosão, somente o barulho do prédio caindo”, acrescentou. “É difícil explicar o que aconteceu”, disse. “Eu pedi muito a Deus. Orei muito. Tenho quatro filhos e minha esposa, e agora só quero abraçá-los. Além do meu aniversário, agora tenho que comemorar o dia de ontem, quando nasci de novo”, concluiu com um sorriso.



**Categorize cada uma das alternativas de acordo com os aspectos da realidade que são modificados:**

	<b>Aspectos da realidade</b>			
	<b>Ação/ Inação</b>	<b>Obrigação</b>	<b>Tempo</b>	<b>Evento não usual</b>
A) Alexandre chegaria ao prédio 10 minutos depois do desabamento e não sofreria o acidente.				
B) Alguém teria visto, conferido e corrigido o erro na construção e o desabamento não teria ocorrido.				
C) Os bombeiros, mesmo ouvindo os gritos vindos do elevador, ignorariam o chamado de Alexandre.				
D) Apesar de inúmeros erros na obra, o prédio não desabaria.				

## **ANEXO 6 : VERSÃO FINAL DO MATERIAL**

**INSTRUÇÕES:** Essa atividade busca entender como pessoas pensam sobre estórias que realmente aconteceram e como imaginam formas de deixá-las diferentes. Para isso serão apresentados 2 cenários e 3 notícias de jornais e revistas. Você deverá ler cada uma das estórias e, em seguida, responder às questões. Quando for pedido para escolher uma alternativa lembre-se que não existe resposta certa ou errada. Escolha a resposta (alternativa) com que você concorda mais.

### **ESTÓRIA 1: A Tentação**

Uma grande amiga sua, que é um pouco tímida com rapazes, te convida para ir com ela e com um rapaz, o João, a uma festa. Como de costume, você aceita o convite. Ultimamente, sua amiga e João estão passando muito tempo juntos, porém, esta foi a primeira vez que eles combinaram de sair à noite. Antes de saírem, sua amiga te conta que está perdidamente apaixonada por ele.

Durante a festa, você percebe que João é muito atraente e, além disso, está interessado em você, e isso te agrada muito. No fim da noite, sem pensar, você passa o seu número de telefone para ele. Quando chega o fim de semana, João telefona e te convida para jantar. Você acaba aceitando o convite. Pouco antes de você sair de casa, sua amiga telefona e conta chorando que João evitou falar com ela durante toda a semana e cancelou a ida ao cinema que haviam combinado antes da festa porque tinha muita coisa para fazer.

Adaptada de Juhos, C.; Quelhas, A. C.; Senos, J (2003)

### ESTÓRIA 1: A TENTAÇÃO

Enquanto você lia a estória, ocorreu algum pensamento sobre o que estava lendo? Se sim, escreva-os abaixo.

Como você se sentiu ao ler a estória?

Tente se colocar no lugar da narradora da estória. Se você fosse a pessoa que está contando, como acha que se sentiria com essa situação?

Imagine se essa situação acontecesse com você. As pessoas, após passarem por situações como essas, têm, frequentemente, pensamentos sobre como as coisas poderiam ter acontecido de outra maneira.

Se você passasse pela mesma situação, será que pensaria em alguma coisa diferente em relação ao que aconteceu? Pense o que poderia ser diferente para que a história tenha um fim diferente. Se você pudesse mudar alguma coisa nessa situação, o que mudaria?

Como você se sentiu com as mudanças feitas?

Você achou que as mudanças deixaram a estória:

( ) melhor                      ( ) pior

Ainda se colocando no lugar da narradora, qual das alternativas abaixo seria mais próxima com aquilo que você mudaria? Escolha apenas uma alternativa.

- a) Eu não teria ido à festa e nem conheceria o João.
- b) Eu não teria dado meu número de telefone para o paquera de minha amiga.
- c) João me convidaria para sair antes da minha amiga contar que estava apaixonada por ele.
- d) Eu não teria saído com minha amiga, como sempre fazia, e não teria conhecido João.

Como você se sentiu com a mudança feita?

Como acha que a narradora se sentiria se pensasse dessa forma?  
Você achou que essa nova mudança deixou a estória:

( ) Melhor                      ( ) Pior

## **ESTÓRIA 2 - No caminho de casa**

Ao sair do trabalho, pelo caminho de sempre, Daniel chega muito tarde em casa por conta de uma série de eventos que acontecem em seu caminho. Primeiro, encontra uma árvore muito grande que havia caído e bloqueado a rua que levava até sua casa.

Vendo a rua bloqueada, Daniel resolve mudar o caminho e vira a esquina para fugir do trânsito. Ao mudar sua rota, Daniel encontra um amigo indo para um bar e resolve parar para tomar uma cerveja. Após 20 minutos, Daniel volta a seguir o caminho de casa. Quando finalmente está indo para casa, é surpreendido por um ataque de asma e tem que parar por mais tempo até voltar a respirar normalmente. Quando chega em casa, encontra sua filha desesperada dizendo que sua esposa foi levada ao hospital pelos vizinhos porque tinha sofrido um ataque cardíaco há alguns minutos atrás.

Adaptada de Byrne, R. (2005).

## ESTÓRIA 2 - No caminho de casa

Enquanto você lia a estória, ocorreu algum pensamento sobre o que estava lendo? Se sim, escreva-os abaixo.

Como você se sentiu ao ler a estória?

Tente se colocar no lugar de Daniel. Se você fosse ele, como acha que se sentiria com essa situação?

Se você passasse pela mesma situação, será que, depois do ocorrido, pensaria em alguma coisa diferente em relação ao que aconteceu? Como os fatos dessa estória poderiam ser diferentes? Se você pudesse mudar algum aspecto em como as coisas aconteceram na estória, o que mudaria?

Como você se sentiu com as mudanças feitas?

Você achou que as mudanças deixaram a estória:

( ) melhor                      ( ) pior

Ainda se colocando no lugar de Daniel, qual das alternativas abaixo seria mais próxima com aquilo que você mudaria? Escolha apenas uma alternativa.

- a) Daniel sairia uma hora antes do trabalho.
- b) Daniel não pararia para tomar cerveja e chegaria em casa a tempo de levar a esposa ao hospital.
- c) Daniel resolveria pegar um caminho diferente do habitual naquele dia e não chegaria tarde em casa.
- d) Daniel não pararia o carro por causa do ataque de asma.

Como você se sentiu com a mudança feita?

Como acha que Daniel se sentiria se pensasse dessa forma?

Você achou que essa nova mudança deixou a estória:

( ) Melhor                      ( ) Pior

### ESTÓRIA 3 - Dilema da Montanha

Até o quarto dia de escalada de Luiz e Marcos estava tudo bem. Os colegas estavam amarrados um ao outro por uma corda, que, em caso de queda, podia ajudar a salvar a vida do parceiro. Após enfrentar avalanches, nevascas, frio intenso e queda da temperatura corporal nos dois primeiros dias, o terceiro dia de escalada amanheceu com o tempo bom e eles conseguiram alcançar o topo da montanha.

Só faltava descer e, em um ou dois dias, estariam de volta ao acampamento. Quando desciam de volta, nuvens começaram a se aproximar rapidamente, era uma avalanche enorme se aproximando. Tudo o que enxergavam era um branco sem fim e em menos de uma hora, estavam perdidos. Escureceu, e o plano de descer no mesmo dia não deu certo.

Quando voltaram a tentar descer, Luiz caiu e o impacto quebrou sua perna. Marcos devia deixar o amigo para trás, ou morreria junto, mas ele ficou e tentou salvar o amigo. Sentava-se num buraco na neve enquanto esperava que Luiz descesse pela corda. E de corda em corda continuaram a descida.

Foi então que Luiz sem perceber caiu em um precipício, numa fenda gigante que dava para um abismo. Ficou preso pela corda que estava amarrada a Marcos e, numa tentativa de se salvar, tentou subir pela corda que o prendia, mas não conseguiu. Marcos começava a se desesperar lá do alto, pensava que se Luiz caísse ele cairia junto. Ficou mais de uma hora sem saber o que fazer e temendo que fosse arrastado pelo amigo. Foi então que Marcos resolveu cortar a corda, deixando Luiz cair no abismo e, por achar que o amigo estava morto, foi embora.

Luiz havia sobrevivido, mas com a perna quebrada era impossível subir pela corda. Então tomou uma decisão corajosa: desceu mais para dentro da fenda, na esperança de encontrar outra saída. Ali encontrou uma espécie de rampa, que levava a outra saída. Ao sair, Luiz viu as pegadas deixadas por Marcos e começou uma jornada de quase 3 dias, rastejando até o acampamento, desidratado, sem comida e com a pele queimada do sol e do gelo.

Quando conseguiu chegar ao acampamento, Marcos ainda estava lá. Passados 2 anos e 6 cirurgias, voltou a escalar e não parou mais.

Adaptado da Revista Super Interessante. Edição Especial. Dez/2011

### ESTÓRIA 3 - Dilema da Montanha

Enquanto você lia a estória, ocorreu algum pensamento sobre o que estava lendo? Se sim, escreva-os abaixo.

Como você se sentiu ao ler a estória?

Tente se colocar no lugar dos escaladores. Se você fosse eles, como acha que se sentiria com essa situação?

Se você passasse pela mesma situação, será que, depois do ocorrido, pensaria em alguma coisa diferente em relação ao que aconteceu? Como os fatos dessa estória poderiam ser diferentes? Se você pudesse mudar algum aspecto em como as coisas aconteceram na estória, o que mudaria?

Como você se sentiu com as mudanças feitas?

Você achou que as mudanças deixaram a estória:

( ) melhor

( ) pior

Ainda se colocando no lugar dos escaladores, qual das alternativas abaixo seria mais próxima com aquilo que você mudaria? Escolha apenas uma alternativa.

- a) Mesmo caindo na fenda, Luiz não quebraria a perna e chegaria mais rápido ao acampamento.
- b) Marcos não cortaria a corda que o ligava a Luiz e acabaria caindo junto com o amigo.
- c) Marcos não ficaria para salvar Luiz quando ele quebrasse a perna e, assim, Luiz não conseguiria sobreviver.
- d) A avalanche aconteceria logo no primeiro dia e os dois amigos desistiriam de escalar o pico.

Como você se sentiu com a mudança feita?

Como acha que os escaladores se sentiriam se pensassem dessa forma?

Você achou que essa nova mudança deixou a estória:

( ) Melhor

( ) Pior

#### **ESTÓRIA 4 - Renascido para Viver**

“Foi a melhor coisa que aconteceu”, vive dizendo Lauro. Ele não se refere aos prêmios que o tornaram recordista no ciclismo, mas ao câncer que descobriu quando tinha 25 anos. O câncer nos testículos chegou ao pulmão e ao cérebro e o forçou a se aposentar do esporte que já era parte de sua rotina. As chances de recuperação eram de 50% e, as chances de voltar a ser atleta, nulas. Foi então que ele se agarrou a uma ideia: “a dor que sinto é temporária. Pode ser um minuto, uma hora, um dia, um ano e, no final das contas, vai acabar e dar lugar a outra coisa. Já, se eu desistir, durará para sempre”.

Seu corpo já era uma máquina – enquanto os melhores maratonistas conseguem usar em média 70 mililitros de oxigênio por segundo a cada quilo de massa corporal, Lauro usava 85. Mas um atleta não é pura genética, sobreviver trouxe a ele o que faltava: disciplina e obstinação.

Dois anos depois, Lauro mostrou que não costuma desanimar frente aos desafios e voltou a pedalar. Bastou mais um ano para vencer os 6630 quilômetros da volta da França, principal prova de ciclismo mundial. De 2000 a 2005 tornou-se o principal vencedor dessa competição.

Durante esses anos, outro fantasma pairou na sua vida, além do câncer já superado, um ex-colega afirmou que ele usava hormônio do crescimento, testosterona e uma droga que melhora o transporte de oxigênio. Porém, os exames deram negativo e mesmo após as acusações de doping, Lauro participou da corrida mais importante da França, ganhando o prêmio por sete vezes consecutivas.

Em 2005 resolveu se aposentar para se dedicar aos 5 filhos – 3 por inseminação artificial, com o sêmen congelado antes da quimioterapia e dois que vieram naturalmente, apesar de isso ser considerado raro em quem faz esse tipo de tratamento. Em 2009, com 37 anos, disputou a volta da França novamente, ficando em 3º lugar. Só em 2011, quase aos 40, decidiu se aposentar de vez, feliz com o modo como sua carreira começou e terminou.

Adaptado da Revista Super Interessante. Edição Especial. Dez/2011



## ESTÓRIA 4 - Renascido para Viver

Enquanto você lia a estória, ocorreu algum pensamento sobre o que estava lendo? Se sim, escreva-os abaixo.

Como você se sentiu ao ler a estória?

Tente se colocar no lugar de Lauro. Se você fosse ele, como acha que se sentiria com essa situação?

Se você passasse pela mesma situação, será que, depois do ocorrido, pensaria em alguma coisa diferente em relação ao que aconteceu? Como os fatos dessa estória poderiam ser diferentes? Se você pudesse mudar algum aspecto em como as coisas aconteceram na estória, o que mudaria?

Como você se sentiu com as mudanças feitas?

Você achou que as mudanças deixaram a estória:

( ) melhor

( ) pior

Ainda se colocando no lugar de Lauro, qual das alternativas abaixo seria mais próxima com aquilo que você mudaria? Escolha apenas uma alternativa.

- a) O ex-colega de Lauro não teria feito a denúncia de doping e ele não teria que enfrentar mais esse problema na sua vida.
- b) Logo no início de sua carreira, Lauro descobriria o câncer e não conseguiria enfrentar a doença com tanta determinação.
- c) Os exames de doping teriam dado positivo e, desobedecendo às ordens do comitê esportivo, Lauro continuaria a correr.
- d) Diferente do que costumava acontecer na vida de Lauro, ele teria resolvido desistir do esporte e não teria participado de corridas na França.

Como você se sentiu com a mudança feita?

Como acha que Lauro se sentiria se pensasse dessa forma?

Você achou que essa nova mudança deixou a estória:

( ) Melhor

( ) Pior

## **ESTÓRIA 5 - Celular e elevador salvaram ajudante de obras de desabamento no Rio**

“Foi esse telefone que me salvou”, disse o ajudante de obras Alexandre, mostrando o celular que tocou assim que ele saiu do hospital, após receber alta.

Alexandre é um dos sobreviventes do desabamento de três edifícios no centro do Rio de Janeiro. “Quando olhei pela janela, comecei a ver o reboco caindo. A primeira coisa que pensei foi em entrar no elevador”, contou o moço, que trabalhava em uma obra no 9º andar do Edifício. “Quando entrei, o elevador despencou. Só pensava na minha família e que iria morrer”, diz.

De dentro do elevador, Alexandre conta que ligava para um amigo, que estava fora do prédio. “De dez em dez minutos eu falava com ele”, lembra. “Até que ele me colocou para falar com um dos bombeiros”, diz. O ajudante de obras levou duas horas até ser resgatado, sem nenhum arranhão.

“Os bombeiros gritavam: ‘Tem alguém aí?’ E eu respondia, de dentro do elevador: ‘Estou aqui!’”, conta. Ao ouvir a resposta de Alexandre os bombeiros se empenharam ainda mais para tirá-lo de lá. “Quando me acharam, cortaram um ferro na parte de cima do elevador. É diferente usar a passagem dos cabos do elevador como saída, mas eu, que sou magrinho, consegui sair por ali”, recorda. “Quando me pegaram, já me deram uma máscara para eu respirar melhor. Eu estava calmo”, complementa.

Alexandre afirmou que não sentiu cheiro de gás em nenhum momento durante o tempo em que participou da obra no 9º andar. “Também não ouvi nenhum explosão, somente o barulho do prédio caindo”, acrescentou. “É difícil explicar o que aconteceu”, disse. “Eu pedi muito a Deus. Orei muito. Tenho quatro filhos e minha esposa, e agora só quero abraçá-los. Além do meu aniversário, agora tenho que comemorar o dia de ontem, quando nasci de novo”, concluiu com um sorriso.

Adaptada de: <http://g1.globo.com/rio-de-janeiro/noticia/2012/01/celular-e-elevador-salvaram-ajudante-de-obras-de-desabamento-no-rio.html>

Recuperada em 26 de janeiro de 2012.

### **ESTÓRIA 5 - Celular e elevador salvaram ajudante de obras no Rio**

Enquanto você lia a estória, ocorreu algum pensamento sobre o que estava lendo? Se sim, escreva-os abaixo.

Como você se sentiu ao ler a estória?

Tente se colocar no lugar de Alexandre. Se você fosse ele, como acha que se sentiria com essa situação?

Se você passasse pela mesma situação, será que, depois do ocorrido, pensaria em alguma coisa diferente em relação ao que aconteceu? Como os fatos dessa estória poderiam ser diferentes? Se você pudesse mudar algum aspecto em como as coisas aconteceram na estória, o que mudaria?

Como você se sentiu com as mudanças feitas?

Você achou que as mudanças deixaram a estória:

( ) melhor                      ( ) pior

Ainda se colocando no lugar de Alexandre, qual das alternativas abaixo seria mais próxima com aquilo que você mudaria? Escolha apenas uma alternativa.

- a) Alexandre chegaria ao prédio 10 minutos depois do desabamento e não sofreria o acidente.
- b) Alguém teria visto, conferido e corrigido o erro na construção e o desabamento não teria ocorrido.
- c) Os bombeiros, mesmo ouvindo os gritos vindos do elevador, ignorariam o chamado de Alexandre.
- d) Apesar de inúmeros erros na obra, o prédio não desabaria.

Como você se sentiu com a mudança feita?

Como acha que Alexandre se sentiria se pensasse dessa forma?

Você achou que essa nova mudança deixou a estória:

( ) Melhor                      ( ) Pior